

ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

Volumes publicados

1. Pedro Penteado – *Peregrinos da Memória: O Santuário de Nossa Senhora de Nazaré*. Lisboa, 1998. ISBN: 978-972-8361-12-9
2. Maria Adelina Amorim – *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos*. Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-20-4
3. *Colóquio Internacional A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu – The Church and the Portuguese Clergy in the European Context*. Lisboa, 2005. ISBN: 978-972-8361-21-1
4. António Matos Ferreira – *Um Católico Militante Diante da Crise Nacional: Manuel Isaias Abúndio da Silva (1874-1914)*. Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-25-9
5. *Encontro Internacional Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão (séc. XII-XIV) – Ecclesiastical Careers in Western Christianity (12th-14th c.)*. Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8361-26-6
6. Rita Mendonça Leite – *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: Da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-28-0
7. Jorge Revez – *Os «Vencidos do Catolicismo»: Militância e atitudes críticas (1958-1974)*. Lisboa, 2009. ISBN: 978-972-8361-29-7
8. Maria Lúcia de Brito Moura – *A «Guerra Religiosa» na I República*. Lisboa, 2010. ISBN: 978-972-8361-32-7
9. Sérgio Ribeiro Pinto – *Separação Religiosa como Modernidade: Decreto-lei de 20 de Abril de 1911 e modelos alternativos*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-35-8
10. António Matos Ferreira e João Miguel Almeida (coord.) – *Religião e Cidadania: Protagonistas, Motivações e Dinâmicas Sociais no Contexto Ibérico*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-36-5
11. Ana Isabel López-Salazar Codes – *Inquisición y política: El gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)*. Lisboa, 2011. ISBN: 978-972-8361-39-6
12. Daniel Ribeiro Alves – *Os Dizimos no Final do Antigo Regime: Aspectos Económicos e Sociais (Minho, 1820-1834)*. Lisboa, 2012. ISBN: 978-972-8361-42-6
13. Hugo Ribeiro da Silva – *O Clero Catedralício Português e os Equilíbrios Sociais do Poder (1564-1670)*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-49-5
14. Anísio Miguel de Sousa Saraiva – *Espaço, Poder e Memória: A Catedral de Lamego, sécs. XII a XX*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-57-0
15. Maria João Oliveira e Silva – *A Escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média*. Lisboa, 2013. ISBN: 978-972-8361-54-9
16. Anísio Miguel de Sousa Saraiva e Maria do Rosário Barbosa Morujão (coord.) – *O clero secular medieval e as suas catedrais: novas perspectivas e abordagens*. Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-59-4
17. António Camões Gouveia, David Sampaio Barbosa e José Pedro Paiva (coord.) – *O concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: Olhares Novos*. Lisboa, 2014. ISBN: 978-972-8361-60-0
18. João Furtado Martins – *Corrupção e incúria no Santo Ofício: ministros e oficiais sob suspeita e julgamento*. Lisboa, 2015. ISBN: 978-972-8361-65-5
19. João Luís Fontes, Maria Filomena Andrade e Tiago Pires Marques (coord.) – *Vozes da vida religiosa feminina: experiências, textualidades e silêncios (séculos XV-XXI)*. Lisboa, 2015. ISBN: 978-972-8361-61-7
20. Luís Leal – *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do Clero português na primeira metade do séc. XX*. Lisboa, 2016. ISBN: 978-972-8361-76-1

**PADRE AMÉRICO
MONTEIRO DE AGUIAR
E A RENOVAÇÃO DO CLERO PORTUGUÊS
NA PRIMEIRA METADE DO SÉC. XX**

Título: Padre Américo Monteiro de Aguiar
e a renovação do Clero português na primeira metade do séc. XX

Autor: Luís Leal

Edição:
Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)
Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt | www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt

Conceção gráfica e Execução:
Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

ISBN: 978-972-8361-76-1

Depósito legal: 419747/16

Tiragem: 400 exemplares

Edição apoiada por:

 **FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**



Este trabalho é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian através do apoio concedido, no âmbito do Programa de apoio a projetos de investigação no domínio da Língua e Cultura Portuguesas, ao projeto “Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do Clero português na primeira metade do séc. XX”. O referido projeto conta com a parceria da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo.

Luís LEAL

**PADRE AMÉRICO
MONTEIRO DE AGUIAR
E A RENOVAÇÃO DO CLERO PORTUGUÊS
NA PRIMEIRA METADE DO SÉC. XX**

UNIVERSIDADE | CENTRO DE ESTUDOS
CATÓLICA | DE HISTÓRIA RELIGIOSA
PORTUGUESA

PORTO 2016

APRESENTAÇÃO

“Senhor Jesus, eu não troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os Membros doentes do Vosso Corpo, considerados sem cura!”¹

Muitos outros pensamentos do Padre Américo Monteiro de Aguiar (1887-1956) poderíamos invocar, para caracterizar aquela que foi a linha maior que orientou e animou e conferiu pleno sentido e coerência a toda a sua diversificada e pródiga ação, ou seja, a Exclusão, traduzida socialmente na sua irmã gémea, a Pobreza. Ao longo da sua vida revelou sempre uma ampla e muito sofrida compreensão da sociedade que integrava e, particularmente, daqueles que, ocupando as margens, viam negligenciados e tantas vezes recusados os seus mais elementares direitos enquanto pessoas e cidadãos. Não admira, portanto, que até ao final dos seus dias nunca tivesse recusado enfrentar e combater a Pobreza – entenda-se, qualquer tipo de Pobreza – com adequados recursos que, não raro, ultrapassavam as suas próprias disponibilidades.

O Portugal da primeira metade do século XX que o Padre Américo conheceu abundava em pobres e excluídos de todas as formas e feitios, incapazes, as mais das vezes, de interpelarem os poderes e as instituições e de interferirem na sua dinâmica. Era uma sociedade que, sob muitos pontos de vista, insistia em acomodar-se nesta, como em outras matérias, a uma inoperante resignação de tradição secular. Porém, o comportamento de muitos não impediu o florescimento de personagens e de obras singulares que, assumindo os males sociais, marcaram a diferença pelas atitudes e pelos métodos com que os abordaram, encetando uma verdadeira revolução no entendimento e na prática da Assistência e da Solidariedade. É precisamente neste enquadramento que se inscreve a

¹ Américo Monteiro de AGUIAR, *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*, 4ª ed., vol. 3 (Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1999), 209.

vida incomum do Padre Américo, que não deixando de ser um homem do seu tempo, foi outrossim um perspicaz visionário do futuro.

A sua multifacetada personalidade e os vigorosos empreendimentos em que se envolveu suscitaram nas últimas décadas um número muito significativo de abordagens e de textos, que se desdobram desde o registo estritamente piedoso e confessional até aos estudos de carácter científico. A obra que agora se publica constitui precisamente o resultado de uma alargada e sistemática pesquisa, levada a cabo pelo autor no quadro de um projeto de investigação desenvolvido no Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa, em parceria com a *Obra da Rua ou Obra do Padre Américo*, e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Nesse projeto, em que se procurou analisar determinadas facetas da ação e do pensamento do fundador da *Obra da Rua* no contexto da sociedade e do clero portugueses da primeira metade do século passado e promover e facilitar o acesso ao seu legado literário, foram eleitos dois objetivos fundamentais, a saber, a realização de uma investigação académica sobre o *perfil teológico* de Padre Américo e, em paralelo, a disponibilização eletrónica do jornal *O Gaiato*, aqui assumido como uma das fontes primordiais para o desenvolvimento da referida pesquisa.

Neste sentido, foi possível, já em abril do corrente ano de 2016, dar por concluído o segundo destes desideratos, tornando acessível uma versão digitalizada (em documento pdf) das 1862 edições do citado jornal, publicadas entre 5 de março de 1944 e 25 de julho de 2015, na área do *website* do projeto especificamente criado para esse efeito².

É chegado, pois, o momento de apresentar e oferecer à apreciação crítica, tanto da comunidade científica quanto do público em geral, os resultados alcançados no âmbito do primeiro objetivo enunciado, propósito este que se cumpre com a presente edição. Mesmo reconhecendo ao leitor a total liberdade no ato de ler e avaliar, não poderíamos deixar de sublinhar o carácter inovador da análise que o autor desenvolveu, privilegiando uma dimensão originária de Padre Américo até agora escassamente tratada. Homem do Evangelho, que fez da Palavra de Deus um permanente e simultâneo ponto de partida e de retorno, não deixou por isso de refletir o seu tempo, os seus contextos e as *eternas* circunstâncias. *Teólogo da ação* chama-lhe várias vezes o nosso autor, e muito bem. A leitura das páginas que se seguem permitirá estabelecer com rigor bastante os contornos precisos de tal epíteto.

Uma última nota gostaríamos ainda de acrescentar. Sendo certo que não compete ao conhecimento histórico de qualquer tempo explicar e menos ainda justificar o presente, a verdade é que quando caminhamos pelas páginas que Luís Leal escreveu, torna-se difícil não estabelecermos um estreito paralelismo entre

² Consulte-se: <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/PadreAmerico/OGaiato/OGaiato.php>

aquilo que o Padre Américo esperava e reclamava da Igreja e aquilo que o Papa Francisco parece também pedir: que os cristãos, e não só os de confissão católica, sejam capazes de entender o mundo através dos excluídos, não para fazer crescer o número dos “dilettantes que discutem a erradicação mundial da pobreza no mundo, mas nada fazem para que isso aconteça”, mas antes para “convocar as capacidades de todas as pessoas – seja qual for a sua ideologia ou religião – para uma política de serviço universal a partir das comunidades e iniciativas locais”³. Certamente Padre Américo se reveria nestas palavras.

Do exposto resulta que o CEHR não podia deixar de acolher o presente trabalho, plenamente enquadrado naquele que é o horizonte primeiro da coleção “Estudos de História Religiosa”, isto é, publicar textos cientificamente válidos, com prioridade para aqueles que são desenvolvidos por jovens investigadores. Neste sentido, resta-nos desejar a todos os leitores uma agradável e proveitosa leitura de tão original quanto promissor estudo.

Luís Carlos Amaral

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
CITCEM-UP; Vogal da Direção do CEHR-UCP)

³ Bento DOMINGUES, «A Igreja e a política: que Igreja e que política? (1)», *Público*, ano XXVII, n. 9686 (23 de Outubro de 2016): 31.

INTRODUÇÃO

O lugar e importância incontornáveis de Padre Américo Monteiro de Aguiar no quadro da nossa História Eclesial mais recente são, para aqueles que se abei(ra)ram dos seus escritos, biografia ou obra social, objeto de profunda convicção e justo reconhecimento. Não obstante, algumas dimensões da sua figura e Obra permanecem ainda envoltas nalguma obscuridade e desconhecimento, mormente no que respeita ao seu pensamento teológico. Partindo desta constatação e dando resposta à urgência que ela significa, o objetivo fundamental do presente trabalho só poderia ser o que deste modo se formula: apresentar aquelas que se nos afiguram como algumas das “linhas gerais” do pensamento¹ teológico de Padre Américo, aqui entendidas e apresentadas como pressupostos hermenêuticos básicos a ulteriores trabalhos de investigação e aprofundamento da compreensão do seu pensar-agir.

Dito de forma mais esquemática e muito brevemente: começar-se-á por situar temporal e geograficamente o Homem e a Obra em questão, aclarando igualmente alguma terminologia aqui adotada, (ponto 1) para, em seguida, se entrar mais a fundo no referido “movimento” da reflexão (ponto 2) que o respetivo subtítulo sugere: apresentar as múltiplas hipóteses de leitura e contextualização deste “pensamento” e apontar, entre elas, aquela que nos parece ser a mais consentânea com o mesmo, bem como as consequências e pressupostos hermenêuticos a ter em consideração. Depois, (no ponto 3) exemplificar-se-á de que

¹ “(...) entendemos ‘pensamento’ do Pe Américo como a ‘reflexão humana’ (o seu pensar) que se prende com o próprio ‘ser’, a significação e a verdade, mas cujo ‘ser’ abre-se ao mundo e à existência dos ‘outros’ seres humanos, numa multidimensionalidade de aspectos sociais e educativos e na admissível unidade que entre si os liga e religa. É um pensamento que se abre aos apelos dos seres necessitados e que se move no ‘encontro’, no diálogo ou na intercomunicação. Na verdade, há na obra do Pe Américo uma dimensão social (filosofia social, filosofia da acção social e/ou pedagogia social), uma dimensão antropológica (o objectivo é o homem em ‘situação-problemática’ existencial de miséria, pobreza e exclusão social), uma dimensão educativa (recuperar e formar para a vida os garotos da rua) e um humanismo personalista cristão (axiológico e ético-moral) de dignificação dos seres humanos desprotegidos.”- Ernesto Candeias MARTINS, *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar* (Palimage, 2009), 260.

forma é que o dinamismo inerente ao modo de pensar-agir de Padre Américo se concretiza, mormente no que tange àquele núcleo teológico fundamental sobre o qual este se erige. A concluir, apresentam-se algumas “quaestiones disputatae”, aqui entendidas quer como “hipóteses de leitura, análise ou investigação futura” desta figura e obra, quer como “problemas a resolver” (“questões disputáveis”) em futuras investigações que se possa, a partir de agora, encetar.

Finalmente, e em anexo, apresentam-se três séries de informações complementares a este estudo e à análise aqui empreendida, ilustrativas, cada uma a seu modo, da “influência” e alcance do pensamento de Padre Américo no quadro do Clero seu contemporâneo:

1. Alguns excertos das “*Normas de vida dos Padres da Rua*”, aprovadas em julho-agosto de 1965, a título experimental, pelos bispos que, à data, ou tinham “*Sacerdotes seus ao serviço da ‘Obra da Rua’*” ou tinham “*a ‘Obra da Rua’ ao serviço da Igreja nas suas Dioceses*”). Estas normas, “*que foram colhidas no contacto pessoal e na meditação dos escritos do Fundador*”, constituem, desde então e ainda hoje, o “diapasão” a partir do qual “afinam” os atuais “Padres da Rua” o seu “Ser” e o seu “Agir”. Assim, pelo contexto em que surgem, pelo seu conteúdo e pelos seus efeitos e aplicabilidade prática-pastoral na vida e na ação dos responsáveis da Obra da Rua, estas Normas são, sem sombra de dúvida, um dos mais eminentes exemplos da atualidade do pensamento de Padre Américo, bem como um dos seus mais evidentes testemunhos, factos que, a nosso ver, justificam a sua inserção neste nosso estudo.

2. Tabelas da evolução do Clero assinante do Jornal “O Gaiato”. Reconhecendo o papel fundamental do Jornal “O Gaiato”, fundado pelo próprio Padre Américo em 1944, enquanto instrumento de divulgação da sua “Obra” e do que nela ia acontecendo, consideramos que uma das formas de resposta à questão da influência do seu pensamento no Clero do seu tempo consistirá na análise quantitativa do Clero assinante do dito Jornal. Por isso, sistematizados os dados recolhidos quer junto da “Obra da Rua-Casa do Gaiato”, quer os hauridos de várias pesquisas realizadas no conteúdo do próprio Jornal, é-nos agora possível apresentar alguns dados fundamentais sobre tal realidade.

3. Mapas da evolução da “dispersão geográfica” do Clero assinante do Jornal “O Gaiato”. Aprofundando a análise que os dados anteriormente referidos permite, sublinha-se e apresenta-se, em síntese, a dispersão geográfica do Clero Assinante do Jornal “O Gaiato”, a partir de vários mapas construídos para esse efeito, a disponibilizar igualmente no sítio do projeto.

A terminar esta Introdução, permitimo-nos ainda manifestar a esperança de que esta nossa análise e os resultados agora apresentados possam constituir inspiração e motivo de um mais profundo conhecimento – e mais justo reconhecimento – deste Homem e desta Obra fundamentais para a compreensão do séc. XX português e portuense.

1. PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR: O HOMEM E A OBRA

1.1. Do Homem

Dizer “Padre Américo Monteiro de Aguiar” ou simplesmente “Pai-Padre Américo” significa referirmo-nos a uma figura ímpar da primeira metade do séc. XX português e portuense (fig. 1), quer no que concerne à nossa História Religiosa e Cultural, quer à História da Pedagogia e da própria Ação Social², âmbitos em relação aos quais tem sido mais profusamente estudado³. A sua bio-

² Não obstante, ainda recentemente, numa obra que se propunha fazer a “história da criança em Portugal” -Maria João MARTINS, *História da criança em Portugal. Desde D. Afonso Henriques até aos nossos dias, um olhar inédito sobre a infância*, 1.^a ed. (Lisboa: Parsifal, 2014) – não se faz qualquer menção à Obra da Rua / Casa do Gaiato nem ao Padre Américo, sob nenhuma perspetiva. É, pois, de registar com alguma surpresa que um tal legado (quer teórico quer institucional), surgido precisamente da necessidade de dar resposta ao problema que a mesma autora repetidas vezes aponta como um dos mais graves do século (a pobreza juvenil) não tenha sido alvo de qualquer menção nesse seu estudo.

³ A atestar esta afirmação temos os estudos (por ordem cronológica): João Evangelista LOUREIRO, *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo* (Paço de Sousa: [Editorial Casa do Gaiato], 1963); Maria Palmira de Moraes DUARTE, *Somos a porta aberta: pedagogia do padre Américo: métodos e vida*, 2.^a ed. (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1985); Manuel Durães BARBOSA, *Padre Américo – Educação e Sentido da Responsabilidade* (Porto: Edições Salesianas, 1988); João Evangelista LOUREIRO, *Um grande educador português do século XX : o Padre Américo e a sua obra pedagógica* (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1996); Ernesto Candeias MARTINS, *O Projecto Educativo do Padre Américo – O Ambiente na Educação do Rapaz* (Lisboa: Temas e Debates, 2004); IDEM, «Intervenção e acção social em prol dos necessitados. A experiência do Padre Américo e da Obra da Rua», *Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras (UNIOESTE – Brasil)*, n. 7 (2005): 111-41; Helena Sousa PEREIRA, *O Padre Américo e a Obra da Rua* (Alêtheia Editores, 2006); Paulo Jorge Neves MOREIRA, «Padre Américo: uma proposta de educação moral» (Tese de Mestrado em Ciências Religiosas, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 2007); Gil Moreira dos SANTOS, *Padre Américo e a Obra de Rua* (Modo de Ler, 2008); MARTINS, *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*; Luís Carlos AMARAL, «O Padre Américo e a Obra da Rua: a santidade como atitude social pedagógica», *Semanário Ecclesia*, n. 1447 (25 de Setembro de 2014): 62-68; DUARTE, *Somos a porta aberta: pedagogia do padre Américo: métodos e vida*; António MARUJO, «Padre Américo, o homem que acolhia os rapazes “lixo das ruas”», *PÚBLICO*, acedido 13 de Março de 2015, [em linha: <<https://www.publico.pt/sociedade/jornal/padre-americ-o-homem-que-acolhia-os-rapazes-lixo-das-ruas-89233>>].



PUBLICAÇÕES PERMANENTES
anúncios e notícias
de interesse da comunidade
religiosa e social
do distrito de Lisboa
e arredores



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Subscrito — Anuidade para CTT a circular em Lisboa — 22 de Julho de 2006 — Ano LXIII — N.º 1627 — Preço 4,50\$ (IVA incluída) — Fundador: Padre Américo — Director: Padre João — Chefe de Redacção: João Mendes — P. 87-7832 — Redacção, Administração, Grande Oficina, Casa da Saúde — 050-075 Paço de Sousa — Tel. 26255868 — Fax 26255874 — Email: ogaioato@net.sapo.pt — Cont. 948958884 — Reg. 3.5.5.2.5. 100386 — Depósito Legal 129

Setúbal

Vivemos em Família

O nosso Conselho Pedagógico-Social foi instituído no dia 4 de Julho. Na presença do nosso Bispo, das individualidades dos Organismos oficiais implicados, dos membros do Conselho, de amigos e dos nossos alunos.

Falámos da nossa Casa e da nossa vida.

Esta Casa do Gaiato completa, no início deste mês de Julho, 51 anos de existência. Foram 51 anos vividos com intensidade pelos pais e senhores que aqui deram e continuam a dar a sua vida, e pelos rapazes que conosco vivem, se preparam e constroem em ordem ao seu futuro.

A vida numa Casa do Gaiato, pela fome de justiça que consume quem nela se dá, e pela fome de pão, carinho e esperança de quem nela se vem abrigar, torna-a um lugar sagrado onde a vida se comunica, em que todos dão e todos recebem, um «estímulo de

alunos», no dizer de Pai Américo, onde a vida se projecta em horizontes de infinito, no quadro temporal que a todos regista.

Dar o pão, levar à escola e acompanhar a sua evolução, incentivar ao desenvolvimento das qualidades próprias da infância, digna e despretensiosa, fazer a ponte com o Criador e Senhor da Vida, que transforma os limites e fraquezas pessoais em trampolim para uma maior humanidade humana, dar a família, sempre presente e actuante em todas as horas do dia, dar o repouso, o descanso físico, mental e espiritual, em cada dia de forma mais exigente nas férias e em outros momentos do ano, com pais, o sol, a natureza, a reflexão serena e confiante na vida pessoal e comunitária, pôr à disposição o engenho e as potencialidades do conhecimento humano no trabalho, recreativo e no desenvolvimento das faculdades humanas, são tarefas de cada dia que nos compo-

tem a todos na Casa, dirigidas ao serviço do Rapaz e por causa dele, possumo o nome «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes».

Cultivamos uma vida simples que não simplifica. As crianças, pela sua própria natureza, são afeitas à simplicidade. O seu encanto e graça vem-lhes desde do natural que possuem. É este o ambiente que melhor se lhes adequa e favorece.

O contacto com a natureza, com a vida a desdobrar e em transformação, está precisamente na linha da própria experiência vital que a criação experimenta em si mesma e que lhe vai dando oportunidade de integrar pacificamente o seu presente, de curar as mágoas do passado e, com a nossa ajuda e se necessário de técnicas especializadas, projectar o seu ser num futuro bem integrado.

O nosso viver assenta antes de tudo na generosidade de quem se dá e de quem dá do que é seu. É este o caminho da multiplicação de vida, o caminho mais eficaz e proveitoso para o indivíduo e para a sociedade. O nosso negócio não é de dinheiro, antes de uma actividade com mira apontada na dignidade de cada dia que nos compo-

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Encheu Portugal no século XX

PAZ Américo morreu há cinquenta anos. Foi a 16 de Julho de 1956. Este nome, a sua história pessoal e acção evangélica, insuperáveis, encheram o Portugal do século XX de respeito e admiração. Depois dele, a sua Obra. Também nós, cristãos, beneficiámos da sua existência. O seu testemunho ultrapassou as fronteiras da Obra da Rua, convertendo-se em património espiritual da própria Igreja, com desafios à criatividade evangélica. As vocações de consagração especial não deixam de encontrar nele um referencial significativo. De entre todas, a vocação sacerdotal. O Padre Américo era um Homem do altar de Cristo Sacramente. Nele encontrava todo o sentido das coisas que finis e dos pontos que dura. Para o altar levava o coração ferido pelos males alheios a que tinha sofrido o seu coração no caminho dos Pobres; do altar lhe nascia o fogo divino da caridade que o impelia sempre e sempre mais a ler na vida dos Pobres a página viva de Jesus; vida escondida em Nazaré, vida pública na Palestina, testemunho consumado no calvário. O Evangelho era o seu único livro, que incentivava com o odor dos Barrocos e da manjedora, porque nelas se imolava, escondido, o Filho Único de Deus. Homem da Eucaristia, memorial do sacrifício de Cristo pela redenção do Homem todo, corpo e alma. Por isso, nela se celebrava sempre a acção do poder do Pão Divino com a incanescência de partilhar o pão do corpo, pois que comungar sem, sem sentir o compromisso da partilha do outro, não vale...

Padre Américo, modelo de sacerdote e pastor — «Pela alma sangram os pobres da rua até ao fim...» — A Alma: O homem vivo, o homem todo, a pessoa toda. Leituras que tocam do Evangelho como a fonte do nascente.

No cinquentenário da sua morte vamos por aí fora até junto do seu túmulo, campá rasa na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, beijando o chão do altar. Realiza, tal como a sua vida mortal: a junção definitiva do único e mesmo mistério de Morte e Vida de que a Eucaristia é memorial. Iremos como peregrinos do mistério que encheu de sentido a sua vida: Jesus Cristo e Jesus Cristo Crucificado, deixando-nos embeter do mesmo espírito que ali está o povo anónimo, cético, que já o beneficiou no altar do seu coração, recordado pelas maravilhas que Deus realizou ao longo destas décadas em que a Obra da Rua tem continuado o seu testemunho.

Não se entenderá bem a acção da Obra da Rua sem estar disposto a pensar, humildemente, no mistério que está na sua origem. Por isso, os seus resultados ultrapassam a matéria das técnicas pedagógicas; pressupondo-se, ultrapassando-as: «É preciso pôr Deus no Seu lugar...» — dizia sublimemente o Padre Américo e, em matéria de educação, para nós, isso é um património inquestionável; o verdadeiro alicerce.

Padre João

Cinquentenário da morte de Pai Américo

Nestes dias, cinquenta anos após a morte de Pai Américo, é bom lembrarmos-nos da sua figura cristã, não que isso O honre — acreditamos que ele está com Deus e não pode haver glória maior nem mais extensa do que esta — mas porque precisamos de pôr, mais uma vez, diante dos olhos do nosso coração a guerra e a paz que com ele viveu esta fita que nos ilumina e O abraçamos.

Este Homem não se ficou nas coisas ditas, muito menos com superficialidade os jogos de vida mais ou menos. Não oscilou entre viver segundo as conveniências do mundo, a vida eclesial do seu tempo e a notície clerical. A sua vida foi um sim radical e continuo a Deus, desde a hora em que sentiu a Sua chamada.

Logo no diaconato para se obrigar a uma vida semelhante à de Jesus de Nazaré e ainda com alguma inamabilidade, fez voto de pobreza. Quis ser pobre por devoção e deixou esta regra aos seus continuadores. «A nossa pobreza é a nossa riqueza».

Proteção pelos mais pobres e sofrimento como instrumento de evangelização — os ricos também precisam de se salvar, pois, como todos, são chamados à Eternidade. Há que lhes pregar os Pobres. Com eles a justiça obrigava-os, assim, a repartir os seus bens, fazer cominho com os outros e entrar pela «porta estreita».

Com o Estado foi exigente. Nunca se apresentou como tarefeiro dispendioso, dependendo dele com acordos nem se lhe submeteram em nada. Se batia as portas dos ministérios a pedir para os Pobres, fazia-o mais como quem exige por justiça, do que quem solicitava para ficar a dever favores de qualquer espécie, muito menos sujeição política. Nunca se afastou do lugar de enviado divino consciente que o seu chamamento era fazer justiça.

«Deus não faz a aceção de pessoas». Quem ama a Verdade e pratica a Justiça é aceite por Ele.

Compromisso vivo e actualizado constantemente cada vez com mais vivacidade.

Deixou claro que cada frequência deve cuidar os seus Pobres. Disse-o por sentir que cada paró-

quia precisava de se tornar uma comunidade viva, comprometida no apostolado, na promoção da Justiça real e utilizando os Pobres e os mais fracos como argumento motivador de fazer cominho os bens entre todos e de exigir com Autoridade real a partilha dos direitos aqueles que detinham o poder político e controlam o económico.

Mesmo a fazer o bem e a exigir-lo apresentava-se sempre de cabeça levantada porque pobre.

As Casas do Gaiato — como estas de família — são um modelo de ambiente de qualidade, de nível elevado e nunca ultrapassável porque correspondem, de raiz, a um dos primeiros direitos da criança, do jovem do adulto: — ter uma família.

O Padre Américo, tornou-se, fez-se Pai naturalmente por correspondência à pureza da sua fita. Um Pai vive para os seus filhos — não para si.

A fita não precisa de inventar nada, exige, sim, que se viva.

Transformou-se num grande educador de princípios novos e inovadores que poderão ser aperfeiçoados, mas nunca ultrapassa-

dos pelo facto de viver com um Pai de família que ama vivamente os seus filhos e deseja para eles o melhor: — Vir a nascer com eles à mesa no Reino de Deus — fazer deles Homens com capacidade de receberem esta graça — a maior de todas.

Agora, por Lisboa, querem inventar semelhanças de famílias para crianças privadas delas com técnicas e meios não sei qual. A família só se faz com amor e estrutura-se pela doação total.

Então as Casas do Gaiato não o foram desde sempre? Porque

não se lhes reconhece esta índole e as perseguem tanto?

O Padre Américo é um educador social e apostólico. Estão aí os seus pensamentos e os seus escritos e, sobretudo, as suas Obras.

O Património dos Pobres — iniciativa nacional tendo como suporte jurídico a paróquia, promovendo a consciência, o desenvolvimento e a actualização de metodologias para famílias incapazes de se construírem, ampliarem ou modernizarem.

Continua na página 4

Fig. 1 – Notícia assinalando o 50.º aniversário da morte de Padre Américo.

Fonte: O Gaiato, Ano LXIII, n. 1627 (22 de Julho de 2006).

grafia é, no mínimo, peculiar; o seu pensamento, embora assistemático, manifesta uma singularidade e um carácter inovador que a não poucos já intrigou⁴; a sua personalidade, tão arrebatada quanto arrebatadora, a muitos seduziu e ainda hoje continua a seduzir para aquela que foi e continua a ser a sua “Obra”. Não será, por isso, surpreendente podermos registar múltiplos epítetos que lhe foram sendo atribuídos, sempre com o intuito de neles condensar o essencial da sua vida e legado: “Apóstolo dos tugúrios”⁵, “Revolucionário do amor”⁶, “recoveiro dos pobres, revolucionário pacífico, pedagogo e modelo de caridade, educador da liberdade, místico na ação, empreendedor social, mestre [artista⁷] da palavra, renovador de mentalidades, percursor do Vaticano II...”⁸. O Padre Elias, pioneiro na tarefa de esboçar uma “biografia” de Padre Américo⁹, acrescenta ainda os de “Apóstolo da Caridade”¹⁰, “Homem de Deus’ à moda de Vicente de Paulo”¹¹, “Homem das Dores”, “Missionário do Padre Eterno”¹², enquanto Manuel Simões o apelida, singela mas certamente, de “evangelista dos pobres”¹³.

Enumeram-se aqui apenas alguns desses “apodos”, a que corresponderão outros tantos olhares sobre a sua personalidade, mas que dificilmente esgotarão – cada um por si ou mesmo todos em conjunto – o que haverá a dizer deste homem da Igreja Portuguesa do século passado (fig. 2, 3 e 4). Mas, e se o questionássemos diretamente sobre o que melhor o define? O que diria ele de si mesmo?

⁴ Ver nota n.º 4.

⁵ Assim se lhe referiu D. António Ferreira Gomes, nas Exéquias que assinalaram o 30.º dia do seu falecimento, na Igreja Trindade (Porto). – «Por alma do P.e Américo. Foram, ontem, celebradas exéquias no Porto (...)» in *Jornal Novidades*, Ano LXXI, n.º. 19955 (18 de Agosto 1956), 5 apud Ernesto Candeias MARTINS, «Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade», *Estudos N. S.*, n. 6 (2006): 280.

⁶ Henrique Manuel PEREIRA, «Américo Monteiro de Aguiar: para uma bibliografia», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 8-9 (1997 de 1996): 649-80.

⁷ Ernesto Candeias MARTINS, *Padre Américo. O destino de uma vida* ([s.l.]: Editalma, 2012), 216-229.

⁸ Henrique Manuel PEREIRA, «Como se da estátua brotassem flores», *Jornal Público*, 3 de Setembro de 2014, [em linha: “<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/como-se-da-estatua-brotassem-flores-1668558>”].

⁹ Padre ELIAS, *O pai Américo era assim*, 1.ª ed. (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1958). Deve-se precisar que esta obra não consiste numa biografia *stricto sensu* mas antes numa compilação de textos e referências anteriormente publicadas no “Correio de Coimbra” e no jornal “O Gaiato”, visto que, nas palavras do autor, “não fui eu o seu companheiro desde as primeiras horas, nem tão-pouco o seu confidente mais íntimo (...). Não fui testemunha ocular dos muitos factos que este livro narra. Fui apenas o respigador da doutrina largamente semeada (...). De maneira que o presente livro, pode chamar-se e é de facto uma auto-biografia. É o próprio Pai Américo que descreve a sua vida.” (*Ibid.*, 8.).

¹⁰ ELIAS, *O pai Américo era assim*, 7.

¹¹ Epíteto e comparação esta de que Padre Américo era alvo já em vida, como o próprio relata: Américo Monteiro de AGUIAR, *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*, 5.ª ed., vol. 2 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1990), 262.

¹² ELIAS, *O pai Américo era assim*, 8.

¹³ Manuel SIMÕES, «O Padre Américo, evangelista dos pobres», *Brotéria* 126, n. 2 (1988): 201.



A devoção decidida do padre Américo lançou-o corajosamente numa bela obra que será o grande monumento à sua memória

(Continuação do artigo anterior)

Em 1928, Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Em 1928, Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Em 1928, Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Em 1928, Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Em 1928, Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Padre Américo, então jovem sacerdote, lançou em Portugal a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos. Esta obra, que se tornou um dos seus maiores trabalhos, foi a obra de protecção aos rapazes da rua, que se tornou um dos seus maiores trabalhos.

Fig. 2 e 3 – Notícia alusiva à morte de Padre Américo.

Fonte: O Diário de Lisboa (16 de Julho de 1956).



Fig. 4 – Notícia alusiva ao funeral de Padre Américo.

Fonte: O Primeiro de Janeiro (18 de Julho de 1956).

Lidos os seus textos, escutados diversos testemunhos de quem com ele privou¹⁴ e compaginados os dados recolhidos com o que sabemos da sua rica biografia, eis o que, certamente, nos responderia: “[Sou um] *Homem rico que a meia idade se fez pobre, por amor da Santa Pobreza de Jesus Cristo*”¹⁵. Esta sua humildade arrebatadora, aliada a uma personalidade fortíssima, de ideias cristalinas como água mas firmes como rochas, levava-o a resistir forte e intransigentemente a qualquer tipo de vaidade (particularmente as de título pessoal). Por isso, de si mesmo apenas se “atrevia” a dizer ser uma espécie de “*revoltado pacífico*”¹⁶, um “*D. Bosco Lusitano*”¹⁷, um homem de e da ação e não tanto “de letras” – apesar de portador de uma inegável cultura¹⁸ e de um inconfundível estilo de escrita¹⁹ – e que, também em consequência disso, dizia igualmente que nunca haveria de ser escritor²⁰, mesmo que para alguns ele fosse “*um dos maiores prosadores do seu tempo entre nós*”²¹:

“Costumo ser muito gabado pelos meus dotes (dizem) de escritor. (...) Ora a verdade é que eu nunca dei fé de tal. As coisas saem-me da pena como o leite do peito

¹⁴ Leia-se, a este respeito, os artigos intitulados “Facetas de uma vida”, publicados no Jornal “O Gaiato” a partir de 18 de agosto de 1956 até 1986, e que, no dizer do seu coordenador, são uma “*coleção de apontamentos ou de retratos parciais, em ordem à oportuna, séria e amadurecida confeção de uma biografia intencionalmente objectiva (quero dizer: honestamente histórica) e nada mais*” – «Facetas de uma vida», O Gaiato Ano XV, n. 387 (10 de Janeiro de 1959): 1. Sobre a relevância destes testemunhos, é justíssima a avaliação de Henrique Manuel Pereira: “*O Gaiato é tesouro*”. – Henrique Manuel PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo* (Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2015), 53. Merece igualmente registo o mais recente trabalho editorial de José da Cruz Santos (Coord.) SANTOS, *É tempo de falar do Padre Américo. Desenhos, pinturas, poemas & outros lugares poéticos*, 1.ª ed. (Porto: Modo de Ler, 2016)., obra que, assinalando os 60 anos da morte de Padre Américo, recolhe textos-testemunhos de sete bispos próximos da Obra da Rua e do seu fundador e de três dos seus atuais “Padres da Rua”, bem como 23 “desenhos & pinturas” e 37 “poemas & outros lugares poéticos” de outros tantos autores a quem a figura, obra e mensagem de Pai Américo não deixou indiferentes.

¹⁵ ELIAS, *O pai Américo era assim*, 7.

¹⁶ Américo Monteiro de AGUIAR, *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*, 1.ª ed., vol. 3 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1999), 97.

¹⁷ IDEM, *Viagens*, 2.ª ed. (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1973), 135.

¹⁸ “*Há, contudo, indicadores – colhidos, na generalidade, das cartas [de Padre Américo] trocadas com Simão Neves, tornadas públicas em O Gaiato, na rubrica “Facetas de uma vida” – de que Américo de Aguiar era homem atento aos dinamismos da cultura.*” Em nota, são referidos alguns títulos de revistas e estudos lidos por Padre Américo, dos mais variados quadrantes do saber. São enumerados igualmente romances (“Deserto” e “Cathedral” de Manuel Ribeiro) e biografias “de Garrett, Dickens, Antero, João de Deus e tantos outros”, bem como outros autores e livros que Padre Américo terá lido (como Rousseau, ou as “*Prosas dispersas*” de Junqueiro e “*Muito Eça*”), elementos que atestam igualmente o espírito culto e eclético do nosso autor. Cfr. PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 57-60.

¹⁹ Que, de acordo com o mesmo Henrique Manuel Pereira, “*lembra Eça de Queirós (...) e também Guerra Junqueiro*” – *Ibid.*, 59.

²⁰ Ver, sobre esta sua “faceta”, MARTINS, *Padre Américo. O destino de uma vida*, 213-244.

²¹ Zacarias de OLIVEIRA, «O Cantador», *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)*, n. 1 (1972): 32. Apud PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 61.

das mães que amamentam. Os filhos é que o puxam. Assim estes meus. São eles, a bem dizer, que fazem o jornal”²².

Contudo, e não obstante tal desencontro de opiniões sobre a sua figura e capacidades “intelectuais”, era alguém plenamente cômico da sua “missão” (no mundo) e “lugar” (na História). É ele quem afirma, bem ao seu estilo:

“O Padre Américo tem de morrer e o nome dele ficar nos alicerces da Casa do Gaiato, escondido: se o grão de trigo ficar à vista não dá pão. Não é modéstia: é amor à Criança abandonada. É política...do Pai Nosso”²³.

Permitindo-nos sublinhar o alcance antropológico, biográfico e teológico desta citação, sugerimos que se atente igualmente no título do texto-artigo de onde a mesma é retirada: “*A batina negra é bênção e maldição*”. Com efeito, como sucede com tantos outros títulos, textos e afirmações suas, quem não vislumbra neste enunciado, não apenas uma “tese” – que a vida da figura em questão tantas vezes confirmou – mas igualmente uma expressão cabal de um “modo de ser” e de “estar no mundo” deveras peculiares, dificilmente compreenderá o alcance da “nota” de Padre Avelino Soares que preside à primeira página da edição n.º 340 do jornal “*O Gaiato*” (16 de março de 1957), publicado quase um ano depois da morte de Pai Américo:

“(...) o Padre Américo era Padre cem por cento. Não vale, porque é falsa e mal intencionada, a insinuação que aflorou aqui ou além de que era, simplesmente e por índole natural, uma pessoa extremamente bondosa, atormentada pelo sofrimento dos pobres como ninguém no seu tempo; aconteceu de envergar uma batina que lhe permitia dizer impunemente coisas duras aos grandes deste mundo; mas os problemas da Igreja e do Reino de Deus não eram contas do seu rosário. Contra tal tentativa de laicização do P.e Américo grita todas as palavras que saíram da sua boca ou escorreram da sua pena”²⁴.

Embora concordando com o que Henrique Manuel Pereira defende – “*Sendo tudo isso* [revolucionário, pedagogo, educador, místico, empreendedor, mestre..., Padre Américo] *não cabe em nenhum espartilho. Padre Américo torna impossível*

²² Américo Monteiro de AGUIAR, *Correspondência dos Leitores* (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1988), 73.

²³ IDEM, *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*, 1.ª ed., vol. 4 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1984), 34.

²⁴ Pe. Avelino SOARES, «Facetas de uma vida», *O Gaiato*, n. 340 (16 de Março de 1957): 1.

qualquer definição.”²⁵ – consideramos que tal “reserva” não nos deve impedir de tentar uma diferente “aproximação” à sua figura e legado, ainda menos se esta nossa for uma “releitura” ou “reinterpretação” que tente ser integradora de toda a sua Obra. Porque, *a fortiori*, toda e qualquer aproximação que a ele fizermos será (deverá ser) expressão do reconhecimento da evidência do lugar cimeiro por ele ocupado no panorama religioso e social do século XX português, tal como o fez a Conferência Episcopal Portuguesa, na sua Nota Pastoral comemorativa do centenário do seu nascimento:

“O Padre Américo, pelo que foi, pelo que fez e pela obra que realizou e que perdura, em favor dos mais desprotegidos da nossa sociedade, foi um homem que deixou mais rico Portugal. E foi um Padre que, encarnando com generosidade e realismo o espírito do Evangelho, se tornou sinal do amor infinito e eficaz de Deus. A história da Igreja entre nós neste século não se poderá fazer sem lhe reconhecer lugar de primeiro plano.”²⁶

E, se necessidade houvesse de justificar, uma vez mais, a oportunidade (e necessidade de aprofundamento posterior) desta análise, cremos residir aqui o melhor “argumento” a apresentar.

1.2. Da obra

Introduzida que está a questão em torno do “homem”, é chegado o momento de tecer algumas considerações acerca da sua “obra”, começando por uma necessária clarificação terminológica. Com efeito, à expressão “obra do Padre Américo” corresponde uma duplicidade semântica que convirá concretizar: por um lado, aponta tal expressão àquela dimensão institucional do seu legado (e porventura mais conhecida), comumente denominada “Casa do Gaiato-Obra da Rua”. Está esta concretizada em três principais eixos:

a) a “Casa do Gaiato-Obra da Rua ou Obra do Padre Américo” propriamente dita (fig. 5), ou seja, uma Instituição Privada de Solidariedade Social cuja missão visa providenciar o acolhimento, educação e (re) integração na sociedade aquelas crianças e jovens que, privados do seu meio familiar normal e cujo contexto particular de pobreza não encontra resposta no quadro das demais Instituições (públicas ou privadas)²⁷. No dizer do próprio Padre Américo, “*A Casa do Gaiato*

²⁵ PEREIRA, «Como se da estátua brotassem flores».

²⁶ Cfr. Moreira das NEVES, *O Padre Américo*, Col. «Homens de Deus» 9 (Lisboa: Edições Paulistas, 1987), 8. A referida Nota foi publicada originalmente na Revista *Lumen*, n. 48 (1987): 4-6.

²⁷ Para a história desta Instituição, consultar Américo Monteiro de AGUIAR, *Obra da Rua*, 5.^a ed. (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 2012).

21

<i>Freguesia</i>		<i>Concelho</i>	<i>Diocese</i>
Paço de Sousa	13	Penafiel	Porto
Galegos	12	"	"
S. Mig. de Paredes	1	"	"
Cabeça Santa	6	"	"
Laçares	4	"	"
Parada	4	"	"
Rans	5	"	"
Miranda do Corvo	7	Miranda do Corvo	Coimbra
Lavos	1	Figueira da Foz	"
S. João da Madeira	2	S. João da Madeira	Porto
Canelas	1	Gaia	"
Paredes	1	Paredes	"
Tojal	5	Loures	Lisboa
S. Mart. do Campo	1	Valongo	Porto
TOTAL . . . 65 casas			

Melres construiu	6	comparticipámos	35	contos
Fontelo	3	"	12	"
Fontelas	4	"	12	"
Tomar	5	"	21	"
Marinha Grande	2	"	12	"
Cinfães	5	"	12	"
Urgeses	4	"	12	"
Alcanena	2	"	12	"
Águeda	3	"	12	"
Amarante	6	"	15	"
Penafiel	2 grandes blocos	"	13	"
Braga	9	"	24	"
Esporões	2	"	12	"
Eixo	2	"	12	"
Coimbra	4	"	60	"
Barcelos	1	"	12	"
Carvalhido (Porto)	4	"	50	"
Recarei	2	"	12	"
Barbacena	2	"	12	"
Mirandela	4	"	12	"
Torres Vedras	4	"	10	"
TOTAL . . . 74 casas participadas				

1) Estes números referem-se a 1952. Actualmente, porém, passam de 3.000.

Fig. 6 e 7 – Tabelas-resumo das “Casas do Património dos Pobres” existentes no país e da respetiva comparticipação da “Obra da Rua” na sua construção. Em nota pode ler-se: “Estes números referem-se a 1952. Actualmente, porém [ou seja: em 1954, data da publicação destes dados] passam de 3.000.”

Fonte: Américo Monteiro de AGUIAR, *Ovo de Colombo*, 1.ª ed. (Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1954), 81-82.

é uma Obra eminentemente social e familiar. Não tem pautas nem estatutos nem regulamento – nem orçamento!”²⁸.

b) as Casas do “Património dos Pobres”²⁹, (fig. 6 e 7) mandadas construir a partir de 1951, “inspiração” de Padre Américo que obedecia a uma máxima: “*Cada freguesia cuide dos seus Pobres*”, e que o mesmo descreve nestes termos:

“Obra urgente e inédita» que aloja os sem-abrigo – e sacode o País da inércia quanto ao problema habitacional dos Indigentes. Foram construídas mais de 3.500 moradias em Portugal, Madeira, Açores, Angola e Moçambique, propriedade das Comissões Fabriqueiras, visto que o Património dos Pobres é uma Obra essencialmente paroquial e, actualmente, envereda pelos chamados ‘pequenos auxílios’ a famílias de trabalhadores que se dispõem, heroicamente, a erguer suas próprias moradias em regime de Autoconstrução”³⁰.

c) a “Casa do Calvário”³¹, (fig. 8 e 9) fundada a 16 de julho de 1957, por Padre António Baptista dos Santos, um dos continuadores da Obra de Padre Américo, em Beire (concelho de Paredes, distrito do Porto), destinada a albergar os “Doentes pobres incuráveis e abandonados”³², é outra das “valências” da “Obra da Rua” que, não sendo (nem pretendendo ser) uma instituição de carácter hospitalar, tem como principal característica o de ser um espaço onde convivem, em registo “familiar” e de “entreaajuda”, doentes (físicos ou mentais), voluntários, enfermeiros, convalescentes e incuráveis... No dizer de Pai Américo esta é uma casa onde...

“Não há o criado. Não há verdadeiramente o enfermeiro. Procura-se tornar válido o Inválido, para que esqueça e seja alegre. É uma Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes.(...) Mas ele existe também uma outra modalidade de assistência que o Calvário deseja e se propõe servir. São os convalescentes... O Doente tem alta; não permanece. A razão é sempre a mesma. Tornamos a perguntar: Para onde vai? O Calvário espera-o”³³.

Por outro lado, e de forma não somente “complementar” mas, em meu entender, numa relação que é de “essencialidade”, temos a concretização literá-

²⁸ *Ibid.*, 43.

²⁹ Ver os seus “Estatutos” em IDEM, *Ovo de Colombo*, 1.ª ed. (Paço de Sousa: [Editorial da Casa do Gaiato], 1954), 94-99. e duas listas que dão notas da sua existência/construção: *Ibid.*, 81-82.

³⁰ IDEM, *Obra da Rua*, 248.

³¹ *Ibid.*, 131-136.

³² *Ibid.*, 248. Ver, a este respeito, a “formulação teórica” do seu Fundador quanto à necessidade e missão na criação desta Casa: Américo Monteiro de AGUIAR, *Notas da Quinzena* (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1986), 367-369.; IDEM, *Doutrina*, vol. 3 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1980), 199-200.

³³ AGUIAR, *Obra da Rua*, 133-134.

FUNDADOR — PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA D.A. BEA — Direção e Edição: PADRE CARLOS Ano XIV N.º 349 — Preço 1800
Redação e Administração: Comp. e Imp.: Casa do Galvão — Paço de Sousa 27 DE JULHO DE 1957

CALVÁRIO

Eu tomo a palavra da Preleza e digo aqui, falando em mistério, que a morte do Justo, se chama Triunfo.

16 de Julho de 1956 — Pai André triunfa: passa da vida à Vida por sobre um alívio que se chama morte; responde presente, à chamada de Cristo: cidade bendita de

pela. A minha dominial. O anjo da doutrina cristã. A primeira das orações: qualificações. Os Sacramentos: — por-lhes a cruz, chamando ao lanqueito a chorar se eles não quiserem vir. Chorar se tomam, perdão. O que Pai André diz a respeito dos rapazes, é verdade a respeito das doentes.

vário. Uma fotografia que ali vai na mostra junto ao altar de São João.

Na «Casa Esperança» fica o casal. Senhor Albino é o irmão. Ti Adalberto, uma valente sobrevivente, válida ainda apesar de bem doente e, sobretudo, muito, muito alegre. Como a Obra é de doentes, para doentes, pelos doentes, há-de ser ela a fazer a vida para a pequena comunidade. Viviam no Barredo, não longe da 34, quarta de um pequeno porcelão. Ela ia ao papel. Ele, de afilhado que foi, há muito que não podia trabalhar. A renda e o pão de cada dia era uma aventura que Deus sempre resolveu pela caridade, que pôe no coração das mulheres. Agora a aventura não mais, voltará a ser.

Na «Casa Graça e Deus», a primeira do Calvário, ficam o Manuel, a Senhor Adalberto e o Alfredo. Este é um rapaz ainda novo. Era fustador. Depois veio a doença. O corpo foi perdendo a forma. Estava na Casa dos Pobres em Santo Ovídio, sob promessa de passar para o Calvário logo que este abrisse. E lá na que é ser.

O Manuel é de Paredes. Ainda pouco doente. Tem paralisia, mas dá uma passada entre duas bengalas. Parece o mais doente. Os outros dois, combateram fustas a uma vi-

«A inocência é sempre feita da Cruz».

dação que ele não podia. Mas a primeira manhã, quando se levantaram, foram dar com ele em pé e quarto arredado. O Sr. Adalberto regula os mesmos anos. O doente do coração e morte sem dificuldade. Morreu por causa de uma correfeira aberta em uma noite em Guardalupa da Mãe. Não tem ninguém, e não se a pobre família que lhe dava abrigo e o valho, que também de outras

recorria por causa. Com tal recomendação quem podia resistir?

A «Casa Graça de Deus» tem cinco quartos. Mais dois ocupados estavam marcados. Um verificou-se à última hora não estar nas condições, recuperada. O outro chamado «Deus em resposta de não o chamarmos. Deus o tenha na eterna glória e não-lo dê como interessado.

Boas Notícias

Tal como o ano passado, depois da 16 de Julho, que é dia Natal para a Obra de Deus, sentamos em torno de nós um reforço de simpatia. Quantas lembranças pedem por esse país alibi... Muitas e muitas terras ainda a

missão foi concorrida como nos douzinhos. Párcos, Párcos, Vintinhos, instituições, administração, amigos, irmãos — de todos, estas coisas houve quem tomasse a iniciativa. Eu ad aqui anotei uma em especial. Foi em Paços de Ferreira. O Jaime e o Ventura, dois irmãos que foram nossos, durante vários anos e agora ali trabalham, mandaram recheir a missa de sufrágio a que a vila assiste.

Aqui apareceram muitos rapazes que já andam por fora. Ali o Xico, irmão de Rui Teodoro e de Maximiano, mudou sua mulher. Muitas cartas e bilhetes com palavras cheias de espírito. De algumas, eu dou aqui a tona de quem todas:

«Não podia deixar de estar convívio neste dia glorioso, não, mas tão triste para os torrenses como eu.»

«Não venho por Ele, mas a Ele que interessará por nós junto a Deus.»

«Faz um ano que partiu o nosso querido Pai André. Tenho aqui, na minha casa de trabalho, duas crianças d'Ele com o nome d'Ele mais velho. Ele portanto me está vendendo. Cont. na página Três

Os primeiros habitantes do Calvário: Alberto, Sr. Albino, Ti Adalberto, Sr. Manuel e Sr. Adalberto.

meu Pai... porque enquanto fustas na minha pequenina dos irmãos, foi a Mim.»

Não podia ser de toda fustas a comemoração de tal data. Desde a primeira hora o desejo de todos foi que ela fosse uma afirmação da vida, justamente a recheia do primeiro fruto da última semente que Pai André — ele mesmo — semeou nosa! — nos deixou.

O Calvário abriu. Começa uma etapa nova da nossa calvária, mas a Espírito Santo há-de guiar nossos passos, como guio os dele, no caminho da Obra que Deus sugeriu e que mostra querer.

Ao abraço longo do seu tempo. Porão, duas casinhas ficaram: prontas e em acabamento — hospital — Casa-Mãe da pequena aldeia de Invereados.

O abraço, então, foi a benção da capela, o antigo esplanado. «A casa de pão deu lugar à Casa do Pão Vivo doente das Cães para alimento das almas.»

A capela é o coração da nossa comunidade. «A vida religiosa seja o centro. As grandes aflições das Párcos de Deus também aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos nossos rapazes, sangrem os pedras até ao fim. A nossa co-

Por isso que seu coração não há vida, não não queremos que o Calvário abraze uma a sua capela. A benção e a Santa Missa foram o abraço central daquele dia.

O abraço, digo, porque os protagonistas como foram os primeiros habitantes do Cal-

Para o Calvário entra-se por aqui.

Fig. 8 — Notícia alusiva à inauguração da “Casa do Calvário” (Beire — Paredes).

Fonte: O Gaiato, Ano XIV, n. 349 (27 de Julho de 1957): 1-2.

25



Fig. 10 – Primeira página da edição especial comemorativa do 50º aniversário do Jornal “O Gaiato”.

Fonte: O Gaiato, Ano LI, n. 1304 (5 de Março de 1994): 1.

2/O GAIATO

5 de Março de 1994



Fotocomposição, impressão, dobragem e expedição do «Famose» — obra dele, por eles.

O GAIATO vive na alma de gerações de gaiatos

Regresso às fontes

NUNCA é demais falar d'O GAIATO com humildade — a verdade. Ele é também um pouco do nosso ser, estar, agir... desde a primeira edição, a 5 de Março/44.

Em nossas mãos jovens, d'alma quente, levámos o sacro Peto Ista. Alagado na música que Pai Américo insuflava com alegria, com amor. Distribuímos o Famose com entusiasmo: nos cafés, nos eléctricos, nas ruas, às portas das igrejas.

— O Padre Américo manda-vos... põe rua? Iza um grito novo — uma nova Pedagogia... Caríssimos deprecia os genes do velho burguês. Os pontos de admissão... tornam-se menos siados, cada vez mais adocados. Em todo o lado... pegavam em nossas mãos. Até um ou outro sacralista não deixando de nos incomodar, de nos correr dos adens das igrejas — já simonizados com a Mensagem do pequenino Desordenado!

Poi esta Mensagem que levamos encordada ao peito, que abia também o coração dos tripulantes; estendendo-se ao mundo português — e não só.

Foi o carinho de tantos Amigos que nos acudiam como se fôssemos da família.

Foi um grande salto em mentalidade criada ao longo de séculos (...) — que se desvanecia.

Foram esses quadros riquíssimos de parábola, de fraternidade, que motivaram Pai Américo a escrever belíssimos textos que são uma antologia do seu carisma de Escoteiro. «Paulo fazia escoteiro. Paulo botava redes. Eu faço jornais. Tudo é trabalhar para o mesmo Cristo!» — disse.

«E dos bons produtores portugueses do nosso tempo», — comenta o Prof. Agostinho de Campos — «produtiva, nervosa, cheia de carácter, e que sabe desviar a naval e o perigo, no seu estilo, a tradição clássica e a realidade popular».

Ao longo de cinquenta anos o Famose é, e será, uma tribuna de gerações de gaiatos, nesta Onda de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Dilectos simples, lúctos de submissão. Alguns dotes com veia poética. Que flossem hienados.

Faz bem um regresso às fontes!

Podemos as gravações de crónicas, gráficos, dobradores e dos distribuidores do Famose que partilhavam vivências com os nossos Leitores. Nem todos apareceram. Outros, Deus leve-os. Mas o pequenino grupo que aí vai, supõe a voz dos ausentes em dada féla. Hoje, o nosso Jornal tem uma tiragem de 73.000 exemplares, quase 60.000 Anónimos! Pai Américo e o nosso Deus cunham de Mãos O GAIATO e dêem Força para continuar!

Júlio Mendes

Foi assim

POIS aqui vai a minha resposta ao apelo do Júlio Mendes.

No momento, estava eu a ler s'a Voz das Naves de Janeiro de 61, um repato teu sobre a venda do Famose. Como tantos outros, foi por aí que comecei a minha participação d'O GAIATO.

Tempos já não tão difíceis, mas muito saborosos. Era o editor e coordenador e todos as vendas (de venda). Acompanhávamos a uma história, da Rua das Flores, para mudarmos. A despeito, quando ainda não estava paga, era por mim liquidada por ser o rei dos grãos. Era o Abel e «amizade americana», designação pela qual era conhecido o melhor vendedor d'O GAIATO.

Em 1948, feito o exame da 4.ª classe, Pai Américo, a exemplo de anos anteriores, pediu que distribuíssem, através de carta a ele endereçada, o que gostaríamos ter como prefácio. Facílimo acedemos. Pai Américo, porém, manifestou desagrado de que fosse para a tipografia.

Foi assim que mais tarde, juntamente com Luís Barbeiro, o Fát Cox e o Camilo, demos início a uma outra colaboração no Famose: a nossa aprendizagem tipográfica sob a orientação, princípio (suposto), do Manuel Pires mais tarde de dois penaldados. Escribámos em 1949 (Setembro ou Novembro) quando saiu o primeiro O GAIATO sobre das nossas mãos.

Entretanto, ao longo dos anos que se seguiram, tive também a oportunidade de colaborar, através do «Fielas Casas do Gaiato» e também de uma reportagem a propósito do Congresso Internacional da JOC, em Roma (1975), no qual estive presente com o Carlos Manuel Trindade.

No entanto, a colaboração mais saborosa foi naquele tempo em que Pai Américo, já em pouco cansado, me deu (e a outros mais) a oportunidade de passar para o papel o seu pensamento, o recado para milhares de Leitores e Amigos d'O GAIATO.

Neste momento, gostaria de lembrar também que, em 5 de Março, do aniversário natalício de Alguém que dedica grande parte da sua vida aos gaiatos, de Paço de Sousa a D. Sofia, de Tímpano.

Il lembrar também todos aqueles que, depois dos pioneiros de 1948, engrasaram o número dos que continuaram, de muitas e variadas formas, a feitura do que são hoje páginas vivas do Evangelho que Pai Américo tão bem soube transmitir e fazer viver pelo amor que nos deu. Apesar de os seus nomes não ficarem impressos neste número das Bodas d'Orço, ficarão para sempre gravados no meu e no vosso coração.

Cláudio Pereira

50 anos de luz

PERCURSO longo e doloroso, pleno de vida e proba de doutrina. Anseio de boas e más notícias, todas elas necessárias, pois que é nesta diversidade que se reflecte a verdade.

Inspiração de quem, como ninguém, conhecia a peremptória necessidade de levar ao coração de todos a mensagem de solidariedade para com os mais desprotegidos, não se circunscrevendo porém O GAIATO, ao papel de mero veículo de anúncio de desgraças ou repatório de acaçques.

Assim, transformou-se em autêntico altar de fé, erguido para o reconhecimento humano da sua insignificância e a necessidade de buscar mais alto o que carece para a sua perfeição.

Cinquenta anos de vida intensa que lhe não desgastaram quer o físico quer a fé. Que lhe ardeiam a maturidade e a legitimidade para continuar a luta pela verdade e pelo sentido de responsabilidade a cada um se exige.

Que fim é — e deve continuar a ser — fonte de quanto tem todo de justiça, acolhimento na necessidade de conforto interior, esperança propiciadora de ânimo quando surge a descrença, abertura de quem procura os caminhos que conduzem à fé.

Il, sobretudo, fiel aos desígnios que o inspiraram.

Ed Eduardo

Parabéns

NA vida de qualquer pessoa, 50 anos é um marco muito importante. Na de um pequeno jornal, como o nosso, tão despretensioso, não o será menos...

Quanto graças a ele foi, ao longo deste último meio século! Quantos corações terá tocado de forma indelével!

Pelo que me toca, posso afirmar que detemos fortemente toda a minha vida e a dos meus... Sou um apaixonado pela sua leitura, desde os primeiros anos da década de 50, altura em que comecei também a escrever, nele, modestas críticas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, assinadas com o pseudónimo de «Sardinha», o meu «nome de guerra» de então e pelo qual, ainda hoje, sou conhecido por muitos Leitores e Amigos.

Leitor apaixonado, escritor assíduo em dada altura, e distribuidor empenhado durante a minha adolescência, juvenude, até quase à idade adulta, estou profundamente ligado à sua já longa história.

Distribuí o Famose em Coimbra, Figueira da Foz, Miranda do Corvo, Loulé, Cascaes, Corvill, Fátima, Castelo Branco, Tomar, Leiria e Palmela.

Felicito O GAIATO, expressando os meus votos e graças a Deus para que a sua mensagem continue iluminada pelo Evangelho, fiel e sem desvios dos objectivos do seu fundador — Pai Américo.

Carlos Manuel Trindade

Recordo a distribuição d'O GAIATO em Angola

RECORDEO com saudade o tempo em que, pelas ruas de Benguela, do Lobito, e da Ilha Fata, distribuí a mensagem da Onda da Rua, através d'O GAIATO.

Fra uma alegria quando iam ao escritório do nosso Padre Manuel Américo buscar os jornais. Como em rico o nosso contacto com as pessoas, que tudo queriam saber da Onda da Rua! E aqueles «regrupos» corais, em casa ou no emprego podíamos não estar, mas O GAIATO lá ficava, debaixo da porta, na secretária ou nos bancos de trabalho (já que não eram o Famose!). A tarde, quando chegávamos a Casa, era a concentração junto do escritório... Fazíamos uma compêndio. Todos queríamos ler os melhores!

Ainda conservo, com muito carinho (embora já no museu), um relógio oferecido pelo nosso Padre Manuel Américo no dia em que dei de fazer parte da equipa que distribuiu o Famose.

Um abraço para todos que nesta data vibram, tanto quanto eu, pelos 50 anos do nosso jornal.

João Luís Pinheiro



Fig. 11 – Notícias alusivas ao 50.º aniversário da publicação do Jornal “O Gaiato”.

Fonte: O Gaiato, Ano LI, n. 1304 (5 de Março de 1994): 2.

ria desta (única e mesma) “obra” de Padre Américo, sensivelmente coetânea da concretização social, constituída pelo considerável volume de artigos publicados no seu jornal “O Gaiato” (fig. 10 e 11) e nos jornais “Correio de Coimbra” e “A Ordem” (Diocese do Porto) e que hoje aparecem compilados em 16 volumes, assim agrupados (por ordem alfabética dos títulos):

- “*Cantinho dos Rapazes*” – “*recolha e selecção de textos publicados n’O Gaiato, do n.º 47 de 15 de Dezembro de 1945 ao n.º 274 de 28 de Agosto de 1954 – é mais um valioso espólio da acção pedagógica de Pai Américo, especialmente dedicado aos Rapazes, particularmente aos mais espigados (das Casas do Gaiato) – para servir de leitura espiritual*”³⁴;
- “*Correspondência dos Leitores*” – Como o título indica, neste volume se espelha (também) a especial relação de proximidade entre Padre Américo, Diretor do Jornal “O Gaiato” e os seus leitores.
- “*De como eu fui...*” – volume que resulta da “*recolha de textos sobre as crónicas de viagens que Padre Américo fazia pelo País, a revelar a Obra da Rua às populações de cidades e vilas ou a tratar de assuntos que à Obra importavam*”³⁵;
- “*Doutrina*” (quatro volumes) – Contrariamente ao que o título parece apontar, não estamos diante de um qualquer “tratado” sobre Doutrina, Fé ou Moral Cristã mas antes um título onde se transcrevem e referem cartas provenientes dos assinantes d’ “O Gaiato” e de outros correspondentes, com as quais Padre Américo faz doutrina, bem como experiências do seu quotidiano nas Casas do Gaiato e em contactos com diversas pessoas e situações: “*Esta Doutrina não é minha – é do Pai Celeste – Padre Américo*”³⁶. Por conseguinte, poderemos afirmar que estes quatro volumes são como que o “exemplo paradigmático” do “pensar-fazer teológico” do autor, um “pensar-fazer” profunda e marcadamente “incarnado”, ao qual dedicarei especial atenção mais adiante nesta exposição. Continuando com o elenco da sua obra:
- “*Isto é a Casa do Gaiato*” (dois volumes), dedicado, como o título indica, a descrever o “coração” (funcionamento, regras, vivências quotidianas...) dos habitantes da Casa:

“A ideia de publicar este pequeno volume foi sugerida ao Padre Américo por quem dia-a-dia ia topando, durante a leitura do ‘Famoso’ (O GAIATO), com factos, figuras, acontecimentos, descrições que, pela sua beleza apetece recordar de vez em quando. Um pequeno mundo palpita nas suas páginas... mas onde

³⁴ IDEM, *Cantinho dos Rapazes*, 2.ª edição (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1997), 9.

³⁵ IDEM, *De como eu fui... Crónicas de viagem* (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1987), VII.

³⁶ IDEM, *Doutrina*, 2.ª ed., vol. 1 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1974), VIII.

- principalmente resplandece a Mensagem eterna do Evangelho de Jesus». (Prof. Dr. Alberto Carlos Correia da Silva)³⁷;
- “*Notas da Quinzena*” – “recolha e selecção de textos que saíram n’O GAIATO: do n.º 4 de 16 de Abril de 1944, ao n.º 323 de 14 de Julho de 1956 (...) um diário da sua vida de Padre da Rua, de Recoveiro dos Pobres, inteiramente dedicada aos outros”³⁸;
 - “*O Barredo*” – porventura o mais “plástico” dos livros de Padre Américo, tão vívidas são as imagens utilizadas pelo autor para descrever a realidade daquele bairro homónimo da cidade do Porto: “*crónicas publicadas n’O Gaiato, que ‘são em tudo e por tudo uma repetição viva e actual dos assuntos referidos no Pão dos Pobres’*”³⁹; “*É para demonstrar que a vida do Pobre não muda*”⁴⁰;
 - “*O Ovo de Colombo*” – breve opúsculo onde Padre Américo “*historia como e porquê desabrochou o Património dos Pobres*”⁴¹ e no qual podemos também encontrar a sua proposta de “Regulamento” desta sua obra;
 - “*Obra da Rua*” – livro fundamental para compreender, com exatidão e rigor, a história daquela Instituição fundada por Padre Américo, é por ele descrito e apresentado como

“(…) um relatório... De uma vida inteiramente devotada ao Pequenino de palhas infelizes, herdeiro forçado da miséria social com suas muitas e variadas constelações... Eles, o património da Nação, os predilectos de Jesus, que se morressem naquela idade iriam vestidos de branco com sinos a repicar”⁴²;
 - “*Pão dos Pobres*” (quatro volumes) – reunindo os artigos publicados pelo Autor, primeiramente no jornal “*Correio de Coimbra*” (órgão oficial daquela diocese) sob o título de “*Sopa dos Pobres*” e, posteriormente no seu “*O Gaiato*”, então intitulados “*Obra da Rua*”, encontram-se aqui os relatos das suas visitas aos Pobres (e aos que os podiam ajudar) e do cuidado das suas necessidades; das Colónias de Campo e da vida nas Casas do Gaiato. Por isso, “*Não há-de ser livro de lombada, formado na tua estante, com as*

³⁷ Américo Monteiro de AGUIAR, *Isto é a Casa do Gaiato*, 3.ª ed., vol. 1, 2 vols. (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1985); IDEM, *Isto é a Casa do Gaiato*, 2.ª ed., vol. 2, 2 vols. (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1971).

³⁸ IDEM, *Notas da Quinzena*, VII.

³⁹ IDEM, *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*, 5.ª ed., vol. 1 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1986), 339.

⁴⁰ IDEM, *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*, 3.ª ed. (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1974), VII.

⁴¹ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:339.

⁴² IDEM, *Obra da Rua*, VIII.

*folhas por abrir; não. Antes vai ser o teu livro de horas, puido dos teus dedos, como as contas de rezar. Pois como não, se ele trata da sorte de Irmãos?*⁴³;

- “Viagens” – “Um livro de viagens... é uma viagem. Não há apenas o seu autor; vão também os leitores”⁴⁴. Assim define Padre Américo este livro, que trata as suas viagens ao Brasil e a África, aos Açores e Madeira, por amor dos Pobres e dos Rapazes das Casas do Gaiato”.

Concluindo esta primeira clarificação terminológica, dá-se nota de que o que aqui se propõe fazer é apresentar alguns dos “alicerces” da “ponte hermenêutica e conceptual” que, em nosso entender, liga as duas margens destes dois âmbitos e concretizações desta sua “obra”. Em suma, o nosso intuito será evidenciar e documentar uma “tese” basilar a reter: a de que toda a ação evangelizadora, pedagógica e social do Padre Américo Monteiro de Aguiar assenta num conjunto de categorias teológicas que, embora não articuladas nem expostas de forma sistemática nos seus escritos⁴⁵, permitem estabelecer um quadro de compreensão teológica não apenas de todo o seu pensamento pastoral, pedagógico, social..., como das respetivas concretizações. Isto implica reconhecer, *a fortiori*, e na mesma linha de pensamento do citado Padre Avelino Sousa Soares, que é no “Padre Américo, homem de fé” que reside a principal chave de leitura da sua personalidade e do próprio alcance e significado da sua obra e do seu contributo, face à renovação do clero seu contemporâneo, mas igualmente de transformação da sociedade portuguesa do séc. XX. Neste sentido, o reconhecimento de tal “ponte” obriga, primeiramente, a que se proceda à identificação dos respetivos “pilares”, ou seja, à sistematização da sua visão teológico-doutrinal da Fé Cristã (nomeadamente nas suas concretizações de ordem pastoral-social) e, “do outro lado da margem”, à compreensão da formulação-concretização prática (“histórica”) dessa mesma visão. Deste modo se tornará clara, simultaneamente, quer a receção, em Portugal, de aquém e além-mar, do ideário teológico e histórico-sociológico, económico e político que lhe está subjacente, bem como a aplicação sócio-pastoral por ele proposta. Conjugando estas duas vertentes de análise, julgamos que melhor se perceberá o conseqüente significado e relevância desta figura para a compreensão do tecido sócio-religioso português na época contemporânea.

⁴³ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:XII.

⁴⁴ IDEM, *Viagens*, 7.

⁴⁵ Sublinhe-se o que já atrás se referiu, precavendo alguma dedução imediatista, que nem mesmo nos artigos/textos/volumes denominados de “doutrina” encontramos tal espécie de elaboração nem nada que se assemelhe a uma formulação “sistemática” de qualquer “teoria”.

2. UM NOVO “MOVIMENTO DE OLHAR”: DA “TEOLOGIA” À “OBRA”

2.1. A “Teologia” de Padre Américo: um “pensar ao sabor do tempo”

“A theologian is in many respects a product of his time, and his speculations are tempered by the milieu in which he lives. There are few who can rise above it and see the whole theological conspectus as it is. There is the added danger that in so doing he will differ from those of his time, rendering himself suspect to many of his own confreres. The result is that he will become either a stumbling block or a landmark for later theology”⁴⁶.

Tratando-se de um autor que sempre recusou apresentar-se como “teólogo”, filósofo⁴⁷ e muito menos “fazer doutrina” através dos seus escritos, não é de esperar encontrar nestes uma qualquer sistematização filosófica, teológica, ou sociológica dos assuntos sobre os quais a sua reflexão incidia. O que encontramos, isso sim, é uma escrita-pensamento *estritamente* coetâneo aos problemas, especialmente de ordem social... mas também teológica-eclesial, com que o autor teve que se debater no seu dia-a-dia de “padre da rua”. Tal significa que a sua escrita e reflexão não resultam nem obedecem a nenhuma espécie de esquematização prévia: antes surgem direta e concomitantemente como resposta-reflexão-testemunho da sua vivência quotidiana e dos problemas por ela suscitados. Por conseguinte, todo o esforço de sistematização que se pretenda empreender do seu pensamento terá, necessariamente, que aceitar este pressuposto hermenêutico: a “teologia” que nos for possível haurir dos escritos de Padre Américo, seja “nas entrelinhas” (intra-

⁴⁶ Peter RIGA, «The ecclesiology of Johann Adam Möhler», *Theological Studies* (New York – E. U. A.), n. 22 (1961): 565.

⁴⁷ “(...) o Fundador da Obra da Rua não é um filósofo. É antes de mais um padre que, em certa ocasião, decidiu fazer do Evangelho o único livro de oração.” – José da Rocha RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo* (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1997), XV.

-texto) dos mesmos seja na sua formulação mais evidente e declarada (texto), foi e será sempre resultado do diálogo e confronto da realidade histórica concreta a que o autor se viu forçado a tentar compreender e dar resposta com aquilo que, como “homem de fé”, vislumbra ser o seu “dever” e “missão”, na concordância com o que entende serem as exigências do Evangelho.

Tendo este princípio hermenêutico sempre presente, e tendo em vista a referida tentativa de sistematização-recomposição do quadro teológico-fundamental básico do seu pensamento, tornou-se imperioso proceder à identificação e organização dos elementos, conceitos e referências teológicas existentes nos seus escritos. Numa primeira fase da análise, julgamos ser esta a melhor forma de proceder quanto à reconstrução desse “quadro-esquema teológico-fundamental”:

1. estabelecer um quadro global do contexto (histórico e filosófico, teológico e eclesial) em que a sua escrita-pensamento se inscreve;
2. proceder à identificação e elenco daqueles enunciados, em particular os que encerram uma especial relevância teológica;
3. encetar um exercício comparativo entre tais “inspirações” e as “grandes correntes teológicas” do seu tempo, que permitisse compreender a articulação (ou tensão) existente entre tais “inspirações” e a “teologia” sua contemporânea.

Neste sentido, e como resultado preliminar deste exercício, julgamos ser possível apontar duas “grandes linhas” hermenêuticas do pensamento-obra do Padre Américo:

- a) em primeiro lugar, e em perspectiva filosófico-teológica, uma “linha” ou “corrente” que diz respeito ao processo de receção do Neotomismo em Portugal, quadro em que se inscreve quer a sua formação catequética recebida em tempos de infância quer a sua formação académica, em tempos de seminarista;
- b) uma segunda “linha” de pendor espiritual, que tem em conta fundamentalmente a (não)inscrição⁴⁸ do pensamento de Padre Américo nas correntes de espiritualidade do seu tempo, igualmente marcantes do “*modus orandi et vivendi*” da sua fé.

Vejamos, então, com algum maior detalhe, que ilações se podem tirar a partir de tais perspetivas de análise.

⁴⁸ E permita-se-nos desde já fazer notar que esta “(não)inscrição” não é mero artifício linguístico mas antes uma forma – absolutamente sincrética – de descrever, com objetividade, o dinamismo e relação existente entre estes dois âmbitos.

2.1.1. Padre Américo e o Neotomismo em Portugal

Primeiramente, e no que concerne à ponte interpretativa entre o processo de receção-debate-implementação da Filosofia Tomista em Portugal⁴⁹ – cujo impulso fundamental foi dado precisamente nos finais do séc. XIX, evoluindo ao longo de toda a primeira metade do séc. XX⁵⁰ – e o percurso vital e académico-teológico de Américo Monteiro de Aguiar, haverá que registar a contemporaneidade entre o período de maior efervescência desta corrente Neotomista no quadro dos estudos filosófico-teológicos desenvolvidos na Academia Coimbrã e a passagem de Padre Américo pelas salas de aula na qualidade de seminarista daquela Diocese. Com efeito, remonta a 4 de agosto de 1879, data da publicação da Encíclica de Leão XIII, “*Aeterni Patris*”⁵¹, o arranque desta proposta de recuperação da filosofia cristã em conformidade com a Doutrina de S. Tomás de Aquino, comumente denominada como “Movimento Neotomista” ou “Neoescolástico”⁵², e que, em contexto português, teve como grande protagonista o Bispo-Conde Manuel Correia de Bastos Pina (1830-1913)⁵³. Foi no período da sua titularidade episcopal da Diocese Coimbrã (entre 1872 e 1913) e naquela Universidade que se verificou o epicentro de todo o seu projeto de transformação do panorama filosófico-teológico português⁵⁴, quer na vertente da dita reflexão teórico-académica, quer no sentido e aplicabilidade pedagógicos de tal reforma.

⁴⁹ J. Pinharanda GOMES, «Neotomismo», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 3, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001), 304-6.

⁵⁰ Bernard SESBOÜÉ e Christoph THEOBALD, *A Palavra da Salvação (séculos XVIII-XX)*, Col. «História dos Dogmas» 4 (São Paulo: Edições Loyola, 2006), 346ss.

⁵¹ IGREJA CATÓLICA: Leão XIII, Papa (1878-1903), *Carta Encíclica «Aeterni Patris – Sobre a restauração da filosofia cristã conforme à doutrina de S. Tomás de Aquino»*, 1879, [em linha: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris.html>].

⁵² Evangelista VILANOVA, *Historia de la Teologia Cristiana*, vol. III (Barcelona: Editorial Herder, 1992), 585-605.

⁵³ António de Jesus RAMOS, *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995).

⁵⁴ MARTINS, *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 55-56. Sobre a receção do Neotomismo em Portugal, ver: Maria Manuela Brito MARTINS, «A recepção do neotomismo em Portugal na segunda metade de Oitocentos: em torno do Bispo Bastos Pina, Tiago Sinibaldi, Martins Capela e Silva Ramos», em *Actas do Congresso Internacional «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000»* (Porto: Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto; INCM, 2007), 161-90, [em linha: <<http://hdl.handle.net/10400.14/14000>>]; Nuno ESTEVÃO, «A restauração do tomismo em Portugal no século XIX: as Instituições Christãs e a Academia de S. Tomás de Aquino em Coimbra (1880-1893)», *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 16 (2004): 43-86; Amaro Carvalho da SILVA, «Martins Capela, um divulgador do Neotomismo», *Revista Portuguesa de Filosofia* 48, n. 2 (1992): 321-47; Manuel António Ferreira DEUSDADO, *A Filosofia tomista em Portugal: documento estabelecido sobre um ensaio de M. A. Ferreira Deusdado* (Porto: Lello & Irmão, 1978), [em linha: <<http://catalog.hathitrust.org/Record/006754515>>]; RAMOS, *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina*; Carlos A. Moreira AZEVEDO, «L'insegnamento nella facoltà di teologia di Coimbra nel contesto europeo del secolo XIX», em

E, a atestar a dimensão de tal estratégia transformadora, convirá registar que esta se operacionalizou, como bem nota Nuno Estevão, em quatro grandes eixos de ação académica e divulgação editorial:

“(…) a criação de uma cadeira específica no Seminário da diocese (Filosofia Tomista), (…) uma instituição que desenvolvia actividades regulares (Academia de S. Tomás de Aquino), (…) um periódico (Instituições Christãs), (…) uma infra-estrutura apropriada (um salão no Seminário) e (…) uma tipografia destinada à impressão de obras e discursos produzidos pelos intervenientes neste amplo movimento (Typographia das Instituições Christãs, a que sucederia a Typographia do Seminario)”⁵⁵.

Para dar seguimento a esse seu projeto, o referido bispo coimbrão encarregou, primeiramente, Luís Maria da Silva Ramos (Decano da Faculdade de Teologia)⁵⁶ e depois Monsenhor Tiago Sinibaldi (1856-1928)⁵⁷, “*para o efeito contratado em Itália*”⁵⁸, como primeiros regentes da referida Cátedra de Filosofia Tomista, tendo contado ainda com a colaboração do filósofo M. Ferreira-Deusdado (1860-1918)⁵⁹, amigo pessoal do Cardeal Mercier (1851-1926)⁶⁰.

Ora, foi precisamente neste período de especial efervescência do Neotomismo coimbrão que Padre Américo se encontrava naquela cidade, a completar os seus estudos teológicos no Seminário daquela diocese. É em outubro de 1926

A Igreja e o Clero Português no contexto europeu, Estudos de História Contemporânea (Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa – UCP, 2005), 295-306.

⁵⁵ ESTEVÃO, «A restauração do tomismo em Portugal no século XIX: as Instituições Christãs e a Academia de S. Tomás de Aquino em Coimbra (1880-1893)», 43.

⁵⁶ MARTINS, «A recepção do neo-tomismo em Portugal na segunda metade de Oitocentos...», 188-190; Eduardo Cordeiro GONÇALVES, «Luís Maria da Silva Ramos e a Crítica dum Socialista. A Propósito da *Rerum Novarum*», em *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos* (Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Letras, 2004), 561-68.

⁵⁷ MARTINS, «A recepção do neo-tomismo em Portugal na segunda metade de Oitocentos...», 174-182.

⁵⁸ GOMES, «Neotomismo», 304.

⁵⁹ Manuel António Ferreira DEUSDADO, «La philosophie thomiste en Portugal . Notes pour servir à l'histoire de la philosophie en Portugal», *Revue néo-scholastique*, n. 20 (1898): 429-50; IDEM, *A Filosofia tomista em Portugal*; Artur MANSO, «Manuel António Ferreira-Deusdado (1858-1918). Ensaio biobibliográfico», em *A Terra de Duas Línguas. Antologia de Autores Transmontanos*, por Ernesto RODRIGUES e Amadeu FERREIRA, vol. II (Valongo: Lema d'Origem, 2013), 317-26.

⁶⁰ Désiré Joseph Mercier (1851-1926), fundador do Instituto Superior de Filosofia na Universidade de Lovaina e autor do *Curso de Philosophia – Ontologia ou Metaphisica Geral* (Editado em Portugal por Pedro Maria Dantas Pereira, em 6 volumes, em 1904), é uma das figuras de maior destaque do movimento neotomista europeu, tendo influenciado autores como Joseph Maréchal (1878-1944) ou Pierre Rousselot (1878-1915). Cfr. Hubert JEDIN, ed., *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 8, Col. «Biblioteca Herder – Sección de Historia», vol. 153 (Barcelona: Editorial Herder, 1978), 186; IDEM, *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 9, Col. «Biblioteca Herder – Sección de Historia», vol. 70 (Barcelona: Editorial Herder, 1984), 579; José Luis ILLANES e Josep Ignasi SARANYANA, *Historia de la Teología*, Col. «Sapientia Fidei» 5 (Madrid: BAC, 1995), 325-326.

que inicia o curso quadrienal de Teologia, inaugurando, assim, o seu percurso académico⁶¹. Apesar de ser um aluno cuja idade estava muito acima da média da dos seus colegas⁶² e de já não lhe poder ser exigida a “frescura de pensamento” própria da juventude, não deixa, contudo, de se revelar um aluno – diríamos – mediano, atendendo às classificações obtidas de que temos notícia⁶³. No entanto, mais relevante do que a análise de tais resultados, parece-nos mais acertado concentrarmo-nos nos *curricula* ministrados no referido Curso, visto que será através da sua análise que melhor se perceberá, em primeiro plano, a influência da corrente neotomista na sua formação académica e, *a posteriori*, a forma como tal influência moldou (ou não) o seu “*modus theologandi*”.

Começando por atender aos títulos e autores dos manuais então utilizados nas mais variadas disciplinas, fácil e notoriamente se evidenciará a preponderância e influência desta corrente filosófico-teológica nos referidos *curricula*: “*Elementos de Filosofia*” – obra em 2 volumes, da autoria do citado Mons. Tiago Sinibaldi⁶⁴; “*Criteriologia*” (no original: “*El criterio*”), do catalão Jaime Luciano António Balmes y Urpiá⁶⁵; os dois volumes da obra “*Curso de Economia Social*” do Padre Charles Antoine⁶⁶, a “*Teologia Pastoral*”, de Emílio Bernardi, “*Jesus Cristo. A Sua Vida e o seu tempo*” (Hipólito Leroy, Viseu, 1910-1914); o “*Grande Catecismo Católico*” (Padre José Deharbe, Viseu, 1908) e o “*Compêndio de Teologia Moral*” (de Pedro Gury) são disso mesmo exemplo⁶⁷.

Por outro lado, uma outra hipótese de análise será a de verificar quem eram, à data, os Professores de Teologia no Seminário de Coimbra⁶⁸, de modo a per-

⁶¹ Joaquim Francisco Pereira GUIMARÃES, «AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR. Da infância ao sacerdócio, 1887-1930; Facetas de uma vida. [texto policopiado]» (Tese de Mestrado em História Contemporânea, FLUP, 2013), 78.

⁶² Cfr. PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 11-71.

⁶³ Nesse ano letivo de 1926-1927, estes foram os seus resultados nos exames específicos de algumas disciplinas, e a respetiva média global obtida: no Exame da Cadeira de “Liturgia” (realizado a 13 de junho de 1927), 10 valores; no Exame de Religião (23 do mesmo mês), 11 valores; no “Acto do 1.º ano Teológico” (a que corresponde a média geral do ano, realizado igualmente a 28 de junho), 13 valores. No ano seguinte (2.º do quadriénio de Teologia), obtém como média geral do ano a nota de 12 valores.

⁶⁴ Thiago SINIBALDI, *Elementos de philosophia*, 2.ª ed., 2 vols. (Coimbra: Typographia do Seminario, 1894), “(...) figura incontornável na recuperação do tomismo em Portugal nos finais do século XIX.” – ESTEVÃO, «A restauração do tomismo em Portugal no século XIX: as Instituições Christãs e a Academia de S. Tomás de Aquino em Coimbra (1880-1893)», 65.

⁶⁵ Jaime Luciano António Balmes y Urpiá (1810-1848): teólogo apologista, filósofo, sociólogo e político, considerado por Pio XII como o “*Príncipe da Apologética moderna*”.

⁶⁶ Charles ANTOINE, *Curso de Economia Social* (Viseu: Imprensa da «Revista Catholica», 1904).

⁶⁷ Para uma análise mais pormenorizada (e elenco mais completo) ver AZEVEDO, «L’insegnamento nella facoltà di teologia di Coimbra...»

⁶⁸ Maria Manuela Tavares RIBEIRO e Irene Maria VAQUINHAS, «Os professores da Universidade de Coimbra ao tempo de Rodrigues de Freitas», em *Rodrigues de Freitas: a obra e os contextos. Actas do Colóquio*. (Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Centro Leonardo Coimbra, 1997), 223-28; AZEVEDO, «L’insegnamento nella facoltà di teologia di Coimbra...»; Manuel Augusto RODRIGUES, «Teo-

cebermos o respetivo papel na divulgação do neotomismo e, *a fortiori*, a sua influência no pensar de Padre Américo. Assim, entre estes, contam-se os nomes de José Joaquim Oliveira Guimarães, José Maria Rodrigues, Manuel Eduardo Motta Veiga, o citado Luís Maria da Silva Ramos, Manuel de Jesus Lino⁶⁹, Manuel Azevedo de Araújo e Gama e Augusto Eduardo Nunes⁷⁰. Poder-se-ão igualmente citar os nomes de outros catedráticos de Teologia: António França Bettencourt, Bernardo Augusto Madureira e António Garcia Ribeiro de Vasconcellos. Além de todos estes, serão de relevar ainda os nomes do futuro Cardeal Cerejeira⁷¹, que à época era Professor na Universidade de Coimbra e em quem Padre Américo via “*um sábio e um santo*”⁷², figura a quem se refere explicitamente nos seus escritos quer numa “crónica” de um episódio marcante da vida da sua Obra⁷³, quer como autor de um discurso ao clero de Lisboa que muito o impressionou e inspirou⁷⁴. Outro nome a reter é o de D. Manuel Trindade Salgueiro⁷⁵ (nomeado Capelão da Universidade em 1934⁷⁶, foi igualmente, a partir de 1941, Bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa e depois Arcebispo de Évora, entre 1955 e 1965), alvo igualmente de uma especial admiração de Padre Américo, pela “*simplicidade da sua intelectualidade*”⁷⁷. Finalmente, merece especial destaque o Padre Luís Lopes

logia», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Circulo de Leitores, 2001), 276-82; Joaquim Ferreira GOMES, «Universidade de Coimbra», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Circulo de Leitores, 2001), 314-20; MARTINS, *Amor, Meditação e Ação – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 61-62.

⁶⁹ M. Fernanda Reis FIGUEIRA, «A Faculdade de Teologia perante o materialismo (1861-1905)», *Revista de História das Ideias* 1 (1976): 11.

⁷⁰ No seu debate com o materialismo, notabilizou-se pela sua reflexão em torno do tema do “milagre” – *Ibid.*, 218-219.

⁷¹ Aníbal Pinto de CASTRO, «O Cardeal Cerejeira: universitário e homem de letras», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 2 (1990): 21-45; Luís Salgado de MATOS, «Cardeal Cerejeira: universitário, militante, místico», *Análise Social* XXXVI, n. 160 (2001): 803-37.

⁷² «Facetas de uma vida», *O Gaiato* Ano XXIII, n. 558 (31 de Julho de 1965): 2.

⁷³ No texto, intitulado “Crónica do Tojal”, Padre Américo, relata a cerimónia de inauguração da “casa-agrícola” daquela Casa do Gaiato. A certa altura, sublinha, com notória admiração e gratidão: “*A visita do senhor Cardeal estava para as três da tarde e à hora Sua Eminência chegou. Pudera ter-se feito representar. Não lhe faltava quem. Mas veio Ele. Graças a Deus*”. AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 208-209.

⁷⁴ IDEM, *Doutrina*, 1.ª ed., vol. 2 (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1977), 106-108.

⁷⁵ João Francisco MARQUES, «Oratória Sacra ou Parenética», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 4, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Circulo de Leitores, 2001), 504-505.

⁷⁶ GOMES, «Universidade de Coimbra», 320.

⁷⁷ Ver o texto “Outra visita” em AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 259-260. Mas, ao que parece, a admiração era recíproca: de acordo com o testemunho do padre Euclides Morais, este era, além de seu professor, um seu “defensor”, chamando-lhe (carinhosa e simbolicamente) de “Passarinho” – «Facetas de uma vida», *O Gaiato* Ano XLV, n. 1055 (18 de Agosto de 1984): 3.

de Melo (1885-1951)⁷⁸, que havia sido capelão do Corpo Expedicionário Português e herói da guerra de 1914-1918, ao tempo pároco da Sé Velha de Coimbra e cofundador – em 1924, juntamente com Maria Carolina Bressane Leite Perry de Sousa Gomes – e capelão das “Criaditas dos Pobres”⁷⁹, homem e padre por quem se deixa inspirar em não poucos nem irrelevantes temas relacionados com a resposta mais adequada a dar a certos problemas de ordem social⁸⁰.

2.1.2. Padre Américo e a Espiritualidade

Uma segunda “linha” interpretativa poderia ser a proposta por José da Rocha Ramos⁸¹ e aliás já apontada igualmente por Ernesto Candeias Martins⁸², sugestões e análises que aqui seguiremos de perto, e que tem em conta, fundamentalmente, a (não) inscrição de Padre Américo nas correntes de espiritualidade do seu tempo. Com efeito, uma das características do contexto histórico e geográfico coetâneos à biografia de Padre Américo é o da existência de uma religiosidade e piedade populares fortemente alicerçadas num espírito devocional multifacetado⁸³. Sem, contudo, pretendermos ser exaustivos nesta análise (uma vez que as suas ramificações e concretizações particulares mereceriam uma atenção e um espaço que extravasam largamente o âmbito do que aqui se pretende apresentar), atemo-nos somente a registar algumas notas fundamentais sobre este tema, sublinhando as suas intersecções mais diretas com o pensamento do autor em causa.

Em primeiro lugar, e num plano estritamente Cristológico e Cristocêntrico, haverá que registar o culto do Sagrado Coração de Jesus, instigado por Pio XI (particularmente a partir de 1925, data da publicação da sua Encíclica “*Quas Primas*”, onde se opera igualmente a instituição da festa de Cristo-Rei como festa

⁷⁸ Manuel de Almeida TRINDADE, *O padre Luís Lopes de Melo e a sua época (1885-1951)* (Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1958); Manuel da Silva TRINDADE e Gabriel de SOUSA, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra: Dr. Francisco José de Sousa Gomes, Pe. Luís Lopes de Melo, Pe. Américo, Ir. M. a Carolina de Sousa Gomes, Fr. Bernardo de Vasconcelos*. (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991); Joana BRITES, «Construir a história: a sede do CADC de Coimbra», *Lusitania Sacra*, 2.^a, n. 19-20 (2008 de 2007): 127; MARQUES, «Oratória Sacra ou Parenética», 506-507.

⁷⁹ Maria do Pilar S. A. VIEIRA, «Criaditas dos Pobres (Congregação das)», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001), 27; VV. AA., «A nossa pobreza de criaditas», *Communio – Revista Internacional Católica* III, n. 5 (1986): 476-77.

⁸⁰ Vide uma síntese de tais “influências” em MARTINS, *Amor, Meditação e Ação – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 63-65.

⁸¹ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 52-59.

⁸² MARTINS, «Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade».

⁸³ Paulo F. de Oliveira FONTES, «O catolicismo português no século XX: da separação à democracia», em *História Religiosa de Portugal*, por Carlos A. Moreira AZEVEDO, vol. 3 (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), 130. 159-164.

maior da cristandade, conforme ao projeto católico de “reconquista cristã” da sociedade⁸⁴), propagado posteriormente pelas chamadas “missões populares”⁸⁵ e, mais tarde, pela ação do Movimento do “Apostolado da Oração”. Depois, e igualmente em plano Cristológico, haverá que referir um forte culto Eucarístico, concretizado numa espiritualidade centrada na presença real de Jesus Cristo, fruto, uma vez mais, do impulso de Pio IX, e que teve uma tal propagação que acabou por ser a principal marca da espiritualidade de toda a segunda metade do séc. XIX. Finalmente, o culto do Menino Jesus, igualmente expressão do mesmo carácter Cristocêntrico.

A par desta espiritualidade Cristológica e Cristocêntrica, verifica-se igualmente uma forte presença de elementos relacionados com o culto a Nossa Senhora, cujas raízes mais remotas se fundam nos tempos da nossa Nacionalidade, se aprofundam (como aliás por toda a Europa) durante a Idade Média, se reanimam, em contrarresposta à ofensiva Protestante durante a Idade Moderna, expandindo-se a todo o mundo cristão especialmente após a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854) e que, após as aparições de Nossa Senhora a Bernardette Subirous (Lourdes, 1860) e aos adolescentes Francisco, Jacinta e Lúcia Marto (Fátima, 1917), recebem um particular impulso e especial significado no quadro da religiosidade popular, ao ponto de, na opinião de Frei Geraldo Coelho Dias, ter atingido o seu “auge” precisamente nesta Época Contemporânea (séculos XIX e XX)⁸⁶. Disto fazem prova, como documentada e exaustivamente relata aquele autor, quer o aparecimento de santuários marianos⁸⁷, quer o (res)surgimento das peregrinações, romarias e demais festas⁸⁸ com estes relacionados.

Finalmente, deveremos apontar o culto dos santos, “*sobretudo os santos portugueses e os estrangeiros fundadores de congregações ou ordens religiosas*”⁸⁹ como um terceiro eixo desta religiosidade popular que aqui se pretende descrever apenas sumariamente.

⁸⁴ IDEM, «A institucionalização da Acção Católica Portuguesa e a festa de Cristo-Rei», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 19-20 (2008 de 2007): 173-180. A título de curiosidade, veja-se o que precisamente entre 1926 e 1929 aconteceu no México, com a revolução dos “Cristeros” contra o regime/governo socialista, aqui recordado como exemplo paradigmático desta atitude “combativa”/beligerante entre Igreja e Poder Político. Como plasmação cinematográfica de tal conflito veja-se o filme “*Cristiada*”, de Dean Wright (2012).

⁸⁵ Acácio SANCHES, «Modelo de intervenção oratória no Portugal contemporâneo: a Missão Popular», *Lusitania Sacra*, 2.ª, 24 (2011): 179-94.

⁸⁶ Geraldo J. A. Coelho DIAS, «A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos», *Revista da Faculdade de Letras – HISTÓRIA*, II série, 4 (1987): 229ss.

⁸⁷ *Ibid.*, 243-248.

⁸⁸ *Ibid.*, 248ss.

⁸⁹ Jacinto Salvador GUERREIRO, «A imprensa católica no século XX em Portugal: apresentação de um projecto», *Lusitania Sacra*, 2.ª, 10 (1998): 388.

Tendo em conta este quadro interpretativo, haverá então que perceber de que forma é que Padre Américo dialoga com esta pluriforme manifestação do “ver” e “experimental” religiosos do povo português daquela época. Assim, e uma vez mais esquematicamente, no que respeita à dimensão Cristológica e Cristocêntrica desta espiritualidade, devemos ter presente que, de acordo com os seus biógrafos, esta terá suas raízes na influência familiar – em particular a exercida por sua mãe – enquadrada pelos dinamismos próprios da catequização/”doutrinação” cristã e católica daquele período. Não obstante, será mais tarde, já nos seus tempos de seminarista em Coimbra, e devido ao grande impacto⁹⁰ nele provocado por uma conferência de Padre Mateo Crawley⁹¹ (um dos principais impulsionadores e divulgadores daquela devoção) ocorrida entre dezembro de 1927 e fevereiro de 1928⁹², que Padre Américo terá, definitivamente, interiorizado esta espiritualidade com a profundidade que hoje poderemos entrever nos seus escritos. De acordo com Ernesto Candeias Martins:

“O Pe Américo desde a infância que assimilou as diversas correntes espirituais então existentes, sem deixar-se prender por elas. A sua piedade, ao contrário do que era hábito, está enraizada no Evangelho, fruto da educação familiar e escolar recebida e, posteriormente, desenvolvida quando sacerdote”⁹³.

Como demonstrações evidentes de tal profundidade, não meramente reflexiva ou teórica mas estritamente *vivencial*, poder-se-ão apontar, por um lado, as sucessivas entronizações do “Sagrado Coração de Jesus” que o Autor, em momentos marcantes da sua vida e da história da sua Obra protagonizou⁹⁴, bem como

⁹⁰ Nas palavras do próprio, de acordo com o testemunho de Padre Carlos Galamba: “*Padre Mateo é um sacerdote americano que anda pregando por toda a Europa, em todas as línguas. É um génio de santidade como os há nas artes, letras, armas, etc. Impossível dizer o que ele diz, como diz, e como impressiona. Deu aqui 3 conferências a intelectuais, na n/ sala nobre, que comporta 700 pessoas, sempre à cunha. À última não fui. Desejaria imenso ir. Oh, sim. Desejara. Não fui. Um sacrifício. Durante a conferência «conversei» com Deus, de joelhos. Pedi para que aqueles intelectuais vissem todos o que eu dantes não via e agora vejo. Mas pelo menos um, Senhor, disse eu. Sequer um, dos mais sábios e mais desgraçados. No final da conferência aparece um cavalheiro, Dr. X, deu-me o cartão, e o que se passou entre nós ninguém o saberá. No dia seguinte, sábado, levava-o ao quarto de Padre Mateo e no dia seguinte ainda, Domingo, na falange de 492 intelectuais que comungaram à Missa do Padre, ajudando Dr. Y e um quintanista de Direito, vi o meu herói, que no fim, às escondidas, com os olhos marejados, me agradece tamanho favor. Eis o caso. – «Facetas de uma vida», O Gaiato Ano XX, n. 496 (16 de Março de 1963): 1.*

⁹¹ Mons. LEBRUM, «Padre Mateo Crawley-Boevey, Apóstolo da Missa Gregoriana e Entronização ao S.C. Jesus», acedido 16 de Setembro de 2015, [em linha: <<http://padremateocrawley.blogspot.pt/2014/12/biografia-del-padre-mateo-crawley.html>>].

⁹² «Facetas de uma vida», 16 de Março de 1963; PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 26.

⁹³ MARTINS, «Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade», 260.

⁹⁴ No dia da abertura das portas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo (vide José F. Coelho FERREIRA, *Padre Américo: vida e obra*, 2.^a ed. (Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 1989), 52ss.) e na inauguração

algumas “coincidências factuais”⁹⁵ que, lidas “com olhar crente”, foram por ele interpretadas como “sinais” e expressões dessa mesma “centralidade Cristológica”.

Direta e profundamente relacionadas com esta dimensão Cristológica e Cristocêntrica do pensamento-ação de Padre Américo estão a sua especial devoção e atenção teológico-espiritual à Eucaristia, por ele definida como “*o Cristo do Evangelho ali presente*”⁹⁶. Com efeito, é por demais notório nos seus escritos que o culto da Eucaristia “*está nele bem enraizado*”⁹⁷, quer no que concerne à “compreensão teológica” do “mistério” nela celebrado, quer na constante preocupação pastoral na afirmação da sua centralidade no existir e agir quotidianos do cristão, quer ainda na afirmação da sua “necessidade” (comunhão diária) para uma feliz vivência cristã. Com efeito, já desde os tempos de Seminário e notando um certo “desleixo” de alguns dos seus companheiros pela comunhão diária, Américo denunciava (de acordo com o testemunho do padre Augusto Nunes Pereira):

“Todos têm mais de 16 anos... Deviam, pois, tomar a sério um certo número de coisas e habituarem-se ao sentido da responsabilidade. Por exemplo, a Comunhão! As ausências da Mesa Santa são um sintoma triste. Para mim pedirei a Deus que me leve à Comunidade Eterna no dia em que tiver de ficar sem Comunhão”⁹⁸.

Fica claro que, para Padre Américo, era a celebração diária da Eucaristia que “dava a tônica” de todo o seu dia⁹⁹, sendo a sua celebração matutina por ele entendida como expressão máxima do “*diálogo da Igreja com o Pai, por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo*”¹⁰⁰. Homem que herculeamente se esforçou por compaginar dinamicamente a compreensão teórica com a vivência sacramental e social da fé assumida e professada – evitando e criticando ferozmente qualquer tipo de “esquizofrenia”, e bem ao estilo da velha máxima “*lex orandi lex credendi*”, formulação a que Padre Américo justapõe a sua “*lex vivendi*” –, não deixa igualmente de sublinhar, em diversas circunstâncias e contextos, a dignidade do espaço litúrgico onde esta acontece, bem como das alfaías a utilizar. Um

do Lar do Ex-pupilo das Tutorias e dos Reformatórios, em Coimbra (AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1990, 2:269; FERREIRA, *Padre Américo: vida e obra*, 54ss.).

⁹⁵ A este respeito, regista-se: (1) o facto de que a (ideia de construção da) Casa do Gaiato do Tojal ter nascido após um encontro entre Padre Américo e o Cardeal Cerejeira a 27 Junho 1947, nesse ano dia litúrgico da “Solenidade do Sagrado Coração de Jesus”; (2) a sua primeira palestra aos microfones de uma rádio do Porto coincide no dia dessa mesma festividade; e (3) na sua primeira viagem ao Brasil, ao chegar ao Convento dos Beneditinos do Rio de Janeiro onde ficaria hospedado, os monges estavam a preparar-se para rezar o Ofício de Vésperas do Sagrado Coração de Jesus...

⁹⁶ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 52.

⁹⁷ *Ibid.*, 59.

⁹⁸ «Facetas de uma vida», *O Gaiato* Ano XV, n. 369 (7 de Fevereiro de 1959): 1.

⁹⁹ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 59.

¹⁰⁰ *Ibid.*

deles, e porventura verdadeiramente paradigmático de todos os demais que aqui se poderiam citar, é o que escreve em jeito de relato da construção da “Capela da Aldeia dos Gaiatos” (Paço de Sousa). Atente-se, pois, no seguinte excerto:

“Os trabalhos da Aldeia convergem todos, actualmente, para a Capela. É o ponto nervoso da Obra. Começaram também as ofertas. Já temos uma importante: a píxide. É riscada e trabalhada por mãos piedosas e sabedoras. Temos bastante oiro, mas não ainda o suficiente para o cálice. No conceito dos valores terrenos vai o oiro na vanguarda. É o melhor que há. Para Deus, o melhor. Não te escandalizes. O Filho do Homem não disse mal do oiro, mas sim do uso que dele se faz. Oferece-se um presente de oiro a quem se estima. Pois que muito, oferecer um cálice de oiro para o serviço de Deus?! Tudo é d'Ele! Insisto: Manda oiro. Paramentos. ‘Roupa’, como lhe chama o ‘Tripas’, de Miranda do Corvo. Linho do altar. Os Passos do Senhor, em moldura de bom gosto. Se tiveres a paixão de Francisco de Assis, não dás a vez a ninguém! Trezentos garotos da rua, em pequenina romagem da *Via Crucis* dentro da nossa Capela! Ele há muita gente que discorda da Capela. Já mo disseram na cara: ‘Para quê este luxo?!’ Assim disseram os fariseus do *desperdício* de Madalena! Eu cá penso de outra maneira e ando para a frente. Foge dos homens de um só livro, quando esse livro é o Evangelho”¹⁰¹.

Não se pense, contudo, que tal preocupação se deva enquadrar num qualquer arroubo litúrgico-rubricista ou estético-artístico: as suas palavras a este respeito são de quem se preocupa, sempre e primordialmente, pela *verdade* da *mensagem* que tais objetos, lugares e demais elementos rituais veiculam. Num texto curiosamente intitulado “*O fundamento do Cristianismo é a renúncia*”, e onde também critica acerrimamente a expressão “católico praticante”, é tal ideia muito bem expressa:

“Aqui há tempos, celebrava no altar de uma paróquia e ao abrir o sacrário vem de lá uma baforada de perfume! Os cristãos de hoje querem secularizar Jesus. Ele há-de conformar-se com o mundo muito embora haja dito que o Seu Reino não é deste mundo. É tal. Lá está o cheirinho no sacrário. Nós não havemos de ser como Ele? Não senhor. Ele é que há-de ser como nós! O fel e o vinagre. Os cravos e a cruz não são nem representam nada. Um frasquinho de cheiro. Um arco íris nos altares. Umas devoçõezinhas piegas – e eis. Programazinho delicioso de tais católicos praticantes que descreditam a nossa santa Religião. Os de pouca fé, vacilam. Os descrentes, fogem”¹⁰².

¹⁰¹ AGUIAR, *Notas da Quinzena*, 21-25.

¹⁰² *Ibid.*, 21.

E, mais adiante, continua:

“Quanto aos vasos sagrados para uso do culto, recebi até à data cento e trinta objectos de oiro, os quais, pelo seu peso diminuto, não dão metal suficiente para o trabalho que se pretende. Há-de haver mais coisitas de oiro no teu guarda-jóias. Fico à espera. Continuando no assunto de pratos do altar, elas compreendem: uma custódia, uma píxide, uma banquetta, um turíbulo com naveta e as necessárias galhetas. Por ora, tenho apenas a píxide e a custódia. Dá-me prata ou oiro para mandar fazer. Peças daquelas já feitas não, pois que tudo obedece a um mesmo estilo. A lâmpada é de ferro. Os paramentos virão depois. Há muita coisa desse género em solares antigos. Talvez esta notícia lá chegue e, do conhecimento dela, cheguem os paramentos à Casa do Gaiato. Ainda não mandei fazer as imagens de Jesus e de Maria. Se V. não tem particular interesse em oferecer estas duas imagens, eu antes queria que procurasse um Jesus crucificado, de prata, madeira, osso ou marfim, para aplicar na cruz da banquetta que se está a fazer em estilo de conjunto. Eu queria sobretudo um Cristo que fale; que diga alguma coisa ao pobre sacerdote quando apresenta a matéria do Sacrifício – a ele que peca tantas vezes! Talvez encontre em casa particular ou antiquários. Diga alguma coisa. Assine sempre: ‘Ninguém’. Eu cá também assim me chamo, muito embora o mundo não”¹⁰³.

E, a terminar:

“Sim, desejaria falar-lhe da nossa Capela; porém, conheço que uma grande parte dos leitores de O Gaiato não gosta nada de ouvir esta música. Eu podia fazer um bocadinho de apologética e dizer-lhes, meu senhor, que jamais Portugal foi tamanho como no tempo em que os reis ofereciam cálices de oiro e de prata aos altares das igrejas; que Pio X, por muito refulgir no altar da Confissão de Pedro, nunca deixou de ser quem era, como se viu no dia da sua morte, estendido sobre uma cama de ferro das que custavam naquele tempo dezoito tostões em prata. Poderia, sim, botar abaixo prateleiras, consumir argumentos e até ir buscar o reparo dos fariseus quando a pecadora desperdiça coisas ricas aos pés de Jesus, que por ser argumento do Evangelho deveria ser convincente. Mas reconheço que tudo seria inútil. Não valem argumentos. Compreende-se a relutância dos não-conformistas. É a própria sombra deles que os impede de ver claro. Se um dia chegam a ter Luz, são soldados de primeira linha. São os melhores soldados. Dão tudo e querem que todos deem ao seu Jesus”¹⁰⁴.

Tem, por isso, todo o acerto a conclusão de José da Rocha Ramos: “*A Eucaristia é o centro da sua vida. O Evangelho o seu livro*”¹⁰⁵; “*A Bíblia e a Eucaristia são dois*

¹⁰³ *Ibid.*, 23.

¹⁰⁴ *Ibid.*, 24.

¹⁰⁵ RAMOS, Padre Américo: *místico do nosso tempo*, 62.

*pólos importantes e, igualmente, duas das principais fontes da sua oração*¹⁰⁶, desde que se tenha sempre presente o seu “saudável distanciamento” relativamente a certas correntes de espiritualidade de pendor “auto-expiatório e reparador” da vivência eucarística, assaz em voga no seu tempo. Aliás, e seguindo igualmente a intuição do mesmo autor, “*será certamente interessante estabelecer o paralelo entre Padre Américo e D. Sílvia Cardoso sua contemporânea*”¹⁰⁷, uma vez que

“(…) enquanto que D. Sílvia, por exemplo, coloca a tónica na reparação expiadora – de acordo com o comum sentir do tempo – procurando compensar o amor de Deus ofendido, por uma imolação espiritual (que vai até ao voto de vítima), e pela acção apostólica dirigida à conversão dos ‘pobres pecadores’ e à salvação das almas, o Padre Américo liberta-se de todo e qualquer espiritualismo vazio e estéril e coloca a tónica no amor aos irmãos”¹⁰⁸.

Avançando um passo mais nesta tentativa de compaginação da espiritualidade de Padre Américo com aquela que caracteriza o “habitat” em que esta se desenvolve, é mister registar, não sem alguma surpresa, a ausência de referências de particular relevo ao culto ao Menino Jesus, muito embora se registre uma “*especial predilecção pelo Santíssimo Nome de Jesus*.”¹⁰⁹. De resto, também neste último caso se verifica o mesmo género de “coincidências históricas”¹¹⁰ que, no quadro do seu pensar e agir, adquirem sempre um particular significado. Como curiosidade (que, certamente, será mais do que isso) convirá mencionar o facto de Padre Américo, ao despedir-se dos doentes do Barredo, lhes sussurrar ao ouvido o “*Santíssimo Nome de Jesus*”. Uma vez mais, e como sempre, era Jesus Cristo, Aquele que “*sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza*” (2 Co 8, 9), o centro e a referência fundamental de todo o seu pensar e agir. Por isso, também nessa singela despedida Padre Américo não se demitia de deixar ecoar no ouvido – para assim chegar mais diretamente ao coração – aquela mensagem de reconforto de S. Paulo aos habitantes de Corinto.

Quanto ao culto a Nossa Senhora, desenvolvido neste período de forma particular em torno da Imaculada Conceição (Padroeira de Portugal) e de Nossa Senhora de Fátima (em virtude dos acontecimentos de 1917, embora com ecos

¹⁰⁶ *Ibid.*, 89. 136.

¹⁰⁷ *Ibid.*, 55.

¹⁰⁸ *Ibid.*, 57-58. A respeito desta “dimensão eucarística” da espiritualidade desta Venerável, ver Joaquim MONTEIRO, «A Espiritualidade da Serva de Deus Sílvia Cardoso», *Humanística e Teologia* XVII, n. 1-2 (1996): 155-158.

¹⁰⁹ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 61.

¹¹⁰ A Obra da Rua nasce no dia daquela Festa Litúrgica, razão pela qual Padre Américo elege como Patrono de duas das suas Casas do Gaiato (Miranda do Corvo e Paço de Sousa) aquela mesma invocação.

mais amplos apenas a partir de 13 de outubro 1930¹¹¹), apesar de que “*muitos o têm acusado de não ser mariano*”¹¹², porventura fundamentando tal apreciação no facto de nos seus escritos serem muito escassas as referências a Maria, julgamos ser justo dizer, com José da Rocha Ramos, que ela “*está sempre presente na sua vida*”¹¹³. É certo que Padre Américo “*não vê em Maria a Mater Dolorosa do século passado e até mesmo dos dois primeiros quartéis deste século*”, pois para ele, Maria é fundamental e essencialmente aquilo que mais profundamente a define: a Mãe de Jesus. Foi no seu seio que Deus Se “*escondeu*”¹¹⁴. Por isso, quando se lhe refere, é sempre tendo como pano de fundo essa condição essencial e no horizonte aquela que foi a sua grande “missão”: acolher no seu seio o Verbo Incarnado e constituir, com José, modelo e paradigma da Família.

Finalmente, no que se refere à última “grande linha” da espiritualidade da primeira metade do séc. XX em Portugal – referente ao “culto dos santos” –, cremos poder dizer-se que Padre Américo se situa um pouco “à margem” dessa corrente, sobretudo se diante dela se adotar uma perspetiva e atuação de pendor “espiritualizante” (não-prático). Por isso, é neste contexto que se torna perfeitamente compreensível uma espécie de “hierarquia” no significado e afinidade espiritual nutrida por Padre Américo em relação a algumas figuras da História do Cristianismo, variação que se nos revela mensurável quer quantitativa quer qualitativamente, e que se manifesta numa direta proporcionalidade entre o número de referências feitas e a importância que lhes é atribuída. Assim, e em primeiro lugar, estaria sem dúvida S. Francisco de Assis¹¹⁵, cujo exemplo e atitude revolucionária para com os mais pobres são insistentemente citados e imitados: “*Sinto desejos de ser Francisco de Assis para abraçar este espaço imenso de luz e de vida, desprendido, como o Pobre-zinho, de tudo quanto possa ligar a gente às ninharias do mundo*”¹¹⁶. Como raízes remotas desta afinidade de Padre Américo pela figura e exemplo do “Povorello” de Assis certamente que poderemos registar a sua longa e profunda amizade com o Franciscano Rafael Maria da Assunção e a sua curta mas igualmente marcante passagem pelo Convento Franciscano de Vilariño da Ramallosa (Tui). Depois, já Seminarista em Coimbra e na qualidade de colaborador (bastante pró-ativo,

¹¹¹ Data da publicação da Provisão “A Divina Providência” que declarava as aparições como dignas de fé e autorizava oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima. Vide Manuel MENDES, *Padre Américo. Itinerário Vocacional* (Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 2014), 292, nota 19. Para o período imediatamente anterior (e no que à imprensa católica diz respeito), ver: Bruno Cardoso REIS, «Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)», *Análise Social* XXXVI, n. 158-59 (2001): 249-99.

¹¹² RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 60.

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ Cfr. AGUIAR, *Notas da Quinzena*, 228.

¹¹⁵ Como exemplos dessas “ocorrências”: IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:230; IDEM, *Pão dos Pobres*, 1984, 4:93. 325; IDEM, *Notas da Quinzena*, 21. 25.

¹¹⁶ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:62. Sobre a relação de Padre Américo e S. Francisco de Assis, ver: RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 48. 63; PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 23. 42.

como nos mostra Henrique Manuel Pereira¹¹⁷) que assina vários artigos onde a figura do “Pobre de Assis” é referida, particularmente o belíssimo texto “*Mansões de Paz*”¹¹⁸. Para Américo, S. Francisco era o “*Pobrezinho Glorioso*”¹¹⁹, um exemplo literalmente radical do que significou – e deveria significar – o seguimento total da mensagem de Jesus Cristo diante dos Pobres. Também por isso quer a imagem deste Santo quer o seu culto estiveram sempre no “coração” da sua Obra¹²⁰, tal como ainda hoje se pode verificar e contemplar na Capela de Paço de Sousa.

“A par” da figura de S. Francisco de Assis, encontramos no pensamento de Padre Américo várias referências a outros exemplos de homens e mulheres que, a seu modo e no seu tempo, se tornaram exemplares na forma de encarar os Pobres e a Pobreza: S. João Bosco¹²¹, S. Francisco Xavier e S. Vicente de Paulo¹²² são disso exemplo evidente. Depois, e muito embora não propriamente “abaixo” (nem sob qualquer espécie de categorização valorativa), encontramos igualmente alusões a S. João da Cruz, Sta. Teresa d’Ávila e Margarida Maria de Alacoque, monja e vidente do Sagrado Coração de Jesus.

Concomitantemente a esta devoção em relação a estas figuras da Tradição Eclesial, encontramos igualmente nos seus escritos provas de que Padre Américo se deixou embeber pelo exemplo e legado de outros “loucos e loucas” que abraçaram inteiramente o Evangelho, nas mais variadas formas e concretizações. É este o caso das “Irmãs das Pobres” (com especial enfoque na sua fundadora, Joana Jugan, a quem Padre Américo dedica algumas das suas reflexões¹²³), instituição da cidade do Porto que visita regularmente¹²⁴; da Anglicana Florence Nightingale¹²⁵, pioneira no tratamento ministrado aos feridos da Guerra da Crimeia e “mãe” da Enfermagem moderna¹²⁶; o Padre Damião de

¹¹⁷ *Ibidem*, 38ss.

¹¹⁸ Américo Monteiro de AGUIAR, «Mansões de Paz», *Lume Novo*, n. 2 (Fevereiro de 1927). Uma transcrição do mesmo pode ser encontrada em PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 89-94.

¹¹⁹ AGUIAR, *Doutrina*, 1977, 2:102.

¹²⁰ MARTINS, *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 166-174.

¹²¹ É, no mínimo, curiosa uma das suas referências ao “exemplo” deste santo: “*Um biógrafo de João Bosco disse da sua vida, sintetizando, que ela tinha sido uma permanente corrida ó dinheiro. Se este predicado fosse matéria bastante de canonizações, também eu haveria de ser canonizado.*” – AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 69.

¹²² IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:259; IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:91.109.127.

¹²³ Vejam-se alguns exemplos em: AGUIAR, *Doutrina*, 1974, 1:239-245; IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:218-220; IDEM, *Notas da Quinzena*, 304-306; IDEM, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 385.

¹²⁴ IDEM, «Crianças e Hospitais», *Jornal «O Gaiato»* Ano XIV, n. 360 (28 de Dezembro de 1957): 3.

¹²⁵ IDEM, *O Barredo*, 240-242.

¹²⁶ Lúcia Marlene Macário LOPES e Sandra Maria Pereira dos SANTOS, «Florence Nightingale – Apontamentos sobre a fundadora da Enfermagem Moderna», *Revista de Enfermagem Referência (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra)*, III Série, n. 2 (Dezembro de 2010): 181-89; Roberta COSTA et al., «O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo», *Texto & Contexto – Enfermagem (Florianópolis – Brasil)* 18, n. 4 (2009): 661-69.

Veuster¹²⁷, conhecido por ter dedicado a sua vida ao cuidado dos leprosos de Molokai, no reino do Havai; Frei Bernardo de Vasconcelos¹²⁸, monge-poeta do séc. XX de quem Padre Américo leu alguns livros como *“leitura espiritual”*¹²⁹; Padre Geada¹³⁰ e Padre Grilo, fundador de uma Obra cujo nome original foi “Obra Regeneradora dos Rapazes da Rua” (1942) e que hoje é conhecida por “Obra do Padre Grilo”, com quem partilha o mesmo amor e dedicação pelos “rapazes da rua” e em quem vê “um amigo”, entre outros, bispos (como D. Hélder Câmara¹³¹), muitos padres, vários leigos e leigas (alguns seus coetâneos) com quem partilhou *“alegrias e tristezas, esperanças e desilusões”*.

2.2. Um primeiro balanço

Feita esta apresentação daquelas que nos parecem ser as duas linhas hermenêuticas a ter em consideração à hora de analisar a obra-pensamento de Padre Américo (e reconhecendo que outras haveria que elencar e aprofundar¹³²), poder-se-á concluir que Padre Américo é, de facto, um homem que conseguiu *“ser um homem do seu tempo e ser um homem actual”*¹³³, deixando-se inspirar por tudo o que nele reconheceu e entendeu ser válido, sempre de acordo com a síntese que a sua interpretação do Evangelho e dos “sinais dos tempos” lhe permitiu

¹²⁷ AGUIAR, O Barredo, 242.

¹²⁸ TRINDADE e SOUSA, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra...*

¹²⁹ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 68-69.

¹³⁰ *Ibid.*, 69-70; MARTINS, «Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade», 258, nota 4.

¹³¹ Cfr. AGUIAR, *Doutrina*, 1980, 3:238-240.

¹³² Poder-se-ia ainda referir um terceiro horizonte de compreensão, de ordem histórico-social, que visasse contextualizar o pensamento-obra de Padre Américo no quadro do chamado “Catolicismo Social” português (ou, mais especificamente, coimbrão e portuense), justificando-se tal perspetiva pelo facto de que foi nesse “ambiente” (de “agitação” e “militância”) que decorreram os seus estudos académicos. Não obstante, e reconhecendo as profundas afinidades (sobretudo da ordem das relações interpessoais) entre Padre Américo e alguns dos protagonistas deste “movimento” (como é o caso do bispo Gonçalves Cerejeira, do padre Luís Lopes de Melo, da leiga Carolina de Sousa Gomes, entre outros), julgamos que será porventura de maior validade apenas registar esta coincidência espaço-temporal, não lhe atribuindo uma particular importância para a análise do pensamento do autor aqui em questão. O mesmo se poderá dizer, por exemplo, da linha interpretativa que analisa o seu pensamento no quadro da ação pedagógico-social (das crianças/jovens) em Portugal naquele período, já amplamente explorada por vários autores: LOUREIRO, *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*; *Ibid.*; DUARTE, *Somos a porta aberta: pedagogia do padre Américo: métodos e vida*; BARBOSA, *Padre Américo – Educação e Sentido da Responsabilidade*; LOUREIRO, *Um grande educador português do século XX: o Padre Américo e a sua obra pedagógica*; MARTINS, *O Projecto Educativo do Padre Américo – O Ambiente na Educação do Rapaz*; MARTINS, «Intervenção e acção social em prol dos necessitados. A experiência do Padre Américo e da Obra da Rua»; Maria Manuela LOPES-CARDOSO, *Américo Monteiro de Aguiar – Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas de um projecto educativo* (Lisboa, 2007); MOREIRA, «Padre Américo: uma proposta de educação moral»; MARTINS, *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*.

¹³³ H. Martins de CARVALHO, «Como eu vejo o Padre Américo», *O Gaiato* Ano XXI, n. 545 (31 de Janeiro de 1965): 2.

fazer. Contudo, é-nos exigido sublinhar que tal atitude não correspondeu a uma adesão a qualquer “particularismo” teológico ou espiritual seu coetâneo: como repetidamente referem os seus companheiros de Seminário (ver alguns exemplos desses testemunhos na obra de Henrique Manuel Pereira já citada¹³⁴), o seu era um espírito “diferente” (diríamos, “livre-pensante”), que não se coíbia de avaliar criticamente o ambiente social, académico, teológico e eclesial circundante. Com efeito, e recolhendo um desses testemunhos:

“Do P.e Américo só poderia talvez dizer-se que as especulações o não apaixonavam. O Evangelho e o Catecismo bastavam-lhe, porque também encontrava neles riquezas que os teólogos encartados mal suspeitavam”¹³⁵.

Ou, na síntese de Ernesto Candeias Martins:

“P.e Américo não foi um homem de devoções exageradas, nem se deixou fascinar pelos êxtases dos místicos da história da espiritualidade cristã. Na verdade, ele vive no seu tempo, mas não foi um homem desse tempo. Herdou uma espiritualidade cujas vertentes assentavam num exagerado devocionismo, que respeitou, mas seguiu outro caminho. Afasta-se desse devocionismo desencarnado e individualista e vive radicalmente o Evangelho. Essa radicalidade faz dele um sacerdote diferente, não alinhado com a mediocridade e comodismo de certos padres nas paróquias. Vive uma radicalidade evangélica, uma caridade social actuante e, por isso, admitimos que foi um místico da caridade sendo venerado pelos ‘gaiatos’ e pelo povo como santo (‘vox populi’)”¹³⁶.

“(…) o P.e Américo, com o seu temperamento e os influxos recebidos, não surge como um ser desencarnado e sem raízes, mas antes como um ‘ente’ radicado numa época, numa sociedade e numa dada comunidade, que apresentava uma concreta configuração de dimensão espiritual ou religiosa. O seu pensamento realizou-se na diversidade, dos particularismos humano-sociais, assistenciais, culturais, educativos, da sociedade em que viveu. Entre esses particularismos destacaram-se os respeitantes às crianças abandonadas, marginalizadas, às ‘sem-eira-nem-beira’ e aos pobres, doentes, presos e sem abrigo”¹³⁷.

¹³⁴ PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 11-71.

¹³⁵ SOARES, «Facetas de uma vida», 1.

¹³⁶ MARTINS, «Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade», 265.

¹³⁷ *Ibid.*, 259.

Igual opinião tem também José da Rocha Ramos:

“O Padre Américo, sendo embora filho da sua época, vai muito mais além. E aqui, como em muitos outros campos, foi um autêntico precursor do Vaticano II, libertando-se de uma espiritualidade centrada no devocionismo e vivendo de forma extraordinária a sua inserção no mundo e na sociedade, atendendo como ninguém mais aos sinais dos tempos de que mais tarde o bom Papa João tanto falará”¹³⁸.

Não será expectável, por isso, uma fácil compaginação do seu pensamento numa qualquer corrente ideológica sem, com isso, violentarmos inadvertidamente o núcleo estrutural que lhe está subjacente e ao qual pretendemos chegar e poder descrever.

Fruto, certamente, da sua alargada experiência e peculiar percurso vital (e admitindo que, talvez aqui, seja válido falar de “vocação tardia” para o descrevermos), o seu pensamento-ação não se deixa, por isso, circunscrever por nenhum destes condicionantes atrás descritos. Por esta razão, consideramos que, sendo nosso intuito, por um lado e acima de tudo, em sermos fiéis ao seu pensamento, visão e atitude (diante do Mundo, da Igreja, do Homem, de Deus), liminarmente expresso num “*Não sei nada, ia dizendo, mas tiro coisas por dedução*”¹³⁹), e, por outro, termos igualmente o máximo respeito pelo “*leitmotiv*” (grande “corrente de fundo”) que efetivamente constitui a base de todo o seu pensar e agir, não serão, então, estes os mais corretos horizontes onde o devemos inscrever. Que-remos com isto expor que, embora não ignorando nem de modo nenhum colocando de parte a validade das perspetivas de análise atrás sugeridas, parece-nos que é sobretudo noutras duas grandes “correntes de fundo” (uma delas de pen-dor histórico-social e outra estritamente teológica) que Padre Américo – vida, pensamento e obra – se situam. São elas a questão social da “Pobreza” e a linha e movimento teológico da “Incarnação”.

2.3. A questão social da “Pobreza”: o verdadeiro ponto de partida

Recorra-se à opinião avisada do padre Manuel Mendes:

“(…) uma das chaves teológicas de leitura em que se pode encontrar o Padre Américo Monteiro de Aguiar é o tema dos Pobres e da Pobreza, como preconizava o Papa João XXIII e a constituição dogmática *Lumen Gentium* proclamou: a Igreja reconhece nos Pobres e nos que sofrem a imagem do seu Fundador pobre e sofredor”¹⁴⁰.

¹³⁸ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 58-59.

¹³⁹ AGUIAR, *Doutrina*, 1974, 1:190.

¹⁴⁰ MENDES, *Padre Américo. Itinerário Vocacional*, 33.

ANO I — N.º 5 30 DE ABRIL DE 1944 PREÇO 1500

PARABENS



O Gaioito



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Casa do Gaioito da Ponte
FAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. da Casa dos Pobres
S. SANTA CATARINA, 488-PORTO

Nota da quinzena

As gestas das últimas dias traem em ódio, que me parece ser o tipo de realce, certas plenas do apelo-puer, entre as quais analtem a questão da saúde do povo e da assistência médica. Mais vale tarde do que nunca.

Os males sociais são ilúcia em marcha, factos realistas, e a cura deles não consiste da mesma sorte; temos lá muito desorganizado, comendando.

Esta semana é o mundo. Em lugar de se acatlar a servidão gloriosa que a vida necessariamente impõe a cada mortal, assiste que nos encontramos hoje todos num mundo de servidão, sem honra nem proleto para ninguém.

Vamos efectivamente ter o médico da família, como diz o diploma da administração social, em lugar do médico da família, da doutrina social da hoje?

De que serve a ciência ao homem, se ela não é feita incondicionalmente ao serviço e a bem da Humanidade? Não é a graça o que de graça resolve; eis os fundamentos.

Outrora firmamos as periódicas, se em essas condições impõem milhões ao Estado, tudo se há-de remediar com a prata de cada moeda, por meio de simples operações de divórcio, de modo que as classes afortunadas fiquem com um totalidade menor e as classes pobres, um totalidade maior. É um caso de melhor circulação. Os próprios médicos dizem à gente, que a mal circulação do sangue perturba o organismo.

Assim foi o do dinheiro nas sociedades; perturba, — e que perturba!

«O Gaioito, à laia de brincadeira, traz a mensagem divina, que os Gaioitos ouviram em primeira mão.

Quem não sonhar aqui, despende.

A RIQUEZA DA POBREZA

A QUEL há tempos fui entregar aos cuidados das Irmãs das Pobres do Pinheiro Manso, um homem trópego, a quem a devassidão envelhecera. Entrámos. A irmã porteira quis mostrar a casa. Primeiramente a despensa:

— Dizem que falta tudo, aqui há tudo. Se temos 5 veltinhos chega para 5. Se temos 100, chega para cem. Hoje temos 211 e ainda nos falta.

A Irmãzinha porteira segue mais eu pelas dependências da casa. Por lá da parte se respira pobreza insculada. Nos dormitórios a-par de muitas de reitinhos, há enormes almofadas de penas, onde os seus hóspedes reclinam fadigas.

A Irmãzinha porteira, já muito adiantada nos anos, na hora da despedida disse-me assim: — Olhe, meu padre, nós aqui procuramos em tudo ser justas, e o resto vem-nos por emenda.

— Onde aprendeu essa doutrina, perguntei?

— No Evangelho.

— E a minha irmã acredita no Evangelho?

— Dava a vida por Ele, disse, em tom deliciosamente afirmativo. Bem pudera ter dito, *deí a vida*.

Porquanto há 50 anos que fizera um voto a Deus de servir os Pobres por Seu amor, e um acto d'isto implica sentença de morte gloriosa. Sim, bem pudera tê-lo dito. Mas disse *deí a vida*. Disse no imperfeito, que a perfeição dos heróis do Evangelho, consiste precisamente em chamar e considerar imperfeito, o tempo que gostem e as passadas que dão. Estamos na presença de um instituto de caridade, fundado há um século por uma humilde criada de servir, e hoje espalhado pelas cinco partes do mundo.

Esta mulher que não sabia letras, tinha dentro de si a eminente ciência do amor, e esta benta, para realizar no mundo aquelas obras que pela sua grandeza, não cabem dentro d'êla. Segundo a regra d'esse instituto, não se podem aceitar heranças, nem legados, nem doações. Vive-se ali dentro do pão de cada dia e reparte-se consoante, por isso mesmo, — *não nos falta aqui nada*.

A maior parte das obras do Beneficência costuma viver da desmarcada solicitude do que se há-de comer e do que se há-de vestir anualmente, medindo o limite da sua acção benfazeja pelos rendimentos em cofre. Erro. O capital tem sua missão determinada; dentro das obras pias, ele é uma absoluta anomalia. As obras que vivem dos seus rendimentos, à maneira de qualquer burguês, estão naturalmente sempre sujeitas às mesmas vicissitudes que eles passam: com a trapa, vêm os *infortúnios*!

A riqueza das Fundações tem ainda um outro mal, feito da própria riqueza: atrai necessariamente a cobiça dos homens, não faltando quem se proponha servi-los e governá-los, zelosamente. Ou quem ainda, por zelo, converta e transfira os seus fundos. Para não irmos mais longe, fitemos somente da Fundação onde hoje estamos instalados. Ela tinha um fundo de sete mil libras esterlinas. O outro rebeu e tenta, pelo que foi julgado medida muito acertada, convertê-lo em papel.

Tomei conta d'êste papel ao tomar conta da Fundação. Apresentei-me com êle, legalmente endossado.

— Que não. Se quiser receber os juros, tem que pôr o selo branco.

— Não tenho selo branco.

— Então tem de assinar o tesoureiro.

— Não tenho tesoureiro.

— Temos muita pena, mas não podemos pagar.

— Olhe meu senhor, quem comeu a carne que rola das coxas. E assim.

A pobreza é coisa tão Santa, que ninguém lhe mexe! Hoi-de fazer testamento; deixar uma obra pobre, para servir as classes pobres; ligar a minha derradeira vontade aos meus continuadores, que por isso mesmo tem de ser herdeiros da resistência ao ouro e à prata, para bem merecer este pósto de sacrificio.

Irmã porteira do Pinheiro Manso; Deus lhe pague o bem que me

Continúa na segunda página

A nossa Páscoa

A nossa Páscoa foi uma verdadeira declaração de amor da amor da cidade de Porto, aos seus filhos dos portais.

Na Quinta-Feira Maior, à hora do jantar, distribuíram-se menus mais simples e emendados.

Sópi para a Casa de Miranda e ali tive conhecimento de que a chave de presentes ao santo e ao albedo, encarcerara o sol,—estipe de amor.

No meu regresso, tive mais notícias e sinto que o almoço e o jantar e a merenda e a ceia dos rapazes, durante três dias, courem de ovos cozidos e coqueiros assados.

Cidade Invicta, ninguém se venceu! a Páscoa de Miranda, foi pavorosa!

Se não fôra o Dr. Agostinho Vêlo Pinto da Grammaça, um sequer um dos trópeiros para fazer a Páscoa.

Este Agostinho é irmão do Dr. António, que me tem dado coqueiros, caracóis, moças, galinhas, almôndegas de castão, e o mais que coque.

Ele sente à sua mãe 14 filhos, tem um rancho de criadas, mantendo uma legião de Pobres.

Ele tem as arcas cheias, tem as suas fortas, o vento apaga-lhe a lenha e Cristo leva-lhe a cruz;—tomei fúria pelo ao justo sem a sua bondade.

«O Gaioito», que se apresenta ao público como um jornal indisciplinado, traz nas suas letras vícios e sangue dos inocentes.

Ele desmembra e põe ao sol a doutrina velha do Pontifício, à qual eu chamava palmaria nova, coisa nova, e eu chamo A Boa Nova.

Fig. 1 2 – Artigo de Padre Américo intitulado “A riqueza da pobreza”, sobre a ação caritativa das “Irmãs das Pobres”, o seu próprio percurso vital e a sua concepção da pobreza, caridade e assistência.

Fonte: O Gaioito, Ano I, n. 5 (30 de Abril de 1944): 1-2.

Mas permita-se-nos acrescentar: esta não será somente “uma das” mas porventura a primeira e radical linha hermenêutica a ter em conta para analisar e enquadrar no tempo e no espaço – também teológico – o pensar-agir de Padre Américo. Suportando esta “tese”, haverá que recordar o facto de que é em torno da questão da resposta ao problema da pobreza (fig. 12) que todo o período compreendido entre os finais do séc. XVIII e todo o séc. XIX está submerso. Ou seja, e simplificando, a “questão social” em torno da pobreza é o “grande e verdadeiro” problema, a “grande questão” que atravessa todo o séc. XIX (o século em que nasce Padre Américo), originada, em grande medida, pelos efeitos nefastos do progresso potenciado pela Revolução Industrial.¹⁴¹

Ora, é precisamente na linha das tentativas de resposta a este problema que o pensamento de Padre Américo mais estritamente se situa. Neste quadro, somos quase forçados a registar que é no campo extra-ecclesial, aqui entendido em perspetiva institucional, que este problema da pobreza começou a ser seriamente debatido e enfrentado.

2.3.1. Primeiras respostas

Logo em 1845, Friedrich Engels publica o seu primeiro livro: “*A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*”, que mais não é do que um relato profundamente impressionista e altamente detalhado da vida nas diversas regiões e cidades da Inglaterra de então, verdadeiro “motor” e “tubo de ensaio” da Revolução

¹⁴¹ Com efeito, podemos situar entre 1760/80-1830/40 (de acordo com o historiador Eric Hobsbawm (Eric HOBBSBAWM, *La Era de la Revolución: 1789-1848*, trad. Félix Ximénez de SANDOVAL, 6.ª ed., Biblioteca E. J. Hobsbawm de Historia Contemporánea (Buenos Aires: Editorial Paidós/Editorial Crítica, 2007).) o período em que se deu a Revolução industrial (primeiramente inglesa e logo depois europeia), caracterizada, por um lado, por uma profunda transformação do tecido e funcionamento industrial (transição de métodos de produção artesanais para a produção por máquinas; fabricação de novos produtos químicos; novos processos de produção de ferro; maior eficiência da energia da água; uso crescente da energia a vapor e o desenvolvimento das máquinas-ferramentas, além da substituição da madeira e de outros biocombustíveis pelo carvão, etc...) mas igualmente (e com maior significatividade para a presente análise) por sérias e dramáticas consequências sociais:

- . registam-se verdadeiros “êxodos migratórios” dos camponeses para as cidades, causando uma descontrolada concentração populacional nas cidades e nos seus subúrbios;
- . as péssimas condições de habitabilidade, de higiene e de salubridade (ausência de água canalizada ou de sistema de esgotos) tornam-se focos de propagação de doenças e vários tipos de epidemias...
- . os longos e sucessivos períodos de trabalho a que os trabalhadores são sujeitos são origem de deformações corporais;
- . a alimentação insuficiente e inadequada (também motivada pela escassez de recursos económicos e dos baixos salários auferidos) não permite o restabelecimento das forças necessárias ao rendimento esperado;
- . apesar dos imensos progressos tecnológicos e industriais, parece existir uma certa incapacidade da ciência médica em acompanhar essa evolução, promovendo um combate eficaz destes problemas;
- . verifica-se uma alteração radical dos modos de vida (horários, ritmos, relações interpessoais/intergrupais), motivadora e geradora quer de um generalizado sentimento de descontentamento quer, por vezes (e em períodos muito diferentes da história posterior) de revoltas/rebeliões mais ou menos organizadas.

Industrial. Três anos mais tarde, o mesmo Engels publica, juntamente com o seu igualmente jovem amigo Karl Marx, o “*Manifesto Comunista*”, onde a luta de classes (proletários contra patrões-burgueses) foi declarada o motor da história e do progresso da humanidade. Como solução, defendiam que só a destruição da ordem burguesa e a devolução do poder aos excluídos (trabalhadores) poderia salvar a sociedade. Mas não era apenas no debate teórico, nomeadamente ideológico-político, que a questão se adensava: também ao nível da práxis governamental e político-pública a pobreza começava a ser enfrentada com especial atenção. Como prova disto mesmo temos a assinalar que, em 1889, tem lugar em Paris o primeiro “Congresso Internacional da Assistência Pública”, onde se defende que cabe ao Estado a tarefa de prover a assistência social e a ajuda aos que não podem trabalhar... uma ideia que só em 1910, já com a República, seria recuperada e assumida em contexto português, embora tenha demorado e sido difícil a sua concretização e efetivação, quer em matéria legal, quer em ações e iniciativas concretas.

Um outro facto que merece destaque, também pelo debate que suscitou, foi a publicação, em 1894, e novamente por Engels, da sua “*Contribuição para a História do Cristianismo Primitivo*”, onde este afirma e reconhece que “*A história do cristianismo primitivo apresenta assinaláveis pontos de contacto com a do movimento proletário moderno...*”, referindo a questão da defesa dos pobres e oprimidos, dos escravos e dos que estavam privados de direitos e subjugados pelo poder como os temas comuns ao cristianismo e ao socialismo, a par da eliminação da “*escravidão e da miséria*”¹⁴², como quem tenta “desmontar” o argumentário utilizado por Leão XIII na sua Encíclica “*Rerum Novarum*”, onde critica – acerrimamente – o Socialismo¹⁴³...

2.3.2. O (tardio?) despertar da Igreja

Entretanto, e no que à reflexão e resposta sobre este problema dada pela Igreja – à data, compreendida sobretudo sob um paradigma fortemente institucional e hierárquico – e ao Magistério dito “oficial” diz respeito, sublinhe-se que foi quase trinta anos depois do registo dos efeitos nefastos da Revolução Industrial, ou seja, entre 8 de Dezembro de 1869 e 18 de Dezembro de 1870, que se celebrou o I Concílio do Vaticano, um Concílio que, a julgar pelos principais textos-documentos dele emanados – as Constituições dogmáticas “*Dei Filius*” e “*Pastor Aeternus*” – parece ignorar a questão em causa: o primeiro versa sobre a

¹⁴² Ver citação completa em José BRANDÃO, *História da pobreza em Portugal. Nove séculos de bancarrotas, resgates e má gestão, de Afonso Henriques à Troika dos nossos dias*, 1.ª ed. (S. Pedro do Estoril: Saída de Emergência, 2014), 284.

¹⁴³ Vide, nomeada e especialmente, os números 3, 6, 7 e 9 da referida Encíclica.

Fé católica; o segundo, reafirma o primado e consagra o dogma da infalibilidade papal. Como bem sintetiza Reis Ribeiro:

“Numa Europa fortemente abalada no seu esquema tradicional de mentalidade e vivência tradicionalmente cristã pelas sementes lançadas pelos movimentos do Liberalismo e do Socialismo Marxista e gravemente atingida por legislação e princípios de raiz maçónica e face a uma América promissora de esperanças eclesiais aconteceu o Concílio Vaticano I, que, interrompido, não levou até ao fim os seus projectos e trabalhos. Não contribuiu, por isso, grandemente para o diálogo que a Igreja era desafiada a travar com o novo mundo anunciado e já presente”¹⁴⁴.

Com efeito, é (apenas) em 1891, ano em que o Papa Leão XIII publica a Encíclica “*Rerum Novarum*” (cujo título remete para as “coisas/realidades novas” então emergentes, mas cujo subtítulo não deixa dúvidas quanto ao seu conteúdo e alcance: “*Sobre a condição dos operários*”) que o Magistério oficial se debruça aprofundada e sistematicamente sobre a questão da pobreza. E fá-lo, para espanto de muitos, com voz firme e clara:

“(…) é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida”(Rerum Novarum, n.º 2).

É certo que, tendo sido aqui que (re)nasceu¹⁴⁵ a “Doutrina Social da Igreja”¹⁴⁶, é fundamentalmente aqui que colhem inspiração todos os movimentos de ordem associativa, política e social atrás referidos, enquanto concretizações desta “proposta”¹⁴⁷. Contudo, e como atrás deixámos entrever, Padre Américo (e não obstante os contactos – já referidos – com a realidade, funcionamento e ação desses grupos) pouco ou nada diz que nos permita estabelecer uma especial proximidade ideológico-programática com tais movimentos.

¹⁴⁴ Jorge Martins Reis RIBEIRO, «A Doutrina Social da Igreja e o seu enquadramento histórico», *Communio – Revista Internacional Católica*, n. 3 (1987): 198.

¹⁴⁵ “A intervenção sistemática, e sistematizada, da Igreja católica nos problemas da sociedade, da economia e das relações laborais tem pouco mais de um século de história, pese embora os seus muitos e variados antecedentes. Remonta, por junto, ao pontificado de Leão XIII (1878-1903) e, muito especificamente, à sua encíclica *Rerum Novarum*, unanimemente considerada, por teólogos e historiadores, a “magna carta” fundadora da Doutrina Social da Igreja” – José Miguel SARDICA, «A Recepção da Doutrina Social de Leão XIII em Portugal», *Lusitania Sacra*, 2.ª, n. 16 (2004): 367. Ver igualmente o texto das notas 1 e 2 para mais referências bibliográficas sobre esta questão.

¹⁴⁶ RIBEIRO, «A Doutrina Social da Igreja e o seu enquadramento histórico», 179. 203-204.

¹⁴⁷ SARDICA, «A Recepção da Doutrina Social de Leão XIII em Portugal».

2.4. A resposta de Padre Américo: uma resposta-ação “personalizada”...

Por conseguinte, o que nos seus escritos se torna evidente é a sua admiração e tentativa de imitação-adesão a uma longa tradição de homens e mulheres, de diferentes quadrantes – de dentro e de fora do universo cristão-católico – que, a seu modo, reconheceram ser a pobreza – e, mais concretamente, os que por causa dela padeciam – o mais grave problema da sociedade do seu tempo e tomaram medidas (localmente situadas) para o tentar resolver ou menorizar. Entre eles, permitimo-nos citar os nomes de Antoine Frédéric Ozanam¹⁴⁸ (Milão, 1813 – Marselha, 1853) fundador, com outros estudantes da Sorbonne, da “*Conferência da Caridade*”, antecessora das “*Conferências Vicentinas*”- “*Conferências de S. Vicente de Paulo*”; Florence Nightingale (Florença, 1820 – Londres, 1910), enfermeira britânica, considerada “mãe” da Enfermagem moderna, mulher que ficou famosa por ser pioneira no tratamento a feridos de guerra, durante a Guerra da Crimeia (1853-1856); o beato António Chévrier (1826-1879)¹⁴⁹, fundador dos “Padres-operários”¹⁵⁰ (ou “Padres do Prado”), padres que colocam o “Cristo pobre” como exemplo total do seu ministério¹⁵¹; o Padre Damião de Veuster ou Damião de Molokai (Bélgica, 1840 – Havai, 1889), missionário católico da Congregação dos Sagrados Corações, venerado especialmente pelos habitantes do arquipélago do Havai e pela cristandade em geral por ter dedicado a sua vida ao cuidado dos leprosos de Molokai, de quem Padre Américo diz ter lido a sua biografia e, nessa leitura, ter encontrado verdadeiros “*tónicos*” e “*palavras consoladoras*” para a sua missão¹⁵²; o Padre Anizan (6 de Janeiro de 1853 – 1 de Maio de 1928), que funda, a 25 de dezembro de 1918, a “Congregação dos ‘Filhos da Caridade’”¹⁵³, vocacionada para a evangelização das classes operárias; o Beato Charles de Foucault (Estrasburgo, 1858 – Argélia Francesa, 1916), conhecido pela sua forte vivência espiritual e caritativa na Argélia, isolado do resto do mundo, vivendo numa zona controlada pelos Tuaregues, cuja

¹⁴⁸ Carlos A. Moreira AZEVEDO, «Antoine-Frédéric Ozanam (1813-1853): o leigo cristão», *Humanística e Teologia* 19, n. 1-2 (1998): 117-30.

¹⁴⁹ Pierre BERTHELON, *Le message du Père Chévrier* (Le Puy: Ed. Xavier Mappus, 1960).

¹⁵⁰ “A experiência dos padres-operários teve eco em Portugal. A revista *Lumen* deu notícia do que se passava na ‘Missão de Paris’. Padres levam vida de operários, habitam numa barraca, prosseguem a vida de oração e orientam o catecumenado pela instrução. Abandonaram a mentalidade burguesa e descobriram uma nova experiência cristã no meio operário. No início de 1949 são trinta padres em Paris a viver deste modo.” – Carlos A. Moreira AZEVEDO, «Clero Secular (III. Do Liberalismo à actualidade)», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 1, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001), 378.

¹⁵¹ Ver o texto de Padre Américo “A Missão de Paris” em que reflete precisamente sobre esta forma de apostolado dos padres no seu tempo – AGUIAR, *Notas da Quinzena*, 115-118.

¹⁵² IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:202. Outras referências a esta personagem podem encontrar-se em AGUIAR, *Doutrina*, 1980, 3:219; AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 166; AGUIAR, *O Barredo*, 242.

¹⁵³ Pierre LE CLERC, *Uma Introdução à história dos Filhos da Caridade* (Paris: Filhos da Caridade, 1994).

língua estudou e conheceu profundamente, bem como os cânticos e tradições dos povos do Deserto do Saara, igualmente citado entre os admirados por Padre Américo¹⁵⁴. Outra figura cujo nome convém registar é a do Padre Edward Joseph Flannagan (Irlanda, 1886 – Berlim, 1948), criador da “Boys Town”, um abrigo para “rapazes da rua”¹⁵⁵, nome muito considerado por Padre Américo, a quem vai beber uma das “máximas” fundamentais do seu pensamento (“*não há rapazes maus*”¹⁵⁶), embora não deixe de reclamar para si a “originalidade da intuição” (dos métodos e programa do tipo de obra em questão)¹⁵⁷. Ainda sob inspiração do citado Charles de Foucault, o Padre Renée Voillaume (1905-2003) funda, em 1933, a “Fraternidade dos Pequenos Irmãos de Jesus”, comunidade religiosa votada à pobreza, castidade e obediência e ao desígnio de compartilhar das condições de vida dos mais pobres.

Entre os portugueses, cite-se o Padre Francisco Rodrigues da Cruz (Alcochete, 1859-Lisboa, 1948), considerado um “apóstolo da caridade” junto dos presos, dos mais pobres e dos infelizes de Lisboa. Homem muito devoto do Imaculado Coração de Maria, um dos seus principais carismas relacionava-se com o Sacramento da Confissão: onde quer que fosse ou estivesse, tentava sempre confessar o maior número possível de pessoas. Demonstração da admiração que muitos lhe votavam é a conversão do grande filósofo Leonardo Coimbra (que frequentou o mesmo Colégio de Felgueiras que Padre Américo¹⁵⁸), que a ele se deve. De Padre Cruz, Padre Américo hauriu a necessidade imperiosa de uma nova perspetiva, mentalidade e ação no trabalho de reintegração social dos marginalizados (presos). Por isso, quando questionado sobre a sua “opinião” acerca de tal figura, resume-a assim: “*Calei-me religiosamente. A verdade não sofre opiniões. O médico vai aos doentes e o sacerdote aos malvados. Aqui está.*”¹⁵⁹ Assim também do Padre António d’Oliveira (Lamego, 1867 – Lisboa, 1923), grande figura da história da Educação e do Direito de Menores em Portugal no começo do século XX¹⁶⁰, embora nem sempre tenha recebido a atenção e o reconhecimento por parte de historiadores da educação na devida proporção da sua obra e influência.

¹⁵⁴ AGUIAR, *Doutrina*, 1980, 3:182.

¹⁵⁵ Ver o filme homónimo realizado por Norman TAUROG, *Boys Town*, 1938, [em linha: <<http://www.imdb.com/title/tt0029942/fullcredits/>>].

¹⁵⁶ AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1990, 2:127.

¹⁵⁷ “*Dizem que eu aprendi do Padre Flannagan aquilo que faço a bem dos garotos. Quando ouvi o nome dele pela primeira vez, já a Obra da Rua tinha os dentes do ciso! A intuição brota. Se hoje nos correspondemos, é por simpatia e mais nada.*” – IDEM, *Pão dos Pobres*, 1999, 3:198. Mais referências e sinais desta “correspondência” (fundamentalmente “de ideias”) em IDEM, *Pão dos Pobres*, 1990, 2:172; IDEM, *Pão dos Pobres*, 1984, 4:161.

¹⁵⁸ MENDES, *Padre Américo. Itinerário Vocacional*, 61.

¹⁵⁹ AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 92.

¹⁶⁰ Joaquim Ferreira GOMES, «O Padre António de Oliveira (1867-1923), Grande Educador», *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades (Instituto Superior Miguel Torga – Coimbra)*, n. 1 (2001): 108-23.

Tendo-se tornado responsável por uma instituição pública de detenção e correção de menores em Lisboa, desenvolveu novos métodos de assistência educativa neste tipo de instituição, promovendo a alteração de uma lógica de “prisão” para uma lógica de “escola”, outra ideia muito cara ao pensamento de Padre Américo¹⁶¹. Do mesmo modo, também o do Padre Manuel Francisco Grilo (Ílhavo, 1888 – Matosinhos, 1968), fundador da “Obra do Padre Grilo” (1942) e, depois, da “Sopa dos Pobres” em Matosinhos, outro “companheiro de preocupações” de Padre Américo¹⁶². Merecem ainda destaque, também pela mesma afinidade geográfica, as figuras do Padre Joaquim Alves Correia (Paredes, 1886 – E.U.A., 1951) que, juntamente com o padre Abel Varzim e o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, foi um dos maiores nomes da oposição católica ao Estado Novo em Portugal¹⁶³; o Padre Abel Varzim (Barcelos, 1902 – Porto, 1964)¹⁶⁴, autor, juntamente com o Padre Manuel Rocha, dos Estatutos da “Acção Católica Portuguesa” (ACP), e que é visto, por Padre Américo, como “*um mártir dos nossos tempos, ignorado*”¹⁶⁵, e a quem louva a sua ação pastoral, primeiramente na Paróquia da Encarnação¹⁶⁶, “*que abrange o Bairro Alto – açougue de Lisboa*” e, depois, na construção das “Casas de Repouso para Pobres” nos arredores daquela cidade. Finalmente, cumpre ainda citar o nome de Maria Carolina Sousa Gomes (fundadora das “Criaditas dos Pobres” de Coimbra), com quem Padre Américo tantas vezes se cruzou¹⁶⁷, também ele ficando surpreendido com a sua abnegação e dedicação à causa dos pobres de Coimbra.

Não sendo nem pretendendo ser este um elenco completo e exaustivo de todas as figuras que, não obstante os seus diferentes contextos epocais e geográficos, partilha(ra)m de uma visão muito particular dos pobres e da pobreza, identificando-a com o próprio Cristo, vendo neles e na sua pobreza – que é muito mais profunda que meramente a material – o Cristo Pobre e Sofredor, parece-nos ser válido concluir que será este o primeiro e principal “habitat teológico” em que Padre Américo – pessoa, pensamento e obra – se inscreve e se reconheceria,

¹⁶¹ Colaborou ainda na elaboração de projetos legislativos inspirados pela necessidade de reconhecer a especificidade jurídica da infância e da juventude, na transição da monarquia para a época republicana. Particularmente relevante é a elaboração pelo Padre António de Oliveira do projeto que estaria na base da “Lei da Protecção à Infância” de 27 de Maio de 1911, que criou os Tribunais de Menores em Portugal. Além disso, é autor de vários livros que documentam os princípios do seu pensamento e ação pedagógica e que, muito provavelmente, terão sido fruto da atenção de Padre Américo.

¹⁶² Cfr. AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1984, 4:256-257; IDEM, *Isto é a Casa do Gaiato*, 1985, 1:65.

¹⁶³ Maria Inácia REZOLA, «Correia, Joaquim Alves (1886-1951)», *Dicionário de História do Estado Novo I* (1996): 224.

¹⁶⁴ Maria Inácia REZOLA, «Abel Varzim: Um Testemunho Para Hoje», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 7 (1995): 457-58; FÓRUM ABEL VARZIM, *Abel Varzim: entre o ideal e o possível* (Lisboa: Multinova, 2000).

¹⁶⁵ AGUIAR, *Doutrina*, 1980, 3:201.

¹⁶⁶ Abel VARZIM, *Procissão dos Passos: Uma vivência no Bairro Alto* (Editorial Cáritas, 2014).

¹⁶⁷ AGUIAR, *Doutrina*, 1980, 3:218-220.

se tal lhe perguntássemos, de forma mais plena e assumida. Certamente que cada figura e exemplo citado consistirá, por sua vez, num possível ponto de partida para a análise da confluência (e, nalguns casos, mesmo da influência recíproca) de tal exemplo com o de Padre Américo; não obstante, e dado o horizonte desta investigação, pensamos ser suficiente – embora extremamente fundamental – apontar tais horizontes interpretativos, mesmo que se torne impossível o seu aprofundamento neste espaço.

2.5. ...programaticamente inspirada na “Incarnação”

Se a “Pobreza” é a primeira linha de análise estritamente teológica do pensamento-ação de Padre Américo, a segunda há de ser a da chamada “Teologia da Incarnação”, uma forma de conceção do essencial do “mistério” cristão (na relação Jesus Cristo – Igreja) que tem a sua origem no pensamento e obra do professor de Direito, História e Dogmática da Faculdade de Tubinga Johann Adam Möhler (1796-1838)¹⁶⁸. Na sua “*Simbólica*” (1832)¹⁶⁹, obra de maturidade¹⁷⁰, Möhler defende existir uma “*analogia*” entre (o “Mistério” de) Jesus Cristo e (o d)a Igreja. Estabelecer esta *analogia* – também ela uma das “coisas novas” a que igualmente Leão XII haveria de dedicar especial atenção¹⁷¹ – é algo que, só por si, já mereceu uma ampla discussão e justificaria uma aclaração que aqui não haverá espaço para fazer¹⁷². Não obstante, o que se revela necessário registar é que, com esta analogia, Möhler haveria de inaugurar uma compreensão de tal mistério que seria posteriormente protagonista de uma “*profunda influência*” na reflexão teológica (particularmente na de realce eclesiológico)¹⁷³. A atestá-lo estão, e

¹⁶⁸ ILLANES e SARANYANA, *Historia de la Teología*, 284-286; VILANOVA, *Historia de la Teología Cristiana*, III:456-458.

¹⁶⁹ Edição castelhana: Johann Adam MÖHLER, *Simbólica o exposición de las diferencias dogmáticas de católicos y protestantes según sus públicas profesiones de fe*, ed. Pedro RODRIGUEZ e José R. VILLAR (Madrid: Ediciones Cristiandad, 2000).

¹⁷⁰ Cfr. José Jacinto Ferreira de FARIAS, «O kairos sacramental: o lugar do cruzamento do tempo e a eternidade, da justiça e da misericórdia», *Didaskalia. Revista da Faculdade de Teologia-Lisboa* XLI (2011): 173-89.

¹⁷¹ Ver, por exemplo, o n.º 4 da sua *Encíclica Satis Cognitum* (29 de junho de 1896). IGREJA CATÓLICA: Leão XIII, Papa (1878-1903), «Carta Encíclica “Satis Cognitum” sobre a unidade da Igreja (29.06.1896)», em *Acta Sanctae Sedis*, vol. 28, 1876, 708-39, [em linha: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_29061896_satis-cognitum.html>].

¹⁷² Para melhor compreender o contexto e alcance da aplicação deste conceito de “analogia” no debate teológico ver G. SÖHNGEN, «Analogia», em *Conceptos Fundamentales de la Teología*, ed. Heinrich FRIES, vol. 1, 4 vols. (Barcelona: Ediciones Cristiandad, 1966), 76-88.

¹⁷³ Cfr. RIGA, «The ecclesiology of Johann Adam Möhler», 563-564. Por outro lado, também a sua obra sobre a unidade da Igreja [Johann Adam MÖHLER, *La unidad en la Iglesia o el principio del catolicismo expuesto según el espíritu de los Padres de la Iglesia de los tres primeros siglos*, ed. Pedro RODRIGUEZ e José R. VILLAR, Biblioteca de Teología 22 (Pamplona: Ediciones Eunote, 1996).] suscitou amplo debate e reconhecimento: nela, o autor “toma o Espírito Santo como ponto de partida da sua obra sobre a unidade da Igreja, o que representou uma novidade nos estudos em eclesiologia no séc. XIX, que partiam normalmente

sumamente, quer a Eclesiologia patente (e já “sedimentada”) da Encíclica *Mistici Corporis* de Pio XII¹⁷⁴, quer o núcleo essencial da concepção eclesiológica vertida pelo II Concílio do Vaticano, que retoma precisamente esta mesma formulação möhleriana, entretanto sumamente desenvolvida na obra de outro grande teólogo do séc. XX, o padre Marie-Dominique Chenu (1895-1990)¹⁷⁵, ao apresentar a Igreja como “continuação do mistério da Encarnação”:

“Cristo, mediador único, estabelece e continuamente sustenta sobre a terra, como um todo visível, a Sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça. Porém, a sociedade organizada hierarquicamente, e o Corpo místico de Cristo, o agrupamento visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja ornada com os dons celestes não se devem considerar como duas entidades, mas como uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino. Apresenta por esta razão **uma grande analogia**¹⁷⁶ com o mistério do Verbo encarnado. Pois, assim como a natureza assumida serve ao Verbo

de Cristo. J. A. Möhler, ao tomar o Espírito Santo como ponto de partida da sua investigação eclesiológica, situa-se no que, no séc. XX, será proposto por K. Rahner no seu axioma trinitário: a Trindade económica é a imanente, e vice-versa, ou seja, a Trindade económica como caminho para o conhecimento da Trindade. E em Möhler já está presente também o que se chamará a inversão trinitária, ou seja: se na ordem das missões trinitárias, o Espírito Santo vem no fim, porque enviado pelo Pai e pelo Filho, no plano do conhecimento da Trindade, no que ao homem diz respeito, o processo é inverso: pelo Espírito, acede-se ao conhecimento do Filho que revela o Pai. (...) J. A. Möhler descobre uma outra compreensão da Igreja, que ia muito além e mais profundamente do que a compreensão da Igreja na apologética moderna que se detinha nos aspectos mais jurídicos e institucionais, ou na mentalidade iluminista, marcadamente individualista; mas ao mesmo tempo distanciava-se de uma visão meramente espiritualista da Reforma ou da subjectividade do sentimento religioso em alguns movimentos românticos, tanto no interior do catolicismo como no interior da tradição protestante, sendo este o caso especial de F. Schleiermacher, pelo menos na fase dos Discursos sobre a religião, para o qual a religião consistia numa relação panteísta com o todo, tomado quase como divino, e que, por isso, a religião, como sentimento quase estético, não teria directa ou imediatamente nada ou pelo menos não necessariamente a ver com Deus.” – FARIAS, «O kairos sacramental: o lugar do cruzamento do tempo e a eternidade, da justiça e da misericórdia», 174-175. Para a história da influência deste autor na reflexão eclesiológica pode também ver-se: Gustav VOSS, S. J., «Johann Adam Möhler and the development of dogma», *Theological Studies*, n. 4 (1943): 420-44; Bernard (Dir.) SESBOÜÉ, *Os sinais da Salvação (séculos XIX-XX)*, História dos Dogmas 3 (São Paulo: Edições Loyola, 2005), 410-413.

¹⁷⁴ “(...) without Möhler it would be hard indeed to imagine the fruits of this revived ecclesiology which we enjoy today. It is he, above all, who was at the beginning of the long line of theologians of the last century who prepared this way which has culminated in the great Encyclical *Mistici corporis of Pius XII*” – RIGA, «The ecclesiology of Johann Adam Möhler», 564.

¹⁷⁵ Battista MONDIN, *Os grandes teólogos do século vinte*, trad. José FERNANDES (São Paulo: Editora Teológica, 2003), 567-570.

¹⁷⁶ Este é um dos casos em que a tradução – deveras imprecisa – do texto original “*non mediocrem analogiam*” acaba por distorcer o sentido original da afirmação e, em consequência, malsinar as respetivas aplicações/deduções prático-programáticas (eclesiológicas e/ou pastorais) dela decorrentes. Sobre algumas destas aplicações (estritamente em terreno teológico) ver Emilio SAURAS, «El misterio de la Iglesia y la figura del cuerpo místico», em *Concilio Vaticano II. Comentarios a la Constitución sobre la Iglesia*, ed. Casimiro Morcillo González (Madrid: BAC, 1966), 220ss.

divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolivelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo (cfr. Ef. 4,16)” (*Lumen Gentium*, 8).

Estamos, portanto, diante do chamado “princípio da Incarnação”, assim descrito por Rovira Belloso:

“Así como la Palabra invisible de Dios se ha expresado adecuadamente y totalmente en la imagen y figura visible de Jesús de Nazaret, de manera parecida, lo que es invisible de Dios tiende a manifestarse y a darse a los hombres a través de mediaciones sensibles y humanas, que son objeto de experiencia... y de narración. Entonces es cuando lo propiamente divino llega a manifestarse en las coordenadas espacio-temporales del mundo (...)”¹⁷⁷.

Ora, regressando ao nosso tema, tal visão-conceção de Igreja despoletou uma nova compreensão da sua missão no mundo, recentrada, por um lado, numa perspectiva de “seguimento” da exemplaridade da ação salvífico-redentora de Jesus Cristo diante dos pobres-pobreza tal como nos aparece relatada no Evangelho e, por outro, no reconhecimento do lugar e significado destes na compreensão (da eficácia e verdade) da própria ação eclesial. Como bem sintetiza o Cardeal Suhard (de Paris), um dos grandes teorizadores desta “Teologia da Incarnação”:

“A lei essencial do apostolado é a encarnação. Mas esta encarnação, que não é apenas uma adaptação fictícia e superficial, deve entender-se com um grão de sal. Quando o Verbo se fez carne, fez-se plenamente homem como nós, não se limitou a um movimento descendente. Tomou a nossa natureza e assumiu-a, tal qual é, sem pecado, para a introduzir na glória do Pai, na Ascensão. Este movimento ascendente coroa e motiva ao mesmo tempo a sua vinda entre nós. Deus fez-se homem para que o homem se faça Deus. Tal é, segundo os Santos Padres, o circuito total da Encarnação redentora. A encarnação do cristão deve seguir o seu modelo. Ser apóstolo é tudo adoptar, penetrar tudo – na medida em que legitimamente possa ser adoptado – do homem e do mundo que ele moldou. Tudo, isto é – salvo o pecado – todos os valores até aí estranhos ao cristianismo...”¹⁷⁸.

Diríamos, portanto, e para concluir, que o elemento essencial (e inovador) desta visão da Igreja (Eclesiologia) reside no facto de que, ao contrário de outras concepções fundadas ora numa visão demasiadamente jurídico-institucional ora

¹⁷⁷ Jose Maria ROVIRA BELLOSO, *Introducción a la Teología*, Serie de Manuales de Teología 1 (Madrid: BAC, 1996), 301.

¹⁷⁸ SUHARD – “*Triunfo ou declínio da Igreja*”, in *Deus, Igreja e Sacerdócio*, Lisboa: Aster, 1960, pp. 87-90.

demasiado subjetivista-espiritualizante da Igreja, esta está estrita e completamente fundada na Escritura – e mais propriamente no Novo Testamento¹⁷⁹–, aqui entendida quer como “texto fundador-inspirador” quer como “relato experiencial” de uma “*ecclesia*” (comunidade, povo) concreta. Ora, colocando a exemplaridade de Jesus Cristo no centro da auto-compreensão do ser e agir eclesiais, esta visão eclesiológica, quando comparada com os enunciados de Padre Américo sobre este mesmo tema (identidade, mistério e missão da Igreja), encontra não poucos pontos de contato. Assim sendo, e justificada que está esta segunda linha hermenêutica do seu pensamento, cremos poder e dever, por isso mesmo, começar precisamente por aqui uma primeira apresentação daqueles que são os “enunciados teológicos fundamentais” presentes nos seus escritos¹⁸⁰.

¹⁷⁹ Ver uma boa síntese a este respeito em: Paul BOURGY, *Teologia e Espiritualidade do Mistério da Encarnação*, trad. José Correia da Cunha (Lisboa: Tip. União Gráfica, 1963), 15-25.

¹⁸⁰ Digo “primeira” e “muito breve” por duas ordens de razões: porque o que a seguir se apresenta carece ainda de mais aprofundada (e devida) sistematização e porque não há espaço, aqui, para a tal proceder, tarefa a que me proponho (e para a qual remeto) na minha investigação de doutoramento (em curso).

3. A “OBRA” DE PADRE AMÉRICO: UM “AGIR AO SABOR DA FÉ”

Homem de um só livro (Evangelho), de ideias e atitudes firmes e resolutas, embora não tenha assumido esse pendor “militante” característico dos Movimentos de Ação Católica seus contemporâneos, julgamos ser válida a afirmação de que Padre Américo tomou verdadeiramente “à letra” o “método” proposto pelo cardeal Joseph Cardijn, fundador da “Juventude Operária Católica”, resumidos nos verbos *ver*, *julgar* e *agir*, sempre tendo como “diapásão” o Evangelho e como horizonte a História. Por isso, todo o seu “agir”, observável e apreensível quer pelos relatos que nos deixou quer pelas marcas profundas na história da Pedagogia, da Assistência Social, da Habitação Social, em suma, das principais vertentes da ação social (eclesial, privada e ou estatal) do séc. XX português há de ser enquadrado igualmente neste *movimento dinâmico* (e) constante que caracteriza, em larga medida, o seu “*modus agendi*” cristão. Em ordem a uma compreensão deste seu pensar-agir, passamos a elencar algumas das características e notas essenciais do atrás referido “quadro teológico-fundamental” que é possível de reconstruir a partir dos seus escritos¹⁸¹.

3.1. Jesus Cristo: modelo, centro e cume

Parafraseando o Padre Avelino Soares já citado, poderíamos também afirmar que Padre Américo era um “cristão a cem por cento”, tal a centralidade que concede à figura e mensagem de Jesus Cristo em tudo o que pensa, diz, escreve e faz. Contudo, como bem nota José da Rocha Ramos, o seu “*Não [é] um cristocentrismo abstracto e desencarnado, centrado unicamente na Paixão e Morte do Filho de Deus, mas antes uma espiritualidade cuja tônica dominante recai em Cristo Vivo. Ressuscitado. Cristo é o centro. Toda a acção pastoral para Ele converge.*”¹⁸²

¹⁸¹ RAMOS, Padre Américo: *místico do nosso tempo*, 71.

¹⁸² *Ibid.*, 71.

Com efeito, é precisamente esta ideia que se faz patente nas palavras do próprio Padre Américo, quando refere, como que justificando a sua “opção preferencial” por Jesus Cristo e pelos pobres:

“Há muita gente que vê neste modo de vida um desgaste quotidiano e lamenta, por simpatia, tantas horas de trabalhos. É um erro! Perdeu-se o sentido das realidades divinas. Não se acredita no sobrenatural. Cuida-se que Jesus Cristo ficou na sepultura e que os cristãos são herdeiros de um epitáfio. Gosta-se, em regra, desta fezinha de meias tintas e de panos quentes. É mais cómoda. Não obriga. Outros erros! A verdade toda é que não existe no mundo vida mais consoladora do que a dos homens que semeiam e colhem unicamente para o Bem total do seu semelhante, no esquecimento da sua pessoa e bens. Ninguém tenha dó nem chore as penas dos mártires do Evangelho”¹⁸³.

Numa outra ocasião, em que tece críticas a uma certa tendência da espiritualidade do seu tempo, defende que:

“Nós temos de desenterrar Jesus Cristo. Temos de O libertar da mortalha. Muitos e muitos e muitos desejam que Ele Se deixe estar ‘no Seu sepulcro glorioso’, quietinho; e em troca, levantam-Lhe altares. É glória nossa que procuramos, enganados. É o homem a encher-se de si”¹⁸⁴.

“Preguemos o Cristo Vivo. Impregnemos o mundo de Verdade e já ela, a Verdade, não causará espanto. Façamos que os coxos andem, que os cegos vejam, que os ricos se compadeçam, que os surdos ouçam. Como? Pregando os Pobres sem medo nem reticências. Pregar para melhorar a situação de cada um. Ampará-los para que não venham a cair na miséria”¹⁸⁵.

E, para que não restem dúvidas: “Assim se dá testemunho de Cristo. Como? Fazendo o que Ele manda. Tudo o mais é água benta.”¹⁸⁶ Porque, para ele, “Basta viver Cristo sem cerimónias para se ser cristão”¹⁸⁷.

A comprová-lo, Padre Américo deixou-nos os seus escritos e a sua própria vida: uma “vida em Cristo, sem cerimónias nem contemplações”. Cristão e Padre “a cem por cento”, o Autor tem em Jesus Cristo a sua única fonte de inspiração e de esperança, de ânimo e de força, de confiança e de perseverança, mas também de consolo na sua ação pastoral; só Ele é a raiz profunda onde assenta a sua fé,

¹⁸³ AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 65.

¹⁸⁴ AGUIAR, *Doutrina*, 1977, 2:184-185.

¹⁸⁵ IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:23.

¹⁸⁶ IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:74.

¹⁸⁷ IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:224.

o refúgio seguro diante das mais dilacerantes contrariedades; só Ele e todo Ele, o “Cristo vivo” de que nos *falam* os Evangelhos é a “*Pedra Angular*”¹⁸⁸ sobre a qual assenta tudo o que pensa, diz e faz:

“(…) os obreiros do Evangelho não fazem cálculos nem têm programas. Assim como os edifícios, também os alicerces da nossa vida oferecem muita segurança. Aqui, particularmente, Cristo Jesus é a Pedra Angular. Que ninguém edifique de outra maneira. Nós procuramos seguir em tudo e por tudo a vida do Senhor, tal qual no-la deixaram os Evangelistas. Eu quisera que a vida do Senhor fosse contada às crianças, inculcada aos homens e vivida por cada um. Não acho nada que seja mais simples nem mais suave nem mais verdadeiro”¹⁸⁹.

Paralela a esta fé inabalável em Jesus Cristo, encontramos igualmente em Padre Américo uma atitude vital de total desprendimento e confiança na Providência Divina. Comentando uma notícia de um jornal italiano que relatava o caso de uma tentativa de assalto ao Padre Guido Visendaz, também ele responsável por uma “*Aldeia dos Rapazes, criada em Lenciano, para os órfãos da guerra*”¹⁹⁰, se ter convertido num relato de inesperada magnanimidade dos assaltantes, é deste modo que o nosso Autor interpreta tal acontecimento:

“O terceiro ponto da notícia está no auxílio infalível e constante da Providência. Deus a velar por quem se devota aos que são d’Ele. Esta verdade lê-se no acontecimento que os jornais de Roma deram à luz. Mesmo que haja quem assim não leia, que importa? É mais um que não sabe ler e acabou. É mais um e eles são tantos! O mundo ateu em explicar-se pelas aparências. Cuida-se que é o mundo que governa o mundo, mas não. O homem põe e Deus dispõe. Por detrás da aparência está a realidade. A luz do homem é feita de trevas se lhe faltar aquela Luz”¹⁹¹.

Esta “verdade absoluta”, Padre Américo fá-la inteiramente sua, e com todas as consequências que lhe são inerentes:

“(…) espero absolutamente na providência do nosso Bom Deus, Vivo, Pessoal, Inteligente, de cujo seio caem todas as esmolas da Sopa, como caiu outrora, na mesa do Povo escolhido, o pão do deserto; espero ainda que Ele me conduza, de preferência, àquelas casas onde há doença na cama e revolta nos corações, porque falta o azeite

¹⁸⁸ IDEM, *Obra da Rua*, 137-140.

¹⁸⁹ *Ibid.*, 137.

¹⁹⁰ AGUIAR, *Notas da Quinzena*, 205.

¹⁹¹ *Ibid.*, 206.

na candeia e o sal na cozinha; espero, finalmente, ter muita pureza nos olhos, muita rectidão na consciência, muita justiça no dar”¹⁹².

Esta é uma confiança que atravessa tanto as pequenas e simples (“A Providência levou-me ali, naquela hora, para dar-lhe ao menos uma última bênção”¹⁹³) como as mais significativas e exigentes opções e decisões: projetando no futuro a construção de “Casas do Gaiato” nas terras de além-mar, Padre Américo sonha “Às vezes, vem um aguilhão dizer que dentro em breves anos temos rapazes na casa dos dezanove! Fazemos então um acto de confiança no futuro! Colónias! Terras de trabalhadores portugueses.”¹⁹⁴ Tudo porque, como ele bem o sabe (porque o experimentou), e melhor ainda o sintetiza:

“A prudência humana pede cautela. A experiência pede coragem. A lógica pede cabeça fria. O trabalho que nos espera, pede coração. A economia pede cálculos. Deus pede doação! Sabemos quanto confronta ter confiança e vamos na hora da Providência”¹⁹⁵.

Mas, para Padre Américo, não é só (nem fundamentalmente) nas “coisas grandes” que a Providência se revela; é também e principalmente nos seus breves encontros com os seus pobres – do Barredo – que esta lhe (a)parece mais viva, mais real e mais operante:

“Levo comigo altas recomendações, as melhores que o mundo tem para oferecer aos homens; e eles, os pequeninos seres de brilhantes ao peito e charuto na boca, ateimam em desdenhar – levo comigo a recomendação do Pobre. ‘Ah, Padre, que o Senhor nunca lhe há-de faltar!’ Tão pobre esta mulher que assim me falou! Deixa dois filhos de peito e vai para Lisboa procurar a cura de uma doença que a não tem. É uma canonização sublime. É a pregação viva do dogma da Providência de Deus – ‘nunca lhe há-de faltar’. É documento que me acredita diante de todos e, por amor dele, todos me acreditam. Não troco estas credenciais pelas do Palácio de Belém, recamadas de oiro e cortejos luzidos. São convenções sociais que não fazem mal a ninguém. As minhas, sem oiro nem aparato, fazem Bem”¹⁹⁶.

Ou, noutra ocasião, igualmente falando do Barredo:

“Um doente de mal contagioso, sem uma sede de água e com zero de conforto, diz assim: ‘A minha cruz é tão pesada que eu não posso com ela; é Ele quem a leva’; e

¹⁹² AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:254.

¹⁹³ IDEM, *O Barredo*, 13.

¹⁹⁴ IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:40-41.

¹⁹⁵ IDEM, *Obra da Rua*, 216.

¹⁹⁶ AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1999, 3:226.

aponta um quadro do Coração de Jesus suspenso na parede, tudo quanto há no cubículo, além do catre e dum mocho. Como é consolador ver as letras da Providência gravadas a tinta forte, nestes males sem cura nem remédio! Ver como Deus levanta carinhosamente aqueles que amorosamente deixa cair!”¹⁹⁷.

Convém notar, no entanto, que sempre Padre Américo teve a preocupação pessoal – partilhada também com os que o rodeavam e tentavam imitar e seguir, nomeadamente os seus “Padres da Rua” – de deixar bem claro que esta sua atitude de total confiança na Providência Divina não se confunde com uma qualquer espécie de demissão da responsabilidade pela missão assumida. Com efeito, parecendo alertar os seus padres companheiros de missão (e, com eles, todos os que poderão intuir tal hipótese errada de interpretação das suas palavras), clarifica taxativamente: “A confiança não exclui a prudência. Contar com o milagre sem fazer nada por ele, é presunção. A responsabilidade aumenta com a ordem”¹⁹⁸. Prova disso são precisamente as dúvidas – naturais e também nele recorrentes – diante da “eficácia” das suas opções:

“Tenho cismado muito, que talvez seja eu mesmo o causador da voz que se extinguiu e das fontes que secaram por ter servido mal e fora de horas os Pobres que a Providência me confia. Porquanto é uma verdade colhida na experiência que quanto mais nos queimamos no cuidar da gente pobre, tanto mais recebemos para lhes distribuir”¹⁹⁹.

Contudo, ao mesmo tempo que sublinha tal “responsabilidade”, logo assoma nele uma profunda e radical humildade diante d’Aquele que, nele e através dele, verdadeiramente “faz acontecer”:

“Não quero ser arrogante; tampouco armar em mestre. Mestre é só um – Cristo. E nós somos todos Irmãos. Não quero. O que eu pretendo, sincera e humildemente, é saber que todas as forças se reúnem para fazer mais e melhor”²⁰⁰.

Homem e padre que, como ele, adote esta espécie de *ação contemplativa* (ou, se se preferir, “*contemplação ativa*”²⁰¹) como *modus vivendi*, não pode ignorar nem deixar de dizer e fazer o mesmo que ele dizia e fazia, tudo *para a maior*

¹⁹⁷ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:73-74.

¹⁹⁸ IDEM, *Doutrina*, 1977, 2:255.

¹⁹⁹ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:212.

²⁰⁰ AGUIAR, *Doutrina*, 1974, 1:107.

²⁰¹ Ernesto Candeias Martins fala de um “*espiritualismo activo*”... Ver: MARTINS, *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 186ss.

glória de Deus, sim, mas o Deus-Vivo e Incarnado, Jesus Cristo, Vivente porque Ressuscitado, Pobre e Servo entre os pobres e servidores. E é a esta luz que Padre Américo via toda a realidade, a começar pela eclesial, como sumariamente apontarei de seguida.

3.2. Igreja: (Corpo) pobre e ao serviço dos pobres

É de justiça e de suma importância evidenciar que duas das mais relevantes ideias eclesiológicas que brotam do pensamento-obra de Padre Américo se situam, por um lado, no quadro de uma profunda sintonia com o essencial da reflexão do Magistério em torno da questão da “identidade” da Igreja, vertida, sobretudo, na Encíclica “*Mystici Corporis*” (Pio XII, 29 de junho de 1943) e, por outro, pelo caráter e posição crítica que este adota, nomeadamente face à *praxis* (pastoral) de um certo Clero seu contemporâneo. Mais concretamente, é por demais evidente, em Padre Américo, uma profunda e repetidamente assumida consciência de pertença à Igreja (universal), “Mãe (...) [e] depositária e fiadora da doutrina viva do Amor”²⁰², para a qual concorre com enorme eficácia a imagem de “corpo místico” por ele várias vezes citada²⁰³, e quase sempre em correlação com uma espécie de explicitação do horizonte da sua própria missão:

“Tal como no corpo humano, os membros mais doridos são os mais acautelados, assim nós, na grande família humana que é o Corpo Místico de Jesus, acautelamos os membros mais fracos, os mais doentes, os mais expostos”²⁰⁴.

“A nossa missão é acautelar e defender os membros doridos do Corpo Místico de Jesus. Não é protestar. Que outros o façam”²⁰⁵.

Note-se ainda que, a fazer fé nos seus relatos, parece inclusive ser esta uma conceção eclesiológica bem impregnada no pensamento dos cristãos seus contemporâneos:

“Entre as esmolas que a gente recebe na roda do tempo para distribuir na mão do Pobre, aparecem algumas que são verdadeiras mensagens do Evangelho: ‘Suavize com essa esmola os membros mais doridos do Corpo Místico do Senhor’. De sorte que, se quisermos respeitar o sentimento da esmola, mai-la vontade de quem na dá, somos obrigados a fazer muito mais do que deixar a moeda e virar costas; temos de aliviar

²⁰² AGUIAR, *Notas da Quinzena*, 117.

²⁰³ Além dos exemplos já referidos, ver ainda IDEM, *Doutrina*, 1977, 2:52; IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:175; IDEM, *Pão dos Pobres*, 1999, 3:48.

²⁰⁴ AGUIAR, *Notas da Quinzena*, 224.

²⁰⁵ *Ibid.*, 225.

penas, consolar vidas, suavizar os membros doridos do Corpo Místico de Jesus que são precisamente aqueles mesmos doentes que visitamos – domésticos da casa de Deus, gente da nossa linhagem!”²⁰⁶.

Não obstante, a marca mais indelével desta consciência e inserção eclesiológica encontramos-na nas orientações programáticas que o Autor deixou para a forma de estruturação, inserção e relação da (sua) Obra da Rua – e dos respetivos Padres – no quadro das dioceses onde esta seja implantada. Com efeito, o texto e ideário patente no seu opúsculo “*Do fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros*”²⁰⁷, verdadeiro “texto fundacional” e inspirador de toda a vivência dos “Padres (da Obra) da Rua”²⁰⁸ (fig. 13 e 14), apresenta-se-nos como que atravessado por um conjunto de ideias basilares que denotam tal consciência. Exemplo ilustrativo disto mesmo é a ideia segundo a qual o trabalho pastoral dos “Padres da Obra da Rua” se insere e compreende inteira e exclusivamente no quadro de toda a ação pastoral da Diocese onde estão inseridos, sendo nela e para ela, enquanto *concretização local da Igreja Universal*, que são chamados a desempenhar a sua missão. De facto, é curioso notar que, ao contrário de outros homens e mulheres, como ele particularmente “inspirados”, nunca foi sua vontade ser promotor ou patrono de uma qualquer congregação ou associação religiosa: antes assumindo integralmente o mandato recebido do seu Bispo, acabou por inaugurar – isso sim – uma nova e peculiar proposta de espiritualidade presbiteral, assente, toda ela, numa profunda compreensão e defesa intransigente de uma dimensão e dinâmica “paternal-filial” na relação entre a figura do Bispo e o seu Clero, uma ideia que Padre Américo hauriu dos ensinamentos teológicos bem como do testemunho pessoal do seu professor e amigo Cardeal Cerejeira²⁰⁹ (fig. 15) bem plasmada nos referidos “Fundamentos” da sua Obra. Com efeito, pode até resultar estranho, numa primeira análise, o facto também registado por José da Rocha Ramos de que Padre Américo “*Nunca se refere ao Santo Cura d’Ars* [S. João Maria Batista Vianney], *apresentado ao tempo como o protótipo do*

²⁰⁶ AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1999, 3:47.

²⁰⁷ IDEM, *Do fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros* [Opúsculo] (Paço de Sousa: Imp. Oficinas e Gráficas da Casa do Gaiato, 1950).

²⁰⁸ Posteriormente, este texto serviu de base, juntamente com outros do Autor em que o mesmo tema é aflorado, para a redação do documento intitulado VV. AA., *Normas de Vida dos Padres da Rua* (Paço de Sousa: Casa do Gaiato/Obra da Rua, 2006). Estas Normas, apresentadas aos “*Prelados que têm Sacerdotes seus ao serviço da «Obra da Rua»*” bem como aos que “*têm a «Obra da Rua» ao serviço da Igreja nas suas Dioceses*” (p. 10), receberam a respetiva “*aprovação e bênção, a título de experiência*” (*Ibidem*) em Julho-Agosto de 1965.

²⁰⁹ António Luciano de Sousa FRANCO, «O Cardeal Cerejeira e os leigos», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 2 (1990): 147-68; João António de SOUSA, «O Cardeal Cerejeira, pai e amigo do seu clero», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 2 (1990): 123-45; Manuel Franco FALCÃO, «O Cardeal Cerejeira, pastor da Igreja lisbonense», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, n. 2 (1990): 89-121.

Redacção, Administração e Tipografia
CASA DO GALATO
FALCO DE SOUSA
CALLE DE ALVARO DE
TEIXEIRA, 10, CASA DO GALATO, Lda, 1.º Andar

Proprietor e Editor
PADRE AMÉRICO
Vendas do Correio para CEEB

AVENÇA 21 de Janeiro de 1950



Galato



Venda pelo
Controlado de Leitura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

RHO VI - N.º 154
PREÇO 1500

HOJE O PADRE

necessita de viver o Evangelho todo

na vida toda

«O conhecimento do estado da alma e das necessidades da hora actual obriga-nos a reformar atitudes, a adoptar métodos, a tomar iniciativas, consoante as circunstâncias particulares. Mas o que sobretudo exige, aquilo que será a alma autônoma, directriz, eficiente de toda a acção sacerdotal, apontou-o o P. Lombardi na conferência já citada. O que a hora actual exige de nós, depois de bem a conhecemos e sentirmos, é uma vida heroica de dedicação e amizade pessoal a Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Padre autônomo de Cristo, de certa literatura, o padre adurgado sem a paixão do amor—esse não terá aqui lugar. Está cheio de preocupações a alma de um padre, e ainda ali o propagação marxista a acusar a Igreja de capa de todos os opressores. Só a lição da cruz de Cristo, a lição do supremo amor! Tem a virtude de conter a dorça (ou o desamor), ou o ressentimento dos corações contemporâneos.

Em tempos de já tranquila, dizem, bastaria ao padre contentar-se com ser honesto e diligente no exercício da sua missão. Hoje, porém, ele necessita de viver o Evangelho todo na sua vida toda. A vida sacerdotal deve ser uma manifestação mistica de Cristo: vida que todos vejam, e seja escudado para os judeus e leviatas para os pagãos, como disse S. Paulo: essa crucificação revelando da divina caridade.

Por este preço Cristo atraiu a Si o mundo. Entrai-lhe hoje ainda se encontrar sacerdotes, muitos sacerdotes, que assim O revidem. Não deixem. Ele jamais de ser o Salvador. Mas quer sê-lo, nesta hora, por nós e conosco, os padres de hoje.»

Sacerdotes. Muitos sacerdotes que revelam Jesus.

O que si se transcreve, é uma peça de um discurso do Senhor Cardeal Patriarca, feito ao clero de Lisboa. O texto é muito extenso. A epígrafe é o Padre e a hora actual.

Lembremos-me, e cuido que faço bem à Igreja, dando a estampa a este bocadinho. Um grande número dos que têm O Galato,

OUTRA VEZ NO BARREDO

Não temos necessidade e toda a nossa pena, é não poder dedicar-me inteiramente e exclusivamente à vida dos Barredos.

Que os meus sucessores jamais desistam dos Pobres; eles são a causa da nossa riqueza. Da riqueza da Obra da Rua. Não me canso de o afirmar. São eles quem nos dão tudo. Exemplos: Mandei alguns daqui a casa de uma família pobre, levar dinheiro e vestuário. De volta o portador do contos e exclamou: Que pávaras! Que alegria! Que riqueza! Deram mais do que recebemos. Ora aqui está. Aqui é que é. A nossa obra não seria, se os pobres não fossem.

Mas vamos ao Barredo. Desta vez, esteve mesmo no coração do bairro; na pelupia rua que tem o nome e a deus a todos a escarpa da St. Barredo. Entrei. Era um homem novo, que fora ontem barqueiro e hoje espera a sua hora... Conversamos, largamos-se, ele pede que eu eu a sua vez viámos, que também era barqueiro e precisa tanto como eu. Uma lição. Uma lição formidável, pela doutrina que contém e pelo homem que a dá. A ambição, a inveja, a ganância,—mala disto aqui tem lugar. O Lixo do Barredo! Que hora de confusão não há-de ser a do Juízo Universal!

O outro barqueiro, também é um homem que está à espera... Ali ao pé, já fura da porta, vejo uma mulher dirigir-se a mim, perdida de riso.

—De que se ri?

—E de o ver a si.

Nos tempos conhecidos. Assim esta espera a vez, mas como não tem casa, de dia abriga-se nos portais e à noite, encosta-se junto de uma outra, não pobre como ela. O pobre! A vida dos pobres!

Aquele riso era benção. Benção para a nossa obra. Deus tirou-me de muitas máis, por causa do riso dos pobres, quando eu passo por eles. Livro. Sei que me livra. Santa que me livra. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Como a salutar os degraus do Barredo, que vão dar à St. De nos grupe de homens, sai uma voz a dizer que não. Olhe que são muitas escadas. Ouça, agradeça e continue a subir. São, na verdade, muitas escadas: em cerca de 200 degraus! Graças pade das escadas. Debramo-se vezes de tudo a tudo, com roupas estendidas nos sacadas. As crianças exultam. Em pensamento no barqueiro e na outra barqueira e na outra que se ri para mim quando me topo. Penso no fongum que até há pouco ali visitava e agora já não... É um milagre de homens que esperam a sua hora deitados nos tralhões sojos do Barredo... Penso e disse para com os meus que é muito necessário dar eficiência aos Salvadores, sim, mas, estendidos as costas, mais necessário se torna combater a mal na origem. Sem isso, é construir no ar.

Todos assim compreendem.

Estava agora no topo. Tinha

Continua na 2.ª pág.



Um frasco de Belezas da Casa do Galato de Lisboa. Cada um tem a sua história e nenhuma família! Hoje são novos. Eles são a paixão, o entusiasmo, a palavra nova que anda de boca em boca.

Dois minutos de silêncio!

«O Comercio—dava uma notícia de três linhas, no fundo de uma coluna interior, tipo miudinho. O jornalista, em vez de ponto final, acaba com um de admiração: assim! Ponto de admiração.

Uma viúva dera à luz ao pé do Castelo de Leca, naquela noite de frio, e ali ficou sozinha, até que de manhã foi encontrada e conduzida ao hospital. Eis a notícia.

Eu peço dois minutos de silêncio. O século das velocidades também tem e sofre os seus atrasos—e que atrasos!»

Fig. 13 – Artigo de Padre Américo intitulado “Hoje o Padre necessita de viver o Evangelho na vida toda”.

Fonte: O Galato, Ano VI, n. 154 (21 de Janeiro de 1950): 1.

12 DE MARÇO DE 1955

AVENÇA

Redação, Administração e Impressão: CASA DO GAIATO-PADO DE SOUSA - TAMB. NESTE
Direção e Editor: PADRE AMÉRICO
Comissão e Impressão em: TPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PADO DE SOUSA
Tudo de acordo com: PADO DE SOUSA

Visão pela Comissão da Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 381 • PREÇO 1800

Gaiato

ALGUNS ANOS DEPOIS

O espantoso desenvolvimento desta Obra de todos, é uma história sagrada. É da História Sagrada. Tem ali a sua origem. Tira de lá os seus elementos. Quem não conhecer as Escrituras, não

ção da própria cidade as grandes emoções do Inédito! Quem havia de dizer, outra vez, que, mesmo rente à reputação onde jaz o saudoso Príncipe da Igreja, se haviam de erguer cinco monumentos de

apóstolos receberam do seu Mestre e Amigo um diploma diferente. Parece ter sido, até, uma palavra bem mais pequena. Sendo que os Rapazes são os legítimos continuadores dos Apóstolos, aquele *ande lá* tornou-se bastante e nunca tivemos de ninguém outras credenciais. Cá andamos.

Tudo o cuidado dos *padres da rua* consiste na sua fidelidade à Igreja e por Ela a Cristo, em unidade perfeita com a Hierarquia. Na verdade, esta Obra que se chama da Rua, é uma revelação actual e oportuna do Eterno. Nos temos retirado a pedra do Sepulcro, aos olhos de muitos que tomavam Jesus por um homem morto e sepultado. Por aquilo que se vem praticando e dizendo desde o princípio, não falta quem tenha acreditado na Ressurreição e ido dizer aos outros que Cristo na verdade, ressuscitou e vive no meio de nós.

Outra coisa não são as cartas e os desenhos e as dúvidas e as polémicas e as contradições e até os falsos irmãos. Ele nas estradas, nos comboios, nos botiquins, nos jornais, onde quer que haja um homem que fale, aí o temos a falar de Cristo ressuscitado. Isto é a Obra da Rua.

Aí! [que Deus envie] mais obreiros, somos hoje a meia dúzia que aparece nas colunas do *famoso*, em dia do seu aniversário. Nenhum deles foi instado. Escobram. Não pedimos nem repelimos. Aceite-se o que Deus mandar. Que sirva de exemplo a recusa a que acima nos referimos. De nada vale!

Vê-se aqui o do Lar de Alcácer do Sal e futura Casa do Galato de Setúbal. O da Casa de Baire e futuro abrigo de doentes — Galvúrio. O da Casa do Tojal e Lisboa. O da Casa de Miranda e

Coimbra. O da Casa de Paço de Sousa e Porto. O da Casa de Ponta Delgada. Somos meia dúzia. Não há nomes. Não se sabe a terra. Não se conhece a família. *Idé. Ela.*

Se a Obra é dos homens, tudo quanto hoje aqui se diz não presta. Se de Deus, tudo quanto se tem dito, mesmo que não preste, vale. Não há fugir deste argumento.

Não queremos fechar a carta sem dizer dos bons ofícios e presença das Senhoras que voluntariamente trocaram seus lares cheios e confortáveis pelo trabalho ingrato das nossas casas. São tantas como nós. Para elas o nosso crédito. Também uma lembrança ao punhado de Rapazes afeiçoados, que, a seu modo e em várias terras, dão testemunho da Obra que os criou. Para estes, a nossa gratidão!

(Continua na 1.ª coluna da página seguinte)





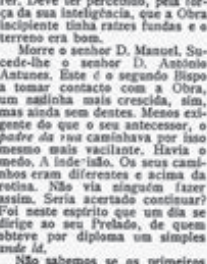










Fig. 14 – Artigo de Padre Américo intitulado “Alguns anos depois”, sobre aqueles que eram, à data, os “Padres da Rua” (com fotos dos mesmos).

Fonte: *O Gaiato*, Ano XII, n. 288 (3 de Dezembro de 1955): 1-2.



Fig. 15 – Fotografia de Padre Américo, acompanhado de D. António Ferreira Gomes e de colegas Padres.
Fonte: Arquivo da “Obra da Rua ou Obra do Padre Américo” (“Casa do Gaiato”).

*verdadeiro padre diocesano*²¹⁰. Contudo, aprofundando o que no seu pensamento e testemunho vital nos permite reconstruir desta sua “espiritualidade presbiteral”, tornar-se-nos-á evidente a profunda sintonia entre o carisma de Padre Américo e o do Santo Cura d’Ars²¹¹. Preocupado com o futuro da sua Obra – não, certamente, por qualquer afã de “posteridade” mas porque sabe da importância e urgência da sua missão: “*Haveis de ser vós, meus filhos de hoje; a Obra há-de ser continuada e mantida por vós. As dores de parto são minhas. Alguém tem de ser vítima. Coube-me a sorte a mim. Mas já trabalham no Porto os que hão-de amanhã*

²¹⁰ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 70. Com efeito, a figura deste santo haveria de ser apresentada pelo próprio Magistério como o “modelo perfeito” do padre na Encíclica “*Sacerdotii Nostri Primordia*” de João XXIII (1-8-1959), tal como se diz no n.º 9: “*A Igreja, que glorificou este padre “admirável pelo seu zelo pastoral e seu ininterrupto desejo de oração e de penitência”, tem hoje a alegria, passado um século sobre a sua morte, de o apresentar aos padres de todo o mundo como modelo de ascese sacerdotal, de piedade, e sobretudo de piedade eucarística, modelo enfim de zelo pastoral.*”

²¹¹ Sem querer repetir o que atrás foi referido e minimamente aprofundado, registem-se, a título de exemplo, duas das “grandes linhas” da espiritualidade de S. João Maria Vianney também sublinhadas na Encíclica citada e que serão, porventura, as pontes mais largas entre o carisma de ambos: “*pobreza evangélica*” (n.º 12) e “*piedade eucarística*” (n.ºs 28-38).

dizer: ‘Hei-de sempre contribuir’”²¹² – Padre Américo vai ao fundo da questão da vocação e “atitude pastoral” que todo o (futuro) padre deve saber “incarnar”:

“Como muito bem diz, ‘é necessário que nós, os padres, compreendamos’. Gosto deste plural. Aceito e digo mais: ‘É necessário que os Seminários compreendam’. Aqui é que bate o ponto. Em vez de sermos preparados para ganhar, havíamos mas é de ser preparados para perder a vida. A primeira noção é justa, é sã, é humana, sim. A segunda é divina. É a vocação sacerdotal. Vocação plena”²¹³.

E é também no contexto desta “humanidade partilhada” que se deve compreender a sua crítica (como que retrato “em negativo”) a alguns membros da Igreja do seu tempo. Servindo-se das palavras do Cardeal Cerejeira, também ele se revela acerrimamente crítico dessa figura d’

“O Padre ‘amanuense de Cristo’ de certa literatura, o padre aburguesado sem a paixão do amor – esse não terá aqui lugar. Está cheia de preconceitos a alma de muita gente e anda aí a propaganda marxista a acusar a Igreja de capa de todas as opressões. Só a lição da cruz de Cristo, a lição do supremo amor tem a virtude de convencer a dureza (ou o desespero, ou o ressentimento) dos corações contemporâneos. Em tempos de fé tranquila, de mosque bastaria ao padre contentar-se com ser honesto e digno no exercício da sua missão. Hoje, porém, ele necessita de viver o Evangelho todo na sua vida toda. A vida sacerdotal deve ser uma manifestação mística de Cristo: vida que todos vejam e seja ‘escândalo para os judeus e loucura para os pagãos’, como dizia S. Paulo: essa crucificante revelação da divina caridade”²¹⁴.

A crítica do Cardeal, ao clero de Lisboa, expressão também de uma certa percepção pública da Igreja daquele período, era estendida por Pai Américo a outras dioceses e regiões do país por si bem conhecidas: Braga (“*Em Braga há uma grande inflação religiosa*”²¹⁵) e Coimbra (“*Eu estava, de uma vez, à espera do eléctrico para a Alta, em Coimbra, e passa um sacerdote de moto. Do lado dizem: ‘Ali vai o retrocesso a cavalo no progresso!’*”²¹⁶) são exemplos citáveis. Mas também a Igreja no seu todo era alvo da sua análise:

²¹² AGUIAR, *Cantinho dos Rapazes*, 43.

²¹³ AGUIAR, *Doutrina*, 1974, 1:193.

²¹⁴ O texto, intitulado “O Padre e a hora actual”, é-nos transcrito e comentado pelo próprio Padre Américo em IDEM, *Doutrina*, 1977, 2:106-107.

²¹⁵ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 70. A expressão terá sido proferida pelo Pai Américo, de acordo com o testemunho do Padre Carlos Galamba.

²¹⁶ AGUIAR, *Isto é a Casa do Gaiato*, 1985, 1:88.

“Hoje, sobretudo, a Igreja Católica é simplesmente um precioso ornamento, um ponto de cerimónias, um depósito de respeitáveis tradições; e não é mais nada. E os padres católicos são os mais tristes propagandistas daquela língua morta e não são mais coisa nenhuma”²¹⁷.

Não obstante, existe algo no pensamento de Padre Américo que rivaliza (e com vantagem) com a dureza das suas críticas à Igreja: é o amor que por ela nutre e que não se cansa de declarar: *“Eu amo a Igreja pelo que ela é. Amo a Igreja por via da Pessoa adorável de Cristo, o seu Fundador. Ela é Obra totalmente d’Ele. A ela Se deu. Por ela morreu. Nela salva o mundo”*²¹⁸. Novamente e sempre, o seu Cristocentrismo a tudo relativizar, porque só n’Ele (Cristo), algo contingente se pode tornar absoluto. Recordando, implicitamente, as palavras do Apóstolo dos gentios (cfr. Gál 3,28), também para ele, no seio desta Igreja, *“Não há castas. Não há classes. Somos irmãos e membros de um só Corpo – Jesus Cristo Senhor e Redentor nosso”*²¹⁹. Ou, numa analogia de teor “biológico”, *“Assim como na ordem da Natureza a diversidade das coisas é que a torna bela, assim também na ordem da Graça – e esta é a seiva da Igreja”*²²⁰.

Mas Padre Américo não se debruça apenas sobre esta “dimensão invisível-espiritual” da Igreja: também dos seus escritos emana uma profunda compreensão da sua dimensão hierárquico-institucional:

“O Senhor Cardeal Patriarca é o Bispo de Lisboa. Muitos senhores julgam, e informam outros, que ele é o chefe da Igreja em Portugal e que manda em todos os bispos. Cada bispo governa o seu território. Nem Portugal constituiu jamais a Igreja. A Igreja Católica não tem nacionalidade. É universal”²²¹.

E, comentando umas declarações à Imprensa do então *“Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro”*, D. Hélder Câmara, relativamente à sua estratégia para eliminação das favelas naquela cidade, refere:

“A Igreja faz outro conceito dos Indigentes. Não afasta. Sem os fazer mudar de sítio ajuda a que mudem de situação. Ela vai às origens e não sai nunca do seu posto – a Enfermeira eterna! Por Igreja, o senhor D. Helder Câmara, do Rio de Janeiro, quer dizer o Corpo dos fiéis de todo o mundo à roda dos seus Bispos e estes com o Papa. Neste sentido afirma ele que toda e qualquer modalidade de favela tem de ser exter-

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ AGUIAR, *Doutrina*, 1980, 3:56.

²¹⁹ *Ibid.*, 3:168-169.

²²⁰ AGUIAR, *Cantinho dos Rapazes*, 159.

²²¹ IDEM, *Doutrina*, 1977, 2:108.

minada; e, restringindo, que as do Rio são como Bispo e fiéis da cidade. Só o Papa é infalível quando fala e define ex cathedra, sim; mas também os Bispos se não enganam quando tomam o partido e defendem os Fracos da prepotência dos homens”²²².

Em suma, para Padre Américo, “A Igreja é o Testamento do Justo que o povo daquele tempo crucificou. Ficou o testamento e ficou o testador. Não há melhor nem mais forte herança”²²³. Por isso ela “é Santa”; mas atenção: “as suas colunas não são os Papas nem os Bispos nem os Padres – são os Santos. Estes, se quiserem ser colunas, hão-de ser Santos”²²⁴. A santidade (da Igreja e de cada cristão) é, assim, a verdadeira “garantia”, o verdadeiro “penhor”, a verdadeira “marca” da sua “eternidade” e “divindade”. Porque, definitivamente, “a Igreja está, na verdade, fora e acima das qualidades e dos defeitos dos seus obreiros”²²⁵.

Sublinhe-se ainda uma outra ideia importante desta sua “eclesiologia”: a de que a Igreja é “mãe”, em particular dos pobres. Falando da necessidade de a Igreja assumir como sua a missão da Caridade e Assistência às necessidades dos mais pobres, o Autor denuncia: “O clássico mendigo que pede às suas portas é um documento universal; por toda a parte os vemos. Eles chegam-se à sua Mãe. E nós não temos um abrigo adequado!”²²⁶ Filhos todos da mesma mãe porque “filhos no Filho” (cfr. Gál 3,26), Padre Américo vê no Pobre o Irmão predileto e o “lugar teológico”²²⁷ onde transparece o próprio mistério da Igreja: “(...) o verdadeiro pobre é irmão de Jesus Cristo – Mihi fecisti – e o bem que se lhe faz, é sacramento da Igreja”²²⁸. E, mais detalhadamente, enquanto propõe uma solução (“prática” e pastoral) para o problema da mendicância:

“(...)a Igreja é uma sociedade de fiéis. Evangelizar os Pobres foi missão do Seu Fundador; logo missão da Igreja. Mas o Pobre, para ser convenientemente evangelizado, precisa de comer. É, até, pelo estômago, que a doutrina penetra nas almas. Daqui nasce que os chamados inimigos da Igreja nunca o são das Suas Obras. Gostam de ver e só depois é que começam a gostar de ouvir. Confrarias. Irmandades. Associações, misericórdias – Obras eminentemente sociais. Obras da Igreja. Código do ver-

²²² IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:240.

²²³ IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:191.

²²⁴ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 73-74.

²²⁵ AGUIAR, *Cantinho dos Rapazes*, 161.

²²⁶ IDEM, *Doutrina*, 1977, 2:172.

²²⁷ Este será, porventura, uma das notas mais evidentes da influência de S. Vicente de Paulo no seu pensamento. Sobre a visão teológica da figura do pobre no pensamento vicentino, ver Luis GONZÁLEZ-CARVAJAL, *Con los pobres contra la pobreza*, 4.^a ed. (Madrid: San Pablo, 1991), 157-171, especialmente pp. 158-160.

²²⁸ AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:XIII-XIV.

dadeiro amor do Próximo, nascido e criado n'Ela – tudo se perdeu! Agora é o Código Administrativo a riscar”²²⁹.

Dito isto, e alargando apenas um pouco mais o horizonte da análise aqui encetada, julgamos ser de justiça uma palavra final sobre um tema que tem vindo a ganhar terreno na discussão e abordagem em torno da sua figura, obra e contributo no quadro da Teologia portuguesa do século XX e, mais concretamente, na possível correlação entre algumas destas suas “inspirações” e o que a Igreja Universal haveria de assumir, canónica e pastoralmente, com e no II Concílio do Vaticano. Referimo-nos, claro está, à formulação de alguns autores, entre eles o já citado José da Rocha Ramos²³⁰, bem como António Baltasar Marcelino, Bispo Emérito de Aveiro – “*admirador de Pai Américo desde o primeiro contacto que com ele teve, era ainda seminarista*”²³¹ –, que veem em Padre Américo um “*precursor do Vaticano II*”²³². Sobre este assunto, e para além das respetivas achegas certas, parece-nos ser necessário sublinhar que a validade de tal “tese” por ambos defendida é atestada, essencialmente, pela mudança de paradigma de compreensão eclesiológica patente nos escritos-pensamento de Padre Américo. Concretizando: sendo a sua uma reflexão que se enxerta, como atrás se referiu, numa conceção eclesiológica presidida por uma imagem “corpóreo-mística” da identidade eclesial, também se deverá registar que nem a essa “imagem” ele se deixou “prender”, inovando e abrindo a porta e lugar (teológico) a uma nova linguagem e visão eclesial que já então começara a despontar: a da Igreja como “serva e pobre”. E é aqui (num grau de relevância semelhante ao que atrás se disse acerca da “Teologia da Encarnação” em que o seu pensamento igualmente se inscreve) que consideramos residir o melhor argumento para a sua apresentação como “*precursor do II Concílio do Vaticano*”.

Com efeito, ler os textos de Padre Américo sob um paradigma hermenêutico que incida predominantemente sobre a questão eclesiológica levará a concluir que, embora respeitando e assumindo como inteiramente seu o “discurso oficial” do Magistério eclesial seu contemporâneo sobre este tema, o nosso Autor evidencia uma espécie de “necessidade” em “ir mais além”, quer na forma de

²²⁹ IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:101-102.

²³⁰ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 58-59.

²³¹ «Padre Américo, precursor do Vaticano II. A sua leitura dos “sinais dos tempos”», *O Gaiato* Ano LXX, n. 1804 (4 de Maio de 2013): 1.

²³² Cite-se a referida conferência proferida por este último, a 11 de janeiro de 2013, na Paróquia de S. José (Coimbra), publicada primeiramente nas edições n.º 1804 e 1805 (de 4 e 18 de maio de 2013, respetivamente) do jornal “O Gaiato” e que recentemente foi publicada em livro, juntamente com outros textos de enquadramento e de homenagem a este prelado de boa memória para a “causa” de Padre Américo e da Obra da Rua – António Baltasar MARCELINO, *PADRE AMÉRICO. Precursor do II Concílio do Vaticano. A sua leitura dos sinais dos tempos*, ed. Henrique Manuel PEREIRA e Padre Manuel MENDES (Coimbra: Alforria-Tenacitas, 2016).

expressar o “mistério” da Igreja, quer na aplicação pastoral que uma tal conceção teológica implica. Neste quadro, é curioso notar como o seu pensamento eclesiológico encontra não poucas semelhanças com o que, poucos anos após o seu falecimento, Yves-Marie-Joseph Congar (1904-1995), um dos maiores eclesiólogos do séc. XX e um dos mais proeminentes inspiradores da Eclesiologia conciliar, igualmente sustentava com a profundidade sistemática que lhe era reconhecida no seu livro *“Pour une Église servante et pauvre”* (Paris: Ed. Du Cerf, 1963)²³³. Nele, o teólogo dominicano faz eco da cada vez mais propalada e urgente atenção à pobreza por parte da Igreja, ideia a que se somava uma igual necessidade de pobreza no interior da mesma igreja – ideias, ao tempo, amplamente reconhecidas e apontadas por um grande número de féis de todas as latitudes, mormente diante da emergência dos pobres nos países do hemisfério sul e nos que se estavam a libertar da opressão colonialista em várias partes do globo. Ora, tendo sido Padre Américo um homem viajado e estando ele sempre muito atento ao seu entorno social e cultural, fosse este geograficamente mais ou menos próximo, não será certamente impróprio estabelecer esta correlação entre este “sentimento” globalmente vivido e expresso e as suas “intuições” localmente formuladas e aplicadas.

Contudo, convirá igualmente sublinhar um dado curioso: ao contrário do que aconteceu com a “Teologia da Encarnação”, e apesar dos evidentes esforços e claríssima intenção do Papa João XXIII para que este tema – “Igreja serva e pobre”²³⁴ – fosse um dos “assuntos centrais” da reflexão conciliar por ele proposta²³⁵, esta nova perspectiva eclesiológica acabou por não ter o devido acolhimento nos trabalhos conciliares²³⁶. É certo que, já na fase conclusiva do Concílio, se registou uma derradeira tentativa de recuperar o tema: a assinatura, a 16 de novembro de 1965, por parte de 40 padres conciliares (maioritariamente

²³³ Versão portuguesa, aqui seguida: Yves M.-J. CONGAR, *Igreja serva e pobre* (Lisboa: Editorial Logos, 1964).

²³⁴ Um bom resumo bibliográfico sobre este tema pode ser encontrado em António Matos FERREIRA e João Miguel ALMEIDA, *Religião e Cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*, 1.ª ed., Estudos de História Religiosa 10 (Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2011), 130-132.

²³⁵ Note-se que o próprio Papa, na rádio mensagem de 11 de setembro de 1962 (portanto, um mês antes de começar o Concílio), referiu, para admiração de muitos que o ouviam, *“Hoje, a Igreja é especialmente a Igreja dos pobres.”* – IGREJA CATÓLICA – João XXIII, Papa (1958-1963), «Radiomensagem a todos os fiéis cristãos a um mês da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II», 1962, [em linha: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/messages/pont_messages/1962.index.html>].

²³⁶ É já clássica a referência à intervenção do Cardeal Giacomo Lercaro, Arcebispo de Bolonha, a 6 de dezembro de 1962, intitulada precisamente “A pobreza na Igreja”, e em que o autor, concretizando os aspetos essenciais da reflexão a fazer sobre o tema e o alcance do mesmo para a própria identidade e missão eclesiais, reafirma (embora sem sucesso) *“a palavra do Papa, oferecida ao Concílio como poderosa directriz.”* – VV. AA., *A pobreza na Igreja*, Col. «O Pensamento da Igreja», nº 4 (Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1964), 94.

brasileiros e latino-americanos), de um documento posteriormente conhecido como o “Pacto das Catacumbas” (por referência às Catacumbas de Domitila, local onde decorreu a dita assinatura, no final de uma Eucaristia pelos mesmos celebrada), documento este onde os signatários, subjugando-se à total fidelidade ao “*espírito de Jesus*”, fazem um desafio aos seus “*irmãos no episcopado*” no sentido de adotarem uma “*vida de pobreza*” e, desse modo, serem testemunhas e exemplos concretos de uma Igreja “*serva e pobre*”, tal como desejara João XXIII e o Concílio – que então terminava – esquecera²³⁷. Não obstante, e excluindo o intenso debate e ação pastoral entretanto encetado pela denominada “Teologia da Libertação” (latino-americana) posterior, só recentemente, com a eleição papal de Jorge Mario Bergoglio (antigo Cardeal de Buenos Aires), se regista um “*ressourcement*” teológico-pastoral desta questão, desenvolvimentos cuja análise extravasa largamente o horizonte do presente trabalho.

Concluindo, não nos parece, de facto, abusiva nem padecente de qualquer revisionismo histórico-teológico a afirmação e apresentação da figura e pensamento de Padre Américo como um dos muitos precursores do II Concílio do Vaticano, mesmo que em tal afirmação se possa intuir, por vezes, algum tipo de loa apologética; pelo contrário: até este paralelismo entre a evolução do debate conciliar em torno da questão aqui em análise e o acolhimento do ideário eclesiológico de Padre Américo entre os seus pares na hierarquia católica são testemunho da relação não linear – e, por conseguinte, deveras interessante e digna de especial aprofundamento – do seu pensamento-ação com os seus contemporâneos interlocutores.

3.3. A Caridade, ou o “olhar pró-ativo” por que o Mundo anseia

Recorrendo, uma vez mais, a José da Rocha Ramos:

[Pai Américo foi] “o contemplativo do quotidiano, o místico da árdua, dura e fatigante monotonia do dia-a-dia. Em cada acontecimento, em cada situação, em cada homem (por mais desprezível que seja) descobre o rosto de Deus. E no Coração de Jesus descobre o coração do mundo. A sua mística não é, pois, uma recusa do mundo, mas uma plena incorporação no seio do mundo para daí contemplar mais plenamente a Beleza Incrriada”²³⁸.

²³⁷ Xavier O. PIKAZA e José Antunes da SILVA, eds., *O Pacto das Catacumbas. A missão dos pobres na igreja* (Prior Velho: Paulinas, 2015).

²³⁸ RAMOS, *Padre Américo: místico do nosso tempo*, 78.

Homem viajado que foi, Padre Américo conhece, bem de perto, “*Quanta beleza no mundo não escapa ao olhar dos mortais, quanta!*”²³⁹. Para ele, “*Nada que mais encha a vida do homem do que ver e sentir o Criador na Sua Criação. As viagens dão-nos essa oportunidade. Não é panteísmo; é S. Paulo: ‘Per visibilia ad invisibilia’*”²⁴⁰. Por isso, não é de esperar nele uma palavra de condenação apriorística de uma qualquer realidade mundana: só quando esta se revela contrária ao Evangelho é que tal juízo é nele verificável. Porque está convencido, como S. Paulo, de que “*onde aumentou o pecado, superabundou a graça*” (Rom 5,20), o seu é um “olhar divinamente inspirado” que analisa a realidade, a julga e nela decide intervir, em ordem à sua transformação. E a Caridade (mais ação que conceito), é o *leitmotiv* de todo o seu pensar e agir, diria a “consequência natural” deste seu “olhar pró-ativo”, de fé, de esperança e de confiança, que ele faz repousar no mundo que o rodeia.

Tal olhar, porque profundamente realista, deslumbrantemente lúcido e desassombradamente perspicaz, não se deixa aventurar em nenhuma espécie de “idealismo inconsequente”. A crueza do realismo e a – por vezes atroz – plasticidade com que nos descreve as inúmeras situações e histórias – de vidas de pessoas – concretas assoladas pela pobreza, quer material como espiritual – atente-se nas páginas do “seu” “*Barredo*” – faz transparecer nele uma espécie de revolta interior, própria de quem transformou toda a sua vida, mais do que num exercício de reflexão em torno do problema, num exemplo-testemunho de resposta ao mesmo: fez(-se) Caridade, de uma forma total e radical, abraçando uma “*Caridade [que] não conhece leis. [Porque] É lei de si mesma. Rebenta todos os moldes (...)*”²⁴¹.

Assim, e na mesma medida em que atrás se apontou a (questão da) “Pobreza” e a “Teologia da Encarnação” como horizontes da compreensão teológica do pensar-agir de Padre Américo, consideramos ser igualmente válido apontar agora a história desta Caridade total como o enquadramento mais acertado para compreendermos a sua vida-ação. Certamente que, também aqui, Padre Américo não inova: as personagens da História atrás referidas atestam antes uma perenidade desta preocupação pela resposta concreta a dar a este problema da Pobreza. Não obstante, parece-nos útil e relevante sublinhar alguns elementos que, embora não sendo exclusivos de Padre Américo, permitirão uma melhor compreensão do tema no quadro do seu pensamento-ação.

Em primeiro lugar, relevá-riamos o facto de, para Padre Américo, a Caridade ser algo teo-logicamente – divinamente – fundado e fundamentado, embora com uma ressalva que não é de somenos referir: nas suas próprias palavras, “A

²³⁹ AGUIAR, *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 44.

²⁴⁰ IDEM, *O Barredo*, 322.

²⁴¹ «Facetas de uma vida», *O Gaiato* Ano XIII, n. 357 (16 de Novembro de 1957): 1.

*Caridade não vem do céu. Ela não é de maneira nenhuma o fruto do nosso amor a Deus; é antes o Amor de Quem primeiro nos amou (prius dilexit) difundido nos corações da gente*²⁴². Deus, sempre Ele no centro da História, feita Pensamento, ação, vida. E é em consequência disto que, agora de forma mais desenvolvida, ele digressa sobre a questão das “Obras de Caridade ou Assistência Social”, ambiente e horizonte (conceptual e de ação) com que o seu pensamento e ação permanentemente se cruzam:

“As Obras de Caridade são por natureza um assunto teológico. Não se pode fazer assistência sem este conceito. A base delas consta da existência e da presença de Deus na terra. O Mistério da Incarnação é a sua luz. A doutrina do Corpo Místico de Cristo fornece as normas. A Comunicação dos Santos, a cúpula. Tudo isto vem para dizer que só a Igreja. Só a Ela cabe a verdadeira assistência de irmão para irmão. A Mãe. A eterna enfermeira. ‘Só Ela cura. O mais é mentira’²⁴³.

Fica claro que, em Padre Américo, a Caridade é o “rosto mais luminoso” da Igreja, chamada a ser testemunha desta luz, n’“(…)um mundo gozador, feito de inimigos da Cruz!”²⁴⁴. Sem, contudo, o “condenar” taxativamente, Padre Américo não deixa de reconhecer o caráter transitório, contingente da realidade humana, como que entrevedendo interpretações enviesadas da sua proposta (social): “Vamos, porventura, divinizar a poeira dos caminhos? Não senhor. Tudo no mundo é poeira. Tu solus sanctus. Tu solus dominum. Tu solus altissimus. Não vamos divinizar; vamos mas é dignificar”²⁴⁵.

A operacionalização da Caridade, tal como ele a compreende, implica, portanto, a denúncia, pois “se é perigoso quem denuncia o mal, que dizer de quem o comete?”²⁴⁶. Em primeiro lugar, denúncia das situações de pobreza, de que faz repetida e incansavelmente notícia, nomeadamente através das páginas d’ “O Gaiato”: “As colunas deste jornal são silenciosas; por isso mesmo é que o mundo tanto fala delas!”²⁴⁷. Ou, de forma mais completa:

“O Gaiato, porém, portuguesíssimo como é, não diz mal. Repara, denuncia, deseja, trabalha; sobretudo trabalha por uma pátria melhor. Este periódico é cabeça de casal; defensor activo dos Direitos da Criança. Não dizemos mal; choramos, sim, o mal dos portugueses, neste caso particular. A sociedade deve pão e instrução aos filhos

²⁴² AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:140.

²⁴³ IDEM, *Doutrina*, 1980, 3:175.

²⁴⁴ IDEM, *De como eu fui... Crônicas de viagem*, 19.

²⁴⁵ IDEM, *Cantinho dos Rapazes*, 43.

²⁴⁶ IDEM, *Doutrina*, 1974, 1:29.

²⁴⁷ AGUIAR, *De como eu fui... Crônicas de viagem*, 26.

de ninguém que, por isso mesmo, são os nossos filhos. Que todos se venham aqui desobrigar, a começar pelos mais afortunados”²⁴⁸.

Depois, denúncia que se faz chamada de consciência aos que, segundo ele, têm especiais responsabilidades, a começar pel’ “*Os cristãos do nosso tempo [que] têm medo da Pobreza e arrastam o mundo para a miséria!*”²⁴⁹, e a terminar nos “*grandes da terra aonde temos esta formosa Casa, [que] ao falar com outros da minha ilustre pessoa, disse: ‘Ou ele tem o diabo no corpo ou há ali um grande mistério!’*”²⁵⁰, às portas de cujas casas nunca se cansou de bater, “*suplicando um olhar de compaixão por cima dos muros da Quinta da Misericórdia*”²⁵¹.

Mas só denunciar não basta: o importante, para Padre Américo, é agir. A asseverá-lo está toda a história da sua Obra social, que aqui não cabe fazer mas para a qual a Bibliografia final aponta e esclarece. Por isso atrás se defendeu que só no quadro desta Caridade-ativa a sua Obra-pensamento é compreensível. E, se necessário fosse justificar esta afirmação (que a todos parece evidente), permita-se-nos citá-lo então, uma vez mais, para dizer, como ele, em “*Resumo: dar de comer, dar de vestir, fazer justiça. Eis como se ama! E é este amor que falta ao mundo!*”²⁵².

²⁴⁸ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1984, 4:186.

²⁴⁹ IDEM, *De como eu fui... Crônicas de viagem*, 32.33.

²⁵⁰ IDEM, *Doutrina*, 1977, 2:228.

²⁵¹ IDEM, *Pão dos Pobres*, 1986, 1:57.

²⁵² IDEM, *Isto é a Casa do Gaiato*, 1985, 1:111.

4. CONCLUSÃO: HORIZONTES EM ABERTO (OU A “OBRA” QUE CUMPRE REALIZAR...)

De acordo com os objetivos apresentados e assumidos no início do presente estudo, não foi nem nunca poderia ser nosso propósito apresentar todo o substrato bíblico-teológico em que assenta, qual árvore em solo firme, a obra social que teve e continua a ter no pensamento de Padre Américo a sua principal e fundante inspiração. Por isso, o que aqui se tentou foi descrever os prolegômenos do que, em nosso entender, podem e devem ser considerados como os alicerces estruturantes de um pensar teologicamente sedimentado e social-pragmaticamente concretizado e que nos deve merecer uma especial atenção e dedicação, caso se pretenda compreender não só a figura, pensamento e obra em questão, mas igualmente todo o contexto social, teológico, etc. em que estes se inscrevem.

Feito este périplo histórico-teológico, mediante o qual se tornaram mais claros alguns dos contextos e influências, alcances e relações que entre História e Teologia, Pensamento e Ação se entretecem na trama do pensar-agir de Padre Américo Monteiro de Aguiar, torna-se igualmente mais fácil perceber a múltipla relação e influência entre este seu pensamento e o do Clero seu contemporâneo. Será justo reconhecer, por conseguinte, que muitas das conclusões aqui alcançadas serão dignas de um mais aturado aprofundamento; e que, facilitado que está agora o acesso a uma das fontes fundamentais para tais análise (os textos do Autor publicados no Jornal “*O Gaiato*”), certamente que outras correlações será possível estabelecer e aprofundar. Neste sentido, julgamos ser igualmente útil terminar este trabalho com a indicação, em forma de sugestão, de outras “hipóteses hermenêuticas” deste pensamento. Assim, e alargando o diálogo deste seu pensar-agir com outros saberes e paradigmas interpretativos, caminho este já inaugurado pelos citados João Evangelista Loureiro, Manuel Durães Barbosa, Ernesto Candeias Martins e que depois Paulo Jorge Neves Moreira, Padre Manuel Mendes, Henrique Manuel Pereira, entre tantos outros, têm continuado, estas nos parecem ser outras “quaestiones disputatae” no que ao pensamento-obra de Padre Américo diz respeito.

No nosso entender, a obra-pensamento de Padre Américo será merecedora de especial atenção não só da Teologia, da Espiritualidade e da Pedagogia, mas igualmente da História Social: analisem-se os “*curricula*” e percurso vital dos seus Gaiatos no quadro da sociedade portuguesa e das suas estruturas, de modo a perceber o papel e influência da “Obra da Rua” e dos valores nela ministrados nas estruturas culturais, políticas e sociais, e ter-se-á, estamos certos, também por essa via, uma forma de melhor perceber as “redes de relações” da própria sociedade portuguesa.

Por outro lado, e apesar de, neste ponto particular, sermos contrários à opinião manifesta do Autor sobre si mesmo (e mais precisamente sobre a própria escrita), parece-nos ser igualmente justa uma análise aprofundada do seu “modo de dizer e escrever”, comparando-o com as obras e autores seus contemporâneos, particularmente com aqueles que, de uma forma ou outra, se debruçam e descrevem realidades similares. Não será certamente necessário recordar que, lendo Padre Américo, nos parece “ouvir” quer a ironia de Eça²⁵³, quer o realismo de Raúl Brandão, ou mesmo algum Junqueiro, tal como igualmente defende Henrique Manuel Pereira²⁵⁴. Se tal for necessário, atente-se no que a este respeito afirmou Júlio Mendes em 1977:

”Sem deixarmos de saborear a Mensagem que emoldura os seus escritos, de um estilo que, verdade seja, pelas suas características próprias – escrevia tal qual falava, o que não é fácil à maioria dos grandes escritores! – ainda não mereceu a devida atenção aos cultores da Língua Pátria! Noutros parâmetros, já sucedera o mesmo a Raul Brandão”²⁵⁵.

Em 2010, era a vez da Prof. Maria João Reynaud igualmente constatar:

“A leitura dos textos de Padre Américo, onde a Criança e o Pobre são presenças constantes, e onde aparecem, transcritos, cartas e comentários relativos à sua Obra, não podia deixar de nos trazer à memória Raul Brandão (...). O leitor mais atento depressa detectará afinidades electivas entre estas duas grandes figuras que marcaram o século XX português”²⁵⁶.

²⁵³ Cfr. H. Martins de CARVALHO, «O Espírito e a Obra de Pai Américo», *O Gaiato*, n. 948 (12 de Julho de 1980): 4. O mesmo pensa Henrique Manuel Pereira – ver acima a nota 19.

²⁵⁴ Cfr. PEREIRA, *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*, 59.

²⁵⁵ Júlio MENDES, «Doutrina», *O Gaiato* Ano XXXIV, n. 866 (21 de Maio de 1977): 2.

²⁵⁶ Maria João REYNAUD, «Gente das letras ao encontro de Pai Américo», *O Gaiato* Ano LXVII, n. 1726 (8 de Maio de 2010): 3.

Por isso, defende:

“Esta é, talvez, uma boa chave de leitura dos textos de Padre Américo. A defesa indefectível e, em muitos aspectos, pioneira dos direitos da criança; a ‘fé na regeneração por convicção interior’; a recusa de ser ‘o poeta da miséria’ por não poder dissociar o curso da sua vida do daqueles por quem se sente responsável; o sentido pedagógico que a sua acção adquire, quando, por exemplo, declara que ‘Quem não trabalha não come’; a crença na fraternidade como o mais elevado sentimento humano eis, em suma, os princípios básicos de uma filosofia do amor ao próximo que se lhe afigura inseparável da fé religiosa. É esse amor puramente altruísta que confere uma tonalidade própria à sua escrita e um valor ímpar à sua Obra”²⁵⁷.

Apontados estes horizontes e estabelecidos estes alicerces, é nosso anelo que surjam igualmente mais obreiros que continuem este exercício de aprofundamento na compreensão e divulgação deste pensamento-obra fundamentais do século XX português. Estamos convictos de que não será, certamente, por falta de argamassa que tal edifício não se há de erguer.

²⁵⁷ *Ibid.*

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de Padre Américo

- AGUIAR, Américo Monteiro de. *Cantinho dos Rapazes*. 2.^a edição. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1997.
- . *Correspondência dos Leitores*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1988.
- . «Crianças e Hospitais». *Jornal «O Gaiato»* Ano XIV, n. 360 (28 de Dezembro de 1957): 3.
- . *De como eu fui... Crónicas de viagem*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1987.
- . *Do fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros [Opúsculo]*. Paço de Sousa: Imp. Oficinas e Gráficas da Casa do Gaiato, 1950.
- . *Doutrina*. 2.^a ed. Vol. 1. 3 vols. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1974.
- . *Doutrina*. 1.^a ed. Vol. 2. 3 vols. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1977.
- . *Doutrina*. Vol. 3. 3 vols. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1980.
- . *Isto é a Casa do Gaiato*. 2.^a ed. Vol. 2. 2 vols. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1971.
- . *Isto é a Casa do Gaiato*. 3.^a ed. Vol. 1. 2 vols. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1985.
- . «Mansões de Paz». *Lume Novo*, n. 2 (Fevereiro de 1927).
- . *Notas da Quinzena*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1986.
- . *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*. 3.^a ed. 1 vols. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1974.
- . *Obra da Rua*. 5.^a ed. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 2012.
- . *Ovo de Colombo*. 1.^a ed. Paço de Sousa: [Editorial da Casa do Gaiato], 1954.
- . *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. 1.^a ed. Vol. 4. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1984.

- . *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. 5.^a ed. Vol. 1. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1986.
- . *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. 5.^a ed. Vol. 2. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1990.
- . *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. 1.^a ed. Vol. 3. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1999.
- . *Viagens*. 2.^a ed. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1973.

2. Artigos do Jornal “O Gaiato”

- CARVALHO, H. Martins de. «Como eu vejo o Padre Américo». *O Gaiato* Ano XXI, n. 545 (31 de Janeiro de 1965): 1-2.
- . «O Espírito e a Obra de Pai Américo». *O Gaiato*, n. 948 (12 de Julho de 1980): 4.
- «Facetas de uma vida». *O Gaiato* Ano XIII, n. 357 (16 de Novembro de 1957): 1.
- «Facetas de uma vida». *O Gaiato* Ano XV, n. 387 (10 de Janeiro de 1959): 1.
- «Facetas de uma vida». *O Gaiato* Ano XV, n. 369 (7 de Fevereiro de 1959): 1.
- «Facetas de uma vida». *O Gaiato* Ano XX, n. 496 (16 de Março de 1963): 1.
- «Facetas de uma vida». *O Gaiato* Ano XXIII, n. 558 (31 de Julho de 1965): 2.
- «Facetas de uma vida». *O Gaiato* Ano XLV, n. 1055 (18 de Agosto de 1984): 3.4.
- MENDES, Júlio. «Doutrina». *O Gaiato* Ano XXXIV, n. 866 (21 de Maio de 1977): 2.
- REYNAUD, Maria João. «Gente das letras ao encontro de Pai Américo». *O Gaiato* Ano LXVII, n. 1726 (8 de Maio de 2010): 1.3.

3. Bibliografia Geral

- AMARAL, Luís Carlos. «O Padre Américo e a Obra da Rua: a santidade como atitude social pedagógica». *Semanário Ecclesia*, n. 1447 (25 de Setembro de 2014): 62-68.
- ANTOINE, Charles. *Curso de Economia Social*. Viseu: Imprensa da «Revista Catholica», 1904.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira. «Antoine-Frédéric Ozanam (1813-1853): o leigo cristão». *Humanística e Teologia* 19, n. 1-2 (1998): 117-30.
- . «Clero Secular (III. Do Liberalismo à actualidade)». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 1:370-81. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- . «L'insegnamento nella facoltà di teologia di Coimbra nel contesto europeo del secolo XIX». Em *A Igreja e o Clero Português no contexto europeu*, 295-306. Estudos de História Contemporânea. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa – UCP, 2005.

- BARBOSA, Manuel Durães. *Padre Américo – Educação e Sentido da Responsabilidade*. Porto: Edições Salesianas, 1988.
- BERTHELON, Pierre. *Le message du Père Chévrier*. Le Puy: Ed. Xavier Mappus, 1960.
- BOURGY, Paul. *Teologia e Espiritualidade do Mistério da Encarnação*. Traduzido por José Correia da Cunha. Lisboa: Tip. União Gráfica, 1963.
- BRANDÃO, José. *História da pobreza em Portugal. Nove séculos de bancarrotas, resgates e má gestão, de Afonso Henriques à Troika dos nossos dias*. 1.^a ed. 1 vols. S. Pedro do Estoril: Saída de Emergência, 2014.
- BRITES, Joana. «Construir a história: a sede do CADC de Coimbra». *Lusitania Sacra*, 2.^a, n. 19-20 (2008 de 2007): 121-69.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. «O Cardeal Cerejeira: universitário e homem de letras». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 2 (1990): 21-45.
- CONGAR, Yves M.-J. *Igreja serva e pobre*. Lisboa: Editorial Logos, 1964.
- COSTA, Roberta, Maria Itayra PADILHA, Lúcia Nazareth AMANTE, Eliani COSTA, e Lisnéia Fabiani BOCK. «O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo». *Texto & Contexto – Enfermagem (Florianópolis – Brasil)* 18, n. 4 (2009): 661-69.
- DEUSDADO, Manuel António Ferreira. *A Filosofia tomista em Portugal: documento estabelecido sobre um ensaio de M. A. Ferreira Deusdado*. Porto: Lello & Irmão, 1978. [em linha; <<http://catalog.hathitrust.org/Record/006754515>>].
- . «La philosophie thomiste en Portugal . Notes pour servir à l’histoire de la philosophie en Portugal». *Revue néo-scholastique*, n. 20 (1898): 429-50.
- DIAS, Geraldo J. A. Coelho. «A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos». *Revista da Faculdade de Letras – HISTÓRIA*, II série, 4 (1987): 227-56.
- DUARTE, Maria Palmira de Moraes. *Somos a porta aberta: pedagogia do padre Américo: métodos e vida*. 2.^a ed. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1985.
- ELIAS, Padre. *O pai Américo era assim*. 1.^a ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1958.
- ESTEVÃO, Nuno. «A restauração do tomismo em Portugal no século XIX: as Instituições Christãs e a Academia de S. Tomás de Aquino em Coimbra (1880-1893)». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 16 (2004): 43-86.
- FALCÃO, Manuel Franco. «O Cardeal Cerejeira, pastor da Igreja lisbonense». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 2 (1990): 89-121.
- FARIAS, José Jacinto Ferreira de. «O kairos sacramental: o lugar do cruzamento do tempo e a eternidade, da justiça e da misericórdia». *Didaskalia. Revista da Faculdade de Teologia-Lisboa* XLI (2011): 173-89.
- FERREIRA, António Matos, e João Miguel ALMEIDA. *Religião e Cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*. 1.^a ed. Estudos de História Religiosa 10. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2011.

- FERREIRA, José F. Coelho. *Padre Américo: vida e obra*. 2.^a ed. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 1989.
- FIGUEIRA, M. Fernanda Reis. «A Faculdade de Teologia perante o materialismo (1861-1905)». *Revista de História das Ideias* 1 (1976): 205-35.
- FONTES, Paulo F. de Oliveira. «A institucionalização da Acção Católica Portuguesa e a festa de Cristo-Rei». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 19-20 (2008 de 2007): 171-93.
- . «O catolicismo português no século XX: da separação à democracia». Em *História Religiosa de Portugal*, por Carlos A. Moreira AZEVEDO, 129-351. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- FÓRUM ABEL VARZIM. *Abel Varzim: entre o ideal e o possível*. Lisboa: Multinova, 2000.
- FRANCO, António Luciano de Sousa. «O Cardeal Cerejeira e os leigos». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 2 (1990): 147-68.
- GOMES, Joaquim Ferreira. «O Padre António de Oliveira (1867-1923), Grande Educador». *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades (Instituto Superior Miguel Torga – Coimbra)*, n. 1 (2001): 108-23.
- . «Universidade de Coimbra». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4:314-20. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- GOMES, J. Pinharanda. «Neotomismo». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 3:304-6. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- GONÇALVES, Eduardo Cordeiro. «Luís Maria da Silva Ramos e a Crítica dum Socialista. A Propósito da Rerum Novarum». Em *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, 561-68. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Letras, 2004.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis. *Con los pobres contra la pobreza*. 4.^a ed. Madrid: San Pablo, 1991.
- GUERREIRO, Jacinto Salvador. «A imprensa católica no século XX em Portugal: apresentação de um projecto». *Lusitania Sacra*, 2.^a, 10 (1998): 383-88.
- GUIMARÃES, Joaquim Francisco Pereira. «AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR. Da infância ao sacerdócio, 1887-1930; Facetas de uma vida. [texto policopiado]». Tese de Mestrado em História Contemporânea, FLUP, 2013.
- HOBBSAWM, Eric. *La Era de la Revolución: 1789-1848*. Traduzido por Félix Ximénez de SANDOVAL. 6.^a ed. Biblioteca E. J. Hobsbawm de Historia Contemporânea. Buenos Aires: Editorial Paidós/Editorial Crítica, 2007.
- IGREJA CATÓLICA – Conferência Episcopal Portuguesa. «Nota do Episcopado sobre o Centenário do Padre Américo». *Lumen*, n. 48 (1987): 4-6.
- IGREJA CATÓLICA – João XXIII, Papa (1958-1963). «Radiomensagem a todos os fiéis cristãos a um mês da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II», 1962. [em linha:

<https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/messages/pont_messages/1962.index.html>].

IGREJA CATÓLICA: Leão XIII, Papa (1878-1903). *Carta Encíclica «Aeterni Patris – Sobre a restauração da filosofia cristã conforme à doutrina de S. Tomás de Aquino»*, 1879. [em linha: <https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_04081879_aeterni-patris.html>].

———. «Carta Encíclica “Satis Cognitum” sobre a unidade da Igreja (29.06.1896)». Em *Acta Sanctae Sedis*, 28:708–39, 1876. [em linha: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_29061896_satis-cognitum.html>].

ILLANES, José Luis, e Josep Ignasi SARANYANA. *Historia de la Teología*. Col. «Sapientia Fidei» 5. Madrid: BAC, 1995.

JEDIN, Hubert, ed. *Manual de Historia de la Iglesia*. Vol. 8. Col. «Biblioteca Herder – Sección de Historia», vol. 153. Barcelona: Editorial Herder, 1978.

———. ed. *Manual de Historia de la Iglesia*. Vol. 9. Col. «Biblioteca Herder – Sección de Historia», vol. 70. Barcelona: Editorial Herder, 1984.

LEBRUM, Mons. «Padre Mateo Crawley-Boevey, Apóstolo da Missa Gregoriana e Entronização ao S.C. Jesus». Acedido 16 de Setembro de 2015. [em linha: <<http://padremateocrawley.blogspot.pt/2014/12/biografia-del-padre-mateo-crawley.html>>].

LE CLERC, Pierre. *Uma Introdução à história dos Filhos da Caridade*. Paris: Filhos da Caridade, 1994.

LOPES-CARDOSO, Maria Manuela. *Américo Monteiro de Aguiar – Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas de um projecto educativo*. Lisboa, 2007.

LOPES, Lúcia Marlene Macário, e Sandra Maria Pereira dos SANTOS. «Florence Nightingale – Apontamentos sobre a fundadora da Enfermagem Moderna». *Revista de Enfermagem Referência (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra)*, III Série, n. 2 (Dezembro de 2010): 181-89.

LOUREIRO, João Evangelista. *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*. Paço de Sousa: [Editorial Casa do Gaiato], 1963.

———. *Um grande educador português do século XX : o Padre Américo e a sua obra pedagógica*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1996.

MANSO, Artur. «Manuel António Ferreira-Deusdado (1858-1918). Ensaio biobibliográfico». Em *A Terra de Duas Línguas. Antologia de Autores Transmontanos*, por Ernesto RODRIGUES e Amadeu FERREIRA, 317-26. Valongo: Lema d’Origem, 2013.

MARCELINO, António Baltasar. *PADRE AMÉRICO. Precursor do II Concílio do Vaticano. A sua leitura dos sinais dos tempos*. Editado por Henrique Manuel PEREIRA e Padre Manuel MENDES. Coimbra: Alforria-Tenacitas, 2016.

MARQUES, João Francisco. «Oratória Sacra ou Parenética». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4:470–510. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001.

- MARTINS, Ernesto Candeias. *Amor, Meditação e Acção – Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*. Palimage, 2009.
- . «Intervenção e acção social em prol dos necessitados. A experiência do Padre Américo e da Obra da Rua». *Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras (UNIOESTE – Brasil)*, n. 7 (2005): 111-41.
- . *O Projecto Educativo do Padre Américo – O Ambiente na Educação do Rapaz*. Lisboa: Temas e Debates, 2004.
- . *Padre Américo. O destino de uma vida*. [s.l.]: Editalma, 2012.
- . «Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade». *Estudos N. S.*, n. 6 (2006): 257-91.
- MARTINS, Maria João. *História da criança em Portugal. Desde D. Afonso Henriques até aos nossos dias, um olhar inédito sobre a infância*. 1.^a ed. Lisboa: Parsifal, 2014.
- MARTINS, Maria Manuela Brito. «A recepção do neo-tomismo em Portugal na segunda metade de Oitocentos: em torno do Bispo Bastos Pina, Tiago Sinibaldi, Martins Capela e Silva Ramos». Em *Actas do Congresso Internacional «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000»*, 161-90. Porto: Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto; INCM, 2007. [em linha: <<http://hdl.handle.net/10400.14/14000>>].
- MARUJO, António. «Padre Américo, o homem que acolhia os rapazes “lixo das ruas”». *PÚBLICO*. Acedido 13 de Março de 2015. [em linha: <<https://www.publico.pt/sociedade/jornal/padre-americo-o-homem-que-acolhia-os-rapazes-lixo-das-ruas-89233>>].
- MATOS, Luís Salgado de. «Cardeal Cerejeira: universitário, militante, místico». *Análise Social XXXVI*, n. 160 (2001): 803-37.
- MENDES, Manuel. *Padre Américo. Itinerário Vocacional*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 2014.
- MÖHLER, Johann Adam. *La unidad en la Iglesia o el principio del catolicismo expuesto según el espíritu de los Padres de la Iglesia de los tres primeros siglos*. Editado por Pedro RODRIGUEZ e José R. VILLAR. Biblioteca de Teología 22. Pamplona: Ediciones Eunat, 1996.
- . *Simbólica o exposición de las diferencias dogmáticas de católicos y protestantes según sus públicas profesiones de fe*. Editado por Pedro RODRIGUEZ e José R. VILLAR. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2000.
- MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. Traduzido por José FERNANDES. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- MONTEIRO, Joaquim. «A Espiritualidade da Serva de Deus Sílvia Cardoso». *Humanística e Teologia XVII*, n. 1-2 (1996): 113-64.
- MOREIRA, Paulo Jorge Neves. «Padre Américo: uma proposta de educação moral». Tese de Mestrado em Ciências Religiosas, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 2007.

- NEVES, Moreira das. *O Padre Américo*. Col. «Homens de Deus» 9. Lisboa: Edições Paulistas, 1987.
- OLIVEIRA, Zacarias de. «O Cantador». *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)*, n. 1 (1972): 32-36.
- «Padre Américo, precursor do Vaticano II. A sua leitura dos “sinais dos tempos”». *O Gaiato* Ano LXX, n. 1804 (4 de Maio de 2013): 1.
- PEREIRA, Helena Sousa. *O Padre Américo e a Obra da Rua*. Alêtheia Editores, 2006.
- PEREIRA, Henrique Manuel. «Américo Monteiro de Aguiar: para uma bibliografia». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 8-9 (1997 de 1996): 649-80.
- . «Como se da estátua brotassem flores». *Jornal Público*. 3 de Setembro de 2014. [em linha: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/como-se-da-estatua-brotassem-flores-1668558>>].
- . *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*. Coimbra: Tenacitas-Alforria, 2015.
- PIKAZA, Xavier O., e José Antunes da SILVA, eds. *O Pacto das Catacumbas. A missão dos pobres na igreja*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- RAMOS, António de Jesus. *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.
- RAMOS, José da Rocha. *Padre Américo: místico do nosso tempo*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1997.
- REIS, Bruno Cardoso. «Fátima: a recepção nos diários católicos (1917-1930)». *Análise Social* XXXVI, n. 158-59 (2001): 249-99.
- REZOLA, Maria Inácia. «Abel Varzim: Um Testemunho Para Hoje». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 7 (1995): 457-58.
- . «Correia, Joaquim Alves (1886-1951)». *Dicionário de História do Estado Novo I* (1996): 224.
- RIBEIRO, Jorge Martins Reis. «A Doutrina Social da Igreja e o seu enquadramento histórico». *Communio – Revista Internacional Católica*, n. 3 (1987): 197-210.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, e Irene Maria VAQUINHAS. «Os professores da Universidade de Coimbra ao tempo de Rodrigues de Freitas». Em *Rodrigues de Freitas: a obra e os contextos. Actas do Colóquio.*, 223-28. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Centro Leonardo Coimbra, 1997.
- RIGA, Peter. «The ecclesiology of Johann Adam Möhler». *Theological Studies (New York – EUA)*, n. 22 (1961): 563-87.
- RODRIGUES, Manuel Augusto. «Teologia». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4:276-82. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001.

- ROVIRA BELLOSO, Jose Maria. *Introducción a la Teología*. Serie de Manuales de Teología 1. Madrid: BAC, 1996.
- SANCHES, Acácio. «Modelo de intervenção oratória no Portugal contemporâneo: a Missão Popular». *Lusitania Sacra*, 2.^a, 24 (2011): 179-94.
- SANTOS, Gil Moreira dos. *Padre Américo e a Obra de Rua*. Modo de Ler, 2008.
- SANTOS, José da Cruz Santos (Coord.). *É tempo de falar do Padre Américo. Desenhos, pinturas, poemas & outros lugares poéticos*. 1.^a ed. Porto: Modo de Ler, 2016.
- SARDICA, José Miguel. «A Recepção da Doutrina Social de Leão XIII em Portugal». *Lusitania Sacra*, 2.^a, n. 16 (2004): 367-83.
- SAURAS, Emílio. «El misterio de la Iglesia y la figura del cuerpo místico». Em *Concilio Vaticano II. Comentarios a la Constitución sobre la Iglesia*, editado por Casimiro Morcillo González, 178-263. Madrid: BAC, 1966.
- SESBOÜË, Bernard (Dir.). *Os sinais da Salvação (séculos XIX-XX)*. 4 vols. História dos Dogmas 3. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SESBOÜË, Bernard, e Christoph THEOBALD. *A Palavra da Salvação (séculos XVIII-XX)*. Col. «História dos Dogmas» 4. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- SILVA, Amaro Carvalho da. «Martins Capela, um divulgador do Neotomismo». *Revista Portuguesa de Filosofia* 48, n. 2 (1992): 321-47.
- SIMÕES, Manuel. «O Padre Américo, evangelista dos pobres». *Brotéria* 126, n. 2 (1988): 201-4.
- SINIBALDI, Thiago. *Elementos de philosophia*. 2.^a ed. 2 vols. Coimbra: Typographia do Seminário, 1894.
- SOARES, Pe. Avelino. «Facetas de uma vida». *O Gaiato*, n. 340 (16 de Março de 1957): 1.4.
- SÖHNGEN, G. «Analogía». Em *Conceptos Fundamentales de la Teología*, editado por Heinrich FRIES, 1:76-88. Barcelona: Ediciones Cristiandad, 1966.
- SOUSA, João António de. «O Cardeal Cerejeira, pai e amigo do seu clero». *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n. 2 (1990): 123-45.
- TAUROG, Norman. *Boys Town*, 1938. [em linha: <<http://www.imdb.com/title/tt0029942/fullcredits/>>].
- TRINDADE, Manuel da Silva, e Gabriel de SOUSA. *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra: Dr. Francisco José de Sousa Gomes, Pe. Luís Lopes de Melo, Pe. Américo, Ir. M. a Carolina de Sousa Gomes, Fr. Bernardo de Vasconcelos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991.
- TRINDADE, Manuel de Almeida. *O padre Luís Lopes de Melo e a sua época (1885-1951)*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1958.
- VARZIM, Abel. *Procissão dos Passos: Uma vivência no Bairro Alto*. Editorial Cáritas, 2014.

- VIEIRA, Maria do Pilar S. A. «Criaditas dos Pobres (Congregação das)». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 2:27. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- VILANOVA, Evangelista. *Historia de la Teologia Cristiana*. Vol. III. Barcelona: Editorial Herder, 1992.
- VOSS, S. J., Gustav. «Johann Adam Möhler and the development of dogma». *Theological Studies*, n. 4 (1943): 420-44.
- VV. AA. «A nossa pobreza de criaditas». *Communio – Revista Internacional Católica* III, n. 5 (1986): 476-77.
- . *A pobreza na Igreja*. Col. «O Pensamento da Igreja», nº 4. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1964.
- . *Normas de Vida dos Padres da Rua*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato/Obra da Rua, 2006.

ANEXOS

1. EXCERTOS DO DOCUMENTO
“Normas de vida dos Padres da Rua”

Normas de Vida dos “Padres da Rua” – esquema

OS PADRES DA RUA

O SER

1. A Génese
2. O Espírito
3. O Corpo
4. A Vida

O AGIR

A OBRA DA RUA

1. Natureza e Fins
2. Os Meios
3. Unidade

O SER

1. A Génese

- 1 – Os “padres da rua” são sacerdotes que, por sua livre vontade e com licença superior, se dão totalmente a Deus na “Obra da Rua”.
- 2 – A união num mesmo espírito e em uma Família é o fundamento da vida comunitária, sem a qual faltaria razão de ser ao grupo sacerdotal.
- 3 – Este mesmo espírito e esta Família nasceram da vocação do Fundador e da sua fidelidade a ela.

(...)

- 5 – Este espírito anima a vida comunitária: em primeiro lugar pela total entrega de cada um ao serviço da Igreja, que os «padres da rua» devem amar com a paixão fervorosa do Fundador; depois, pela inspiração do mesmo apostolado, cujo exercício cria entre eles laços de interdependência.

(...)

- 7 – Todavia, a necessidade de organizar internamente a vida comunitária dos “padres da rua” não os segrega da diocese de tal modo que eles não possam permanecer apenas um grupo de sacerdotes seculares que, por vontade própria e com licença do seu Bispo, se dão a um apostolado específico, animados por um espírito e métodos próprios.
- 8 – Este apostolado específico pelo qual os sacerdotes, por vontade própria e consentidos pela Igreja, se unem num grupo sacerdotal, é a evangelização dos Pobres, dos mais caídos e abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável.

(...)

- 12 – O apostolado dos «padres da rua» é, pois, serviço da Igreja na diocese. Só o específico da sua vocação, a identidade do espírito que os anima e dos métodos que empregam, aliados à eficácia que resulta de toda a união, determinam o agrupamento sacerdotal e consequente organização.

(...)

- 14 – Portanto, não desvincula o padre do seu Bispo. O seu ideal permanece: Servir em nome do Bispo, em união com o Bispo – *Nihil sine Episcopo*.

E, ainda que a conveniência do apostolado indique um padre para um posto fora da sua diocese de origem, nem a distância destrói os laços da incardinação, nem a mística deixa de valer: Onde quer que esteja, servir a Igreja em nome do Ordinário do lugar e em união com ele.

- 15 – Recapitulando e concluindo: os «padres da rua» formam um grupo moralmente unido em vida comunitária, em ordem a um apostolado de Caridade incarnado em acção social. São padres diocesanos. Assim se consideram e desejam permanecer, sem outro anseio senão que os seus Bispos os considerem efectivamente ao serviço da Igreja sob a sua autoridade, com a liberdade de acção que o seu modo de ser pede e o facto de estarem em diferentes dioceses postula, para que não percam o espírito do Fundador e a unidade da acção.

(...)

2. O Espírito

16 – “Os padres da rua são padres seculares. Não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada”.

17 – “São apaixonados de Cristo. Podem não ter carismas sensíveis, nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo”.

(...)

19 – “Os ‘padres da rua’ são homens de vida interior, que por si mesmos se submetem aos conselhos de Cristo Nosso Senhor, como se O tivessem visto, ouvido e conhecido na Sua vida mortal”.

(...)

24 – “A sua regra é o Evangelho meditado e praticado na vida interior e também na de relação com o seu semelhante, mormente com os Pobres mais caídos e mais abandonados.

O Rapaz da rua, o Doente incurável, a Família em desagregação – são a sua parte.”

25 – “São pobres: pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque.

Eles são homens que não podem perguntar o que hão-de comer e vestir, sem deixarem, contudo, de trabalhar e poupar para terem sempre à mão o necessário, tanto para si como para as multidões que os procuram”.

26 – “Devem ser firmes e resistir com toda a confiança à tentação do pecúlio, quer ela venha de dentro, quer de fora. Jamais fazer seu qualquer emolumento por prestação de trabalhos, ou esmola a título pessoal.

A vida deles é comunitária. Não mintam ao Espírito Santo como outrora fizeram alguns aos pés dos Apóstolos e pereceram”!

27 – “Os ‘padres da rua’ podem, naturalmente, pedir ao Superior e retirar dos dinheiros correntes o necessário para as suas legítimas necessidades. Mas não podem, em consciência, ter a sua bolsa”.

28 – “Guardem-se de insinuar testamentos ou quaisquer formas de possuir que venham mais tarde a macular a nossa verdadeira riqueza.

Tampouco se prestem a dar conselhos sobre últimas disposições. Não nos manda Deus tratar de negócios materiais, mas sim de salvar homens pela força do Evangelho”.

(...)

30 – “A nós compete-nos viver uma pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida, quer na doença, quer na velhice. Duvidar é recuar”.

31 – “Os ‘padres da rua’ são mendicantes: Padres pobres ao serviço de uma Obra pobre.

Sempre que for necessário saiam a mendigar e recebam por amor de Deus, tanto o sim como o não”.

32 – “Com licença dos Bispos vão pelas Igrejas e apresentem-se ousadamente como padres sem ouro nem prata, sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas provém, não deles, mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são”.

- 33 – “Vejam na afluência das esmolas uma obrigação de mais distribuir e melhor realizar. Falando elas, bendito seja o Senhor Deus de Israel”.
- 34 – “É proibido aceitar heranças por testamento. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que, tendo mais, podem fazer melhor. No caso de uma herança não é verdade. É a carne a falar.
- Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo”.
- 35 – “Os ‘padres da rua’ são obedientes por devoção. Em primeiro lugar à Igreja. E, por amor desta, ao seu Superior eleito.
- Não discutam. Não sofismem. Aceitem por um acto de fé, como sendo de Deus, a vontade expressa do Superior. Sem obediência assim compreendida e praticada é impossível existir união”.

(...)

3. O Corpo

- 38 – O corpo moral que os “padres da rua” constituem, tem por padrão a Família.
- Os “padres da rua”, porque irmanados no mesmo espírito e no mesmo ideal apostólicos, têm-se entre si como irmãos.

(...)

- 41 – Jesus, único Mestre e Senhor, do Qual todos se consideram discípulos e servos, à imitação do Fundador e de todos os Homens de Deus, é o centro de encontro, pois nenhuma outra aspiração os anima que não seja realizar a Sua vontade e trabalhar na dilatação do Seu Reino.
- 42 – A pobreza dos meios materiais e dos meios humanos de que dispõem, une-os e tranquiliza-os – pois é garantia de não ultrapassarem o que Deus quer deles; certos de que nunca ficarão à quem porque Deus lhes falte com o necessário à realização do que Ele quer.
- 43 – Os “padres da rua” têm vida comunitária, mas não vida comum. Cada um dirige a Casa ou Casas de que foi entregue, na instante procura de fidelidade ao espírito e métodos do Fundador.
- 44 – A vida não comum e a sua estruturação em princípios mais do que em regras muito concretizadas, de modo tal que é deixada a cada um larga parte de iniciativa e de responsabilidade no governo da comunidade a seu cuidado, obriga cada padre a um esforço mais pessoal e constante de fidelidade ao espírito comum e a uma auto-vigilância muito leal para se manter em paralelo com os outros padres.

(...)

- 47 – De resto, os “padres da rua”, como diocesanos que são cuidam da sua vida espiritual, usando os recursos que a diocese onde se encontram oferece para tal aos seus sacerdotes: A confissão, a direcção espiritual, as colecções, os retiros, cursos ou sessões de estudo a que possam assistir e enriqueçam a sua formação e a sua informação em ordem ao seu múnus.

- 48 – É bom, mesmo, que convivam com os sacerdotes da região, entreajudando-se sem atropelo da hierarquia das suas obrigações, evitando tudo o que possa fazê-los, ou mesmo fazê-los parecer, gente segregada. O primeiro vínculo que realiza a união dos "padres da rua" entre si é a sua total entrega ao serviço da Igreja; o segundo, a sua entrega à Obra da Rua (cf. n.º 5).
- 49 – Em tudo e sempre, cumpre aos "padres da rua" ordenar a sua vida segundo as disposições tanto dos cânones do Direito Canónico (124-144), como decretos do Concílio Plenário Português (1-43), ou outras normas da Igreja respeitantes à vida e honestidade sacerdotais.
- 50 – Além dos padres, podem pertencer à Obra, em sentido estrito:
- a) Aqueles seminaristas que, dedicados já ao serviço da Obra, se preparam em Seminário da Diocese que lhes dará incardinação.
 - b) Aquelas senhoras, ou outras pessoas, que deixaram tudo para se darem e gastarem ao serviço da Obra, sem esperança de outra recompensa senão a de Deus.
 - c) Aqueles Rapazes – se casados, com suas esposas – que, estando ao serviço da Obra, fundem nela as suas vidas, decididos a participar sem reservas nem condições a aventura providencial que a Obra incarna, ambiciosos apenas da perfeição e do prémio eterno a que esta conduz – são os **Continuadores**.
- 51 – Além destes membros em sentido estrito, em sentido lato, consideram-se **Cooperadores** aqueles rapazes que, embora não fundindo as suas vidas na vida da Obra, a desejam servir, animados pelo mesmo espírito e usando os mesmos meios para a realização do mesmo apostolado.
- 52 – Em sentido ainda mais lato, considera-se também da Família, aquela imensa e anónima legião de Amigos que, com o seu amor, seus sacrifícios, suas orações e esmolas, ajudam os obreiros de dentro a realizar a Obra.
- 53 – Na perspectiva eminentemente activa que caracteriza a pedagogia do Fundador, consideram-se ainda como obreiros em lato sentido, todos aqueles por quem a Obra é e a quem serve.

4. A Vida

- 54 – A vida comunitária dos «padres da rua» realiza-se não só em espírito de Família, mas em comunidades estruturadas à maneira de uma Família. "Eles são por natureza o Pai de Família".
- 55 – Os vários centros desta realização vital – as Casas da Obra – são, pois, relativamente umas às outras, **fraternidades**, em que cada padre é o Pai de Família.
- (...)
- 65 – Quanto a bens temporais, os "padres da rua", não constituindo um instituto canónico, não têm problemas que a posse origina. Estes surgem na Obra que os padres realizam e superiormente gerem e serão regulados adiante.

O AGIR

A OBRA DA RUA

1. Natureza e Fins

66 – Os “padres da rua” exercem a sua vocação na Obra da Rua. Esta é a incarnação da actividade apostólica dos padres. “É um fruto das Obras de Misericórdia praticadas com a intenção de que o mundo veja e glorifique o Pai Celeste”.

67 – A alma da Obra da Rua é a Caridade, a qual informa um corpo de natureza assistencial, cuja existência no seio da sociedade civil lhe determinou os estatutos civis aprovados e abençoados pela Autoridade Eclesiástica, pelos quais a Obra se tem regulado e continuará a reger-se no foro civil.

68 – Formalmente, os “padres da rua” fazem Caridade. As suas Normas de Vida retratam o que eles são e regulam o seu apostolado. Materialmente, fazem assistência, pelo que receberam da Autoridade Civil um Estatuto, também aprovado e abençoado pela Autoridade Eclesiástica.

69 – A Obra da Rua é uma correspondência à fome e sede de Justiça de tantos de quem os “padres da rua” comungam a dor. “Eles fazem seus e procuram resolver os problemas da gente da rua. Saíam, portanto, a visitar o Pobre, quer nas cidades, quer nas aldeias, inteirando-se da vida e do estado de cada um”.

(...)

71 – “Construam-se casas de habitação e entreguem-se sem renda aos que delas necessitam. Construam-se abrigos para doentes incuráveis que não têm onde viver nem onde morrer. A Deus nada é impossível”.

(...)

73 – “Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom”.

74 – “No seu periódico ‘O Gaiato’ e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas”.

75 – “Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem”.

“Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um”.

(...)

80 – Daí, o movimento da Obra nascido e dela irradiado acerca do problema da habitação dos Pobres e dos Miseráveis, válido como grito de alerta para esta urgência social e válido ainda nos problemas que já solucionou – o **Património dos Pobres** e as suas **modalidades**.

- 81 – Daí, o debruçar-se com sobrenatural solicitude sobre o doente incurável, a quem falta tudo quanto de material lhe poderia adoçar o sofrer e o carinho da Família que não tem – o Calvário.
- 82 – E, em primeiro lugar por ordem cronológica e na extensão do serviço, é o amparo da criança abandonada, que a Obra realiza nas Casas e Lares do Gaiato.
- 83 – “A Obra da Rua prefere os mais repelentes, os mais difíceis, os mais viciosos. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar, para ser através dos tempos uma palavra nova. Quem ninguém jamais deturpe”.

(...)

2. Os Meios

(...)

- 86 – “Não há sistemas. Não há regras. Não há estatutos. Há a intuição”.

(...)

- 88 – “A Justiça é a primeira arma de combate aos vícios, às quedas e más inclinações do Rapaz. Ela persuade, encoraja, dá brio; é irmã gémea do Decálogo. Por isso, o que preside, tem de se munir desta arma para todos os casos, ainda os mais insignificantes, sabendo que, quanto mais tenra for a idade, mais vivo é na criança o sentimento de Justiça”.
- 89 – “A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos ‘padres da rua’ tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo.
Por ela, pela alma dos Rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa Capela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: Pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados”.
- 90 – “Cuide-se de fomentar na alma do Rapaz o amor aos Pobres, como complemento necessário da sua educação religiosa. Para tal, sejam distribuídas, por mão deles, parte das esmolas que os fiéis nos dão. Como já acontece nas Casas existentes, noutras que, por ventura, se venham a erguer, dê-se ao Rapaz a iniciativa total desta santa e doce tarefa, por amor de Deus; estão aqui os alicerces seguros de uma Obra cristã”.
- 91 – “A vida de trabalho deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã. Cada Rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela”.
- 92 – “Nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio, a iniciativa, a personalidade – tudo procede daquela fórmula. É nossa divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. O trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem”.
- 93 – “A tendência da Obra, é que sejam Rapazes os seus próprios continuadores. Por isso mesmo escolha-se entre eles o mais avisado e dê-se-lhe preparação. Os ‘padres da rua’ não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades, sejam dirigidas e exploradas por Rapazes idóneos, segundo a escolha do Superior, a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos”.

(...)

3. Unidade

- 96 – “As Casas existentes e outras que porventura se venham a fundar, devem gozar de uma racional independência e, quanto possível, bastarem-se. Porém, jamais a multiplicação venha nunca a prejudicar a sua Unidade”.

2. TABELAS COM A EVOLUÇÃO DOS ASSINANTES DO CLERO DO JORNAL “O GAIATO”

Graças à sempre prestável colaboração da atual Equipa de Redação do Jornal “O Gaiato”, foi possível proceder à recolha dos dados relativos aos Assinantes do dito Jornal pertencentes ao Clero ou diretamente relacionados com alguma estrutura ou instituição eclesial (note-se que as assinaturas tanto podem ser de ordem individual como surgir em nome de outras Entidades ligadas à Igreja Católica, desde Comunidades Religiosas, Institutos Missionários ou Paróquias, por exemplo). Neste quadro, verificou-se a existência de duas bases de dados distintas: uma relativa aos “Assinantes Antigos”, ou seja, aqueles assinantes que, num dado momento e por diferentes motivos, anularam a sua assinatura, deixando, por isso, de constar da lista atual dos Assinantes do Jornal; e uma outra respeitante aos “Assinantes Ativos”, ou seja, aqueles que, desde 1944, mantêm a sua assinatura ativa e atualizada²⁵⁸. Porque foi propósito perceber que tipo de “acolhimento” teve este Jornal quinzenal no seio do Clero contemporâneo de Padre Américo, procedeu-se então a uma primeira filtragem desta informação de acordo com o critério temporal respeitante ao respetivo período vital (1944-1956). Como resultado, foram identificados 107 (cento e sete) Assinantes (67 “Antigos” + 40 “Ativos”) membros do Clero cujos dados merecem especial análise.

Posteriormente, e atendendo a que, dentro do referido período (compreendido entre 5 de março de 1944 até 14 de julho de 1956, data da primeira e última edição do jornal anterior à sua morte, respetivamente) o Jornal “O Gaiato” apresentou, em 19 das suas 323 edições, uma rubrica destinada à publicação das “Assinaturas Pagas” (ver as edições n.º 0003, n.º 0004, n.º 0005, n.º 0014, n.º 0019, n.º 0020, n.º 0022, n.º 0030, n.º 0031, n.º 0034, n.º 0053, n.º 0062, n.º 0063, n.º 0064, n.º 0069, n.º 0073, n.º 0074, n.º 0079, n.º 0084), tornou-se necessário sistematizar igualmente os elementos nelas constantes no que refere a elementos do Clero. Ora, analisando os nomes constantes das listas apresentadas em tais rubricas (ou seja: nomes daqueles Assinantes que, à data do Jornal e desde a sua anterior edição, tinham procedido ao pagamento – voluntário – da sua assinatura), foi possível identificar 113 nomes de membros do Clero que não constam das bases de dados anteriormente referidas (aqui denominados de “Assinantes Citados”) e que, a nosso ver, deveriam ser igualmente tidos em conta para este estudo.

²⁵⁸ Convirá referir que, tratando-se de uma publicação periódica quinzenal cujo pagamento de assinatura não é “obrigatório” para a sua subscrição, os casos de anulação de assinatura estavam (e estão) ligados a situações ora de extravio repetido de correspondência (por alteração não comunicada da residência do Assinante), ora de morte deste, ora de manifestação expressa de anulação de assinatura (estes últimos, casos muito raros).

Por conseguinte, conjugando ambas as fontes de informação utilizadas (as bases de dados gentilmente cedidas pela Equipa de Redação do Jornal e o conteúdo do próprio Jornal) chegou-se ao número de 220 (duzentos e vinte) Assinantes do Jornal “O Gaito” pertencentes ao Clero no período de vida de Padre Américo (tabela 1).

Tabela 1 – Tipos de Assinantes

Tipo de assinante	N.º Assinantes
Assinantes 1_Antigos	67
Assinantes 2_Citados	113
Assinantes 3_Ativos	40

Em seguida, e de modo a sistematizar os dados respeitantes a estes Assinantes, procedeu-se à respetiva divisão pelas seguintes “categorias”, cujas existências igualmente se registam (tabela 2). Note-se que, com estas “categorias”, pretende-se, sobretudo, identificar com maior precisão a origem e enquadramento eclesial destes Assinantes, embora se deva reconhecer que, nalguns casos, estas ocorrências poderão ser redundantes (ex.: o Padre X poderá ter uma assinatura em nome próprio e outra em nome da respetiva paróquia onde é pároco...).

Tabela 2 – Clero Assinante por Categoria

Categoria assinante	N.º Assinantes
Bispos	6
Comunidades Religiosas	10
Institutos Missionários	1
Irmãs Religiosas	1
Padres	177
Párocos	17
Paróquias	8

Recolhidos estes elementos, era nossa intenção proceder ao cruzamento destes dados com os que respeitam à realidade total do Clero (párocos, padres, paróquias e demais comunidades) daquela época, com vista à mais completa e melhor justificada perceção da correlação existente entre o universo do Clero Assinante do jornal “O Gaiato” no âmbito mais alargado de todo o Clero português. Não obstante, só nos foi possível atingir o presente estágio de sistematização dos dados recolhidos, pelo que se remete para posteriores análises a prossecução de tal objetivo.

Por outro lado, e na tentativa de igualmente perceber qual a distribuição temporal de tais Assinantes, procedeu-se a um segundo momento de sistematização:

- a) no que respeita aos “Assinantes Antigos” e aos “Assinantes Ativos”, aplicou-se um filtro correspondente à data da sua admissão como Assinante (de acordo com a indicação fornecida pela Redação do Jornal);
- b) aos “Assinantes Citados”, adotou-se como data de admissão como Assinante a data da edição do Jornal “O Gaiato” em cuja rubrica “Assinaturas Pagas” o respetivo nome (ou outra referência minimamente identificadora) aparece pela primeira vez. Eis, em síntese, a distribuição, por ano (e novamente entre 1944 e 1956) destes Assinantes (tabela 3):

Tabela 3 – Clero Assinante por Ano de Admissão

Ano Admissão	N.º Assinantes
1944	40
1945	17
1946	37
1947	51
1948	8
1949	13
1950	7
1951	14
1952	10
1953	6
1954	3
1955	9
1956	5

Restam, como já atrás se referiu, as análises mais apuradas destes dados agora sistematizados e pela primeira vez disponibilizados ao público que consigam responder à totalidade das questões, quer as inicialmente colocadas, quer as que nos suscitam a própria sistematização e apresentação agora concretizadas.

3. TABELAS E MAPAS DA “DISPERSÃO GEOGRÁFICA” DOS ASSINANTES DO CLERO DO JORNAL “O GAIATO”

Num plano de importância semelhante à compreensão e sistematização numérico-estatística e cronológica dos dados referentes aos Assinantes do Jornal “O Gaiato” que são membros do Clero está a compreensão (possível) da sua dispersão geográfica. Por isso, e paralelamente à análise anteriormente apresentada em síntese, procedeu-se igualmente à construção de uma base de dados em que, a partir das referências geográficas existentes para cada um dos Assinantes identificados, permitisse identificar (para posteriormente agrupar) a sua origem geográfica por Distrito e por Concelho. Dessa sistematização, resultou a seguinte distribuição geográfica (tabelas 4 e 5, respetivamente).

Tabela 4 – Clero Assinante por Distrito

Por Distrito	N.º Assinantes
Aveiro	20
Beja	4
Braga	7
Bragança	7
Castelo Branco	9
Coimbra	30
Évora	2
Faro	2
Guarda	22
Leiria	16
Lisboa	18
Portalegre	4
Porto	38
Região Autónoma dos Açores	2
Santarém	9
Setúbal	2
Viana do Castelo	2
Vila Real	12
Viseu	14

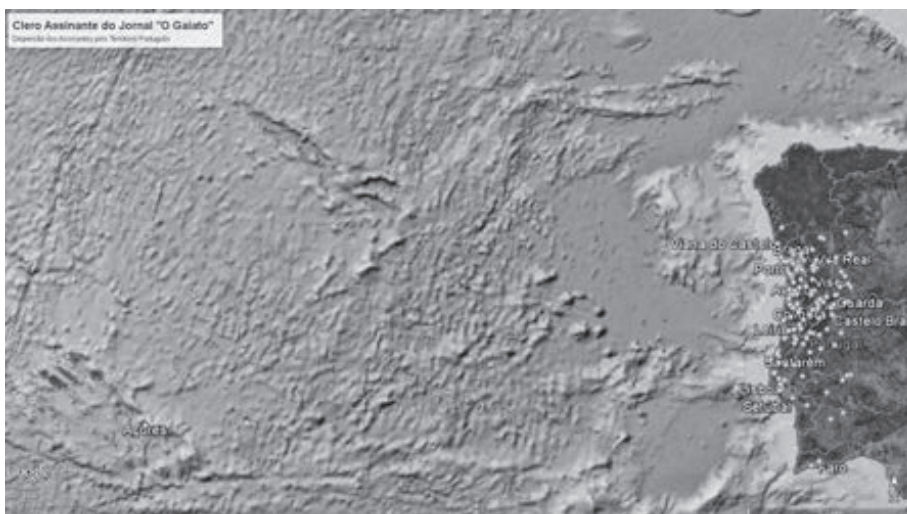
Tabela 5 – Clero Assinante por Concelho

Por Concelho	N.º Assinantes
Abrantes	1
Águeda	1
Albergaria-a-Velha	2
Alcácer do Sal	1
Alcobaça	1
Almeida	2
Amarante	1
Anadia	1
Ansião	3
Arouca	1
Aveiro	5
Azambuja	1
Beja	3
Bombarral	1
Braga	4
Bragança	3
Caldas da Rainha	2
Cantanhede	4
Carraceda de Ansiães	1
Castelo Branco	2
Castelo de Vide	1
Castro Daire	2
Chaves	3
Cinfães	2
Coimbra	11
Coruche	1
Covilhã	2
Elvas	2
Évora	1
Fafe	2
Felgueiras	2
Ferreira do Zêzere	1
Figueira da Foz	4
Figueira de Castelo Rodrigo	1
Fundão	2
Gavião	1
Góis	1
Gouveia	1

Guarda	11
Guimarães	1
Lagoa	1
Lamego	9
Leiria	6
Lisboa	10
Loures	1
Lousada	4
Mafra	1
Marco de Canaveses	4
Marinha Grande	1
Mesão Frio	1
Miranda do Corvo	1
Mogadouro	2
Montemor-o-Velho	1
Moura	1
Murtosa	1
Oliveira de Azeméis	1
Oliveira do Hospital	3
Ourém	5
Paços de Ferreira	1
Pampilhosa da Serra	1
Penafiel	5
Peniche	1
Pinhel	1
Pombal	2
Ponta Delgada	2
Porto	8
Póvoa do Varzim	1
Proença-a-Nova	1
Ribeira de Pena	1
Sabugal	3
Santa Maria da Feira	1
Santa Marta de Penaguião	1
Santarém	1
Santo Tirso	3
São João da Madeira	2
São Pedro do Sul	1
Seia	2
Sertã	2

Setúbal	1
Sever do Vouga	1
Silves	1
Soure	1
Tábua	1
Tomar	1
Tondela	1
Torres Vedras	4
Trofa	2
Vagos	2
Valença	1
Viana do Castelo	1
Vila do Conde	1
Vila Flor	1
Vila Franca de Xira	1
Vila Nova de Foz Côa	1
Vila Nova de Gaia	5
Vila Real	6
Vila Viçosa	1
Viseu	2

Ora, ao convertermos estes dados num mapa global que apresente a dispersão geográfica, pelo território nacional, de todos estes assinantes, deparamo-nos com o seguinte resultado (mapas 1 e 2).

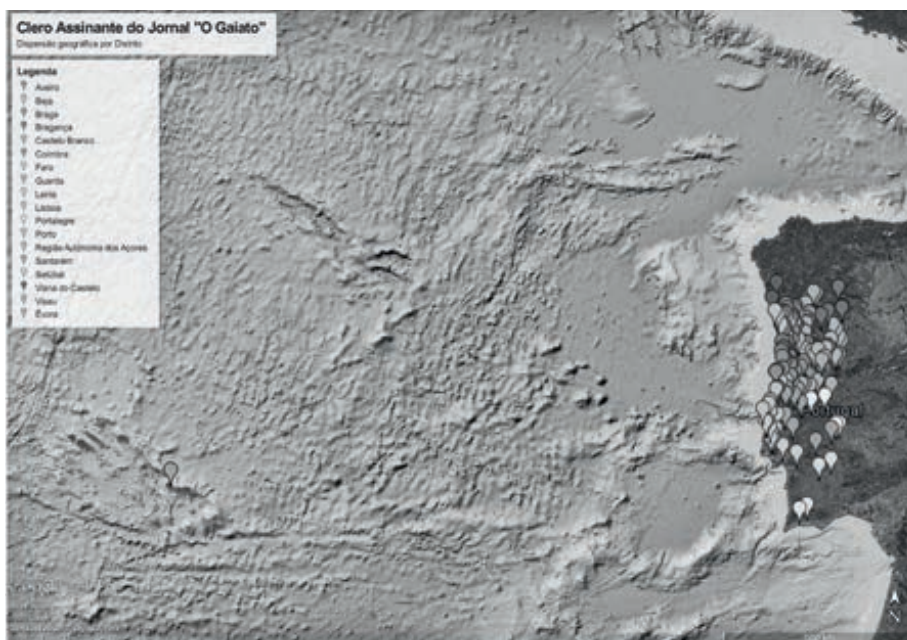


Mapa 1 – Dispersão Geográfica do Clero Assinante

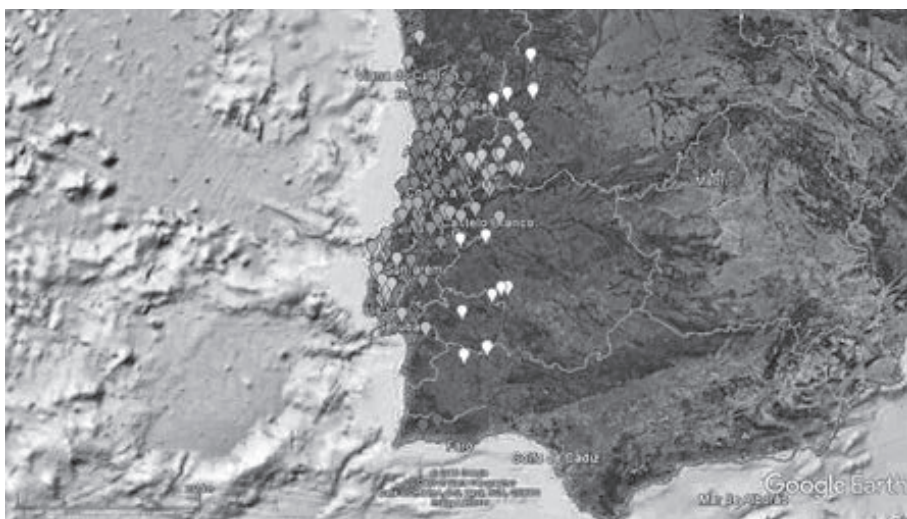


Mapa 2 – Dispersão Geográfica do Clero Assinante (Pormenor: Portugal Continental)

Atribuindo um código cromático a cada um dos distritos, percebe-se ainda melhor quer a dispersão quer a variação do número de Assinantes entre eles (mapas 3 e 4).



Mapa 3 – Dispersão Geográfica do Clero Assinante por Distrito



Mapa 4 – Dispersão Geográfica do Clero Assinante por Distrito (Pormenor: Portugal Continental)

Da análise mais pormenorizada destes dados (facilitada por esta visualização da dispersão geográfica dos Assinantes do Jornal “O Gaiato”) cremos ser não só possível como inteiramente válido retirar muitas outras conclusões que reforçam a ideia, aqui defendida, de que é inegável a influência do pensamento e obra de Padre Américo no Clero seu contemporâneo.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 – Notícia assinalando o 50.º aniversário da morte de Padre Américo	14
Fig. 2 e 3 – Notícia alusiva à morte de Padre Américo.....	16
Fig. 4 – Notícia alusiva ao funeral de Padre Américo.....	17
Fig. 5 – Testemunhos acerca das atividades desenvolvidas na Casa do Gaiato de Coimbra.....	21
Fig. 6 e 7 – Tabelas-resumo das “Casas do Património dos Pobres” existentes no país e da respetiva comparticipação da “Obra da Rua” na sua construção.....	22
Fig. 8 – Notícia alusiva à inauguração da “Casa do Calvário” (Beire – Paredes)	24
Fig. 9 – Notícia alusiva à inauguração da “Casa do Calvário” (Beire – Paredes)	25
Fig. 10 – Primeira página da edição especial comemorativa do 50º aniversário do Jornal "O Gaiato"	26
Fig. 11 – Notícias alusivas ao 50.º aniversário da publicação do Jornal “O Gaiato”.....	27
Fig. 12 – Artigo de Padre Américo intitulado “A riqueza da pobreza”, sobre a ação caritativa das “Irmãzinhas dos Pobres”, o seu próprio percurso vital e a sua conceção da pobreza, caridade e assistência	49

Fig. 13 – Artigo de Padre Américo intitulado “Hoje o Padre necessita de viver o Evangelho na vida toda”	68
Fig. 14 – Artigo de Padre Américo intitulado “Alguns anos depois”, sobre aqueles que eram, à data, os “Padres da Rua” (com fotos dos mesmos).	69
Fig. 15 – Fotografia de Padre Américo, acompanhado de D. António Ferreira Gomes e de colegas Padres	70

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	11
1. PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR: O HOMEM E A OBRA .	13
1.1. Do Homem	13
1.2. Da obra.	20
2. UM NOVO “MOVIMENTO DE OLHAR”: DA “TEOLOGIA” À “OBRA”	31
2.1. A “Teologia” de Padre Américo: um “pensar ao sabor do tempo”	31
2.1.1. Padre Américo e o Neotomismo em Portugal	33
2.1.2. Padre Américo e a Espiritualidade.	37
2.2. Um primeiro balanço	46
2.3 A questão social da “Pobreza”: o verdadeiro ponto de partida	48
2.3.1. Primeiras respostas	50
2.3.2. O (tardio?) despertar da Igreja	51
2.4. A resposta de Padre Américo: uma resposta-ação “personalizada”...	53
2.5. ...programaticamente inspirada na “Incarnação”	56
3. A “OBRA” DE PADRE AMÉRICO: UM “AGIR AO SABOR DA FÉ”	61
3.1. Jesus Cristo: modelo, centro e cume	61
3.2 Igreja: (Corpo) pobre e ao serviço dos pobres	66
3.3. A Caridade, ou o “olhar pró-ativo” por que o Mundo anseia.	76

4. CONCLUSÃO: HORIZONTES EM ABERTO (OU A “OBRA” QUE CUMPRE REALIZAR...)	81
Bibliografia	85
ANEXOS	
1. Excertos do documento “Normas de vida dos Padres da Rua”	97
Normas de Vida dos “Padres da Rua” – esquema	97
O SER	98
1. A Génese	98
2. O Espírito	99
3. O Corpo	100
4. A Vida	101
O AGIR	102
<i>A Obra da Rua</i>	102
1. <i>Natureza e Fins</i>	102
2. <i>Os Meios</i>	103
3. <i>Unidade</i>	104
2. Tabelas com a evolução dos assinantes do Clero do Jornal “O Gaiato” ..	105
3. Tabelas e mapas da “dispersão geográfica” dos assinantes do Clero do Jornal “O Gaiato”	109
Índice de ilustrações	115

